



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO -
POSTRAD

MARIA LÚCIA EVANGELISTA ESPÍNDOLA

REPRESENTAÇÕES SOBRE A MISTURA DE LÍNGUAS FALADA PELOS
IMIGRANTES BRASILEIROS DE FRAMINGHAM

Brasília

2014

MARIA LÚCIA EVANGELISTA ESPÍNDOLA

**REPRESENTAÇÕES SOBRE A MISTURA DE LÍNGUAS FALADA PELOS
IMIGRANTES BRASILEIROS DE FRAMINGHAM**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Sabine Gorovitz

Brasília

2014

MARIA LÚCIA EVANGELISTA ESPÍNDOLA

REPRESENTAÇÕES SOBRE A MISTURA DE LÍNGUAS FALADA PELOS
IMIGRANTES BRASILEIROS DE FRAMINGHAM

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução.

Dissertação defendida e aprovada em:

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sabine Gorovitz – UnB
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª Alice Maria de Araújo Ferreira – UnB
(Examinadora interna)

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes – UnB
(Examinador Externo)

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler – UnB
(Examinador Suplente)

Ao Hugo

Ao Caio

Ao Caio

Ao Hugo

À Lúcia

A Bert

À Sebastiana (Sana de Zé) [*in
memoriam*]

A José (Zé de Sana) [*in memoriam*]

A Geraldo (o Prijolo) [*in memoriam*]

A Manoel Teixeira Espindola (*in
memoriam*), que compartilhou comigo
o seu último momento.

AGRADECIMENTO

A Deus, por me fazer entender a dimensão do que sou. A ele peço apenas que minhas identidades fluidas me levem a migrar nesse fluido universo, até que um dia se desmanchem no espaço.

Aos meus pais, aos meus filhos, aos meus irmãos e a toda minha família, especialmente à Lúcia e Dante. É nesse microcosmos que aprendo a aprender com o mundo.

Ao Professor Luís Carlos Costa (*in memoriam*), meu primeiro e eterno orientador, na Universidade Federal de Uberlândia, por entrarmos juntos no fascinante mundo do *portinglês brazuca*.

À minha orientadora, Professora Sabine Gorovitz, pelos ensinamentos, carinho e compreensão durante esse mestrado.

Ao Professor Sérgio Marra, também da Universidade Federal de Uberlândia, por me apresentar o tema “empréstimos linguísticos” e a me encorajar a ir à busca do meu objeto de pesquisa.

À Professora Alice Maria Araújo Ferreira, por me encorajar ao confronto.

Ao *gentleman*, Professor Dionei Moreira Gomes, por sua generosidade, elegância e pela honra de ter minha monografia como referência em suas aulas.

Ao Professor René Gottlieb Strehler, pela disponibilidade e simpatia com nós alunos em sala de aula.

À Laila Salmen Espindola, pela longa amizade e pela ajuda com a minha apresentação.

À Professora Clémence Jouët-Pastré, pelo *portinglês brazuca* e pelo respeito ao meu trabalho.

À Loide Júlia (Lorde Júnia) – minha alma gêmea – por ter me abrigado em seu coração.

À Ilma Paixão, poucos encontros, muito encontro.

Ao Centro Bom Samaritano de Framingham, especialmente através do Senhor (Seu) Manoel Basílio e ao Ricardo Pereira.

Aos professores, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

Aos amigos da Colina, bancários ou não.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro, sem o qual eu não realizaria essa pesquisa.

Agradeço especialmente a Francisco Gabriel, Alcinéia, Clarissa e Sofia pelo apoio em Framingham.

Agradeço com todo meu coração a todos os informantes dessa pesquisa pela confiança e boa vontade. A realização desta pesquisa apenas foi possível graças ao tempo tão precioso que me dispensaram.

*Então o seguinte, isso aqui era montado assim: Aí vinha um **top**, é um troço... E lógico que essa caixa aqui não era uma caixa fina. Ou era **double wall** ou **three wall**. Então, não era uma caixinha de papelão fininha, era grossa. Tinha aquelas... Agora, essa embalagem toda vai em cima daquela... De madeira... Por quê? A gente fabricava isso muito e mandava pras empresas de computação, que era a maioria dos clientes que eles exportavam os computadores. Então, aquilo tudo ali dentro... Primeiro, eles põem o **skid** no chão. Põe um **bottom** em cima do **skid**, enche... Aí põe as armações/parede. Enche aquilo de produto que eles querem mandar... Põe o **bottom**, e aí depois passa o **strap**. O **strap** também é outra coisa que eu não sei falar em português. É uma fita, que você vai passar aqui... E tem uma maquininha que você vai esticando ele, aí você sela ele. Tem um pano branco, que segura ele. Então, o cara com um **bottom d-container**, ele vai abrir ali e vai formar uma embalagem nova, entendeu?*

Marcos (entrevistado das pesquisas de 2001 e 2013)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é discutir as representações sobre mistura de línguas que emergem no discurso de imigrantes brasileiros residentes em Framingham, Massachusetts, nos Estados Unidos. Essa mistura é resultante do contato de variantes do português brasileiro com o inglês americano. Realizamos um estudo quali-quantitativo de cunho etnográfico, cujo *corpus* foi constituído principalmente de entrevistas semiestruturadas e de questionários. No decorrer da pesquisa, utilizamos também recursos como a rede social *facebook* e transcrição de programas de rádio. Para a análise quantitativa, utilizamos os softwares AntConc. 3.4.1 e o Excel. Buscamos demonstrar como essas representações comparecem e se associam à noção de gramática normativa e de língua pura a partir das concepções dos falantes observados.

Palavras-chave: representações, contato de línguas, mistura de línguas, variação, gramática normativa e língua pura.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to discuss the representations of the language mixture that emerge in the discourse of Brazilian immigrants living in Framingham, Massachusetts, USA. This linguistic mixture results from the contact between varieties of Brazilian Portuguese and American English. This ethnographic study uses both qualitative and quantitative research tools. The *corpus* consisted of semi-structured interviews, questionnaires and other resources such as *facebook* and radio program transcripts. Quantitative analyses were carried out using AntConc 3.4.1 and Excel software. Our study intends to identify the sociolinguistic factors involved in these representations, and also how the normative grammar and pure language concepts are related to them.

Keywords: representations, language contact, language mixing, variation, normative grammar and pure language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	29
1.1 Contato de línguas.....	29
1.1.1 Algumas definições de língua.....	29
1.1.2 Língua, gramática e norma	30
1.1.3 Mistura x língua pura	34
1.1.4 Situação de contato de línguas.....	36
1.1.5 O contato de línguas gera uma mistura chamada.....	39
1.2 Representações.....	40
1.2.1 Representações estereotipadas	44
1.3 Análise Sociolinguística	47
1.3.1 Variação, variantes e variáveis	47
1.4 Metodologia	51
1.4.1 A coleta de dados: o <i>corpus</i>	51
1.4.1.1 Questionário sociolinguístico (2013)	52
1.4.1.2 Roteiro para as entrevistas	53
1.4.1.3 O objeto	53
1.4.1.4 Abordagem.....	54
1.4.1.2. Perfil dos entrevistados.....	55
1.4.2 Observação participante: para além do paradoxo	57
1.4.3 O <i>Facebook</i>	58
1.4.4 Programas de rádio.....	62
CAPÍTULO 2: CONTATO DE LÍNGUA – ENTRE BILINGUISMO E MISTURA DE LÍNGUA.....	66

2.1. Valadares e os Estados Unidos: o início	66
2.2 O contexto sociolinguístico de Framingham	67
2.2.1 Framingham: a <i>town</i> e a presença dos brasileiros.....	67
2.3 Situação sociolinguística observada sobre os brasileiros residentes em Framingham	70
2.3.1 Mescla intracomunidade e intercomunidade	70
2.3.2 Onde vivem os brasileiros	73
2.4 Políticas linguísticas para o imigrante de Framingham	75
2.4.4 Cursos de português	80
2.4.5 Transmissão da língua na família e línguas de interação	81
2.4.6 Interação social	83
CAPÍTULO 3: REPRESENTAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS – UMA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE	85
3.1 Organização do <i>corpus</i> e discussão dos resultados.....	85
3.2 As representações que emergem dos discursos dos falantes	86
3.2.1 Representações sobre gramática prescritiva, norma e prestígio	87
3.3 Fatores extralinguísticos associados pelos entrevistados à produção das misturas	101
3.3.1 Origem geográfica: de onde eles vêm	101
3.3.2 Variantes regionais	101
3.3.3 Nível educacional.....	104
3.3.4 Nível social	105
3.3.5 Nível de proficiência na língua inglesa	106
3.3.6 Representações e estereótipos sobre o outro	107
3.3.7 Misturas e espaço: locais de maior ocorrência	108
3.3.8 Perfil de entrevistado de acordo com o tipo de mistura	111
3.3.9 Contínuo de monitoração sobre o uso da mistura	115
3.4 Representações e questões de tradução	116
3.5 Análise quantitativa dos dados	122

3.5.1	Quantificação das respostas fornecidas no Questionário Sociolinguístico	122
3.5.1.1	Gênero.	123
3.5.1.2	Opinião sobre a mistura	124
3.5.1.3	Locais onde mais ocorre a mistura	125
3.5.1.4	Percepção da família e dos amigos sobre a mistura no Brasil	127
3.5.1.5	A mistura em outras partes dos Estados Unidos	128
3.5.1.6	Influência da televisão brasileira na manutenção da língua portuguesa.....	129
3.5.2	Análise quantitativa das produções linguísticas: ocorrências e coocorrências	130
3.5.2.1	O <i>AntConc</i>	130
3.5.2.2	As Categorias	132
3.5.2.3	As Ocorrências	132
3.5.2.4	As Coocorrências	136
•	MINAS E O “MINEIRO”	136
•	VALADARES	138
•	TARUMIRIM	138
•	A “ROÇA”	139
•	NÍVEL EDUCACIONAL	140
•	A IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO: VERBO APRENDER	141
•	ESTIGMA E PRESTÍGIO.....	142
	CONCLUSÃO.....	144
	REFERÊNCIAS	147
	APÊNDICES	157

Lista de Figuras

Figura 1: Heterogeneidade estruturada	49
Figura 2: Variáveis linguísticas	50
Figura 3: Mapa da região central de Framingham.....	74

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Contínuos de acordo com Bertoni-Ricardo	48
Gráfico 2: Percentagem de alunos matriculados nos programas bilíngues das escolas públicas de Framingham	77
Gráfico 3: Contínuo de monitoração da mistura	116
Gráfico 4: Gênero dos respondentes do questionário sociolinguístico	123
Gráfico 5: Opinião sobre a mistura.....	124
Gráfico 6: Locais onde ocorre a mistura de acordo com os respondentes do questionário sociolinguístico	126
Gráfico 7: Percepção da família e dos amigos sobre a língua falada pelos imigrantes brasileiros de Framingham	128
Gráfico 8: Influência da televisão brasileira na manutenção da língua portuguesa	129

Lista de Quadros

Quadro 1: Perfil dos entrevistados.....	56
Quadro 2: Exemplos de misturas encontradas em programa de rádio	62
Quadro 3: Opiniões de moradores de Framingham sobre criação de programa de inglês como segunda língua.....	79
Quadro 4: “Glossário” de acordo com os informantes	122
Quadro 5: A "roça"	140

Lista de Tabelas

Tabela 1: Procura de vagas no curso de ESL na escola pública de Framingham.....	80
---	----

INTRODUÇÃO

“Quando eu cheguei nesse estado, eu morava no Texas. Aí eu fui trabalhar num restaurante. E lá os cara falavam: “Vamo serapá pa Dina, serapá pa Dina”. E eu tô lá. Dina, Dina. Essa mulher deve ser muito famosa. “Serapá pa Dina! Serapá pa Dina”! Chegava gritando no meio do salão do restaurante. Na hora que fechava pro almoço, né? Serapá pa Dina! Aí todo mundo largava o que tava fazendo e começava a trabalhar e tal. Ia arrumar as mesas. Serapá pa Dina... essa Dina deve ser “a mulher”, né? Na hora que ela chegar, eu tenho que, eu tenho que conhecer ela, entendeu? Mas num era serapá pa Dina. Era fazer o set up pro dinner. Preparar a mesa, porque a mesa... Não era nem serapiar... Serapiar também tá errado (risos). Também tá errado! Todos dois tá errado. Serapá e serapiar tá errado! (...) Essas coisas são... Bisi, eu tô bisi. Bisado, essas coisa tudo. Isso aí é... A gente fala parquear..”. (L.C., informante da pesquisa, 2013).

O texto escolhido como epígrafe para este trabalho é trecho de uma das entrevistas concedidas por um imigrante brasileiro, residente em Framingham, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. O informante relata a sua reação ao se deparar com uma situação de contato de línguas em um restaurante em que trabalhava. Durante a gravação da entrevista, ele descreve de forma bem humorada essa mistura de línguas, apesar de considerá-la um erro.

O uso alternado de duas línguas em uma mesma situação de fala tem sido discutido na literatura pelo menos desde o início do século XX, quando Espinosa (1911) descreveu a mistura do inglês com o espanhol na fala dos hispânicos residentes no estado do Novo México, EUA. Embora não tenha analisado essa variação linguística sob uma perspectiva de regularidade, mas sim como randômica, ele mostra um aspecto importante: “Esta mistura de línguas não se limita às classes baixas e sem instrução, mas permeia o discurso dos hispano-americanos no Novo México, Colorado, Texas,

Arizona e Califórnia” (1911, p. 16, tradução nossa¹). Nessa afirmação, o pesquisador mostra como as misturas têm sido alvo de representações estigmatizantes por parte de certos falantes que atribuem a sua ocorrência a fatores extralinguísticos como origem, classe socioeconômica e nível de escolaridade dos falantes que as produzem, eles próprios tornando-se alvo de estigmatização. Dentre as produções de bilíngues, independentemente de sua classe social, podem ocorrer fenômenos que variam ao longo de um *continuum*, como o *code-switching* e os empréstimos.

Em nosso estudo, faremos uma generalização, utilizando o termo mistura de línguas até o Capítulo 1, em que será feita uma discussão sobre o tema. A noção de que o indivíduo bilíngue é aquele que fala uma segunda língua como um nativo já foi superada desde que Grosjean (1994, p. 165) sugeriu que “ser bilíngue é fazer uso de duas línguas e não é o somatório de dois monolíngues perfeitos”, embora tal ideia ainda povoe o imaginário não somente do mundo exterior à comunidade produtora da língua ou línguas com suas variantes, como dos próprios falantes que as produzem.

Quando os primeiros imigrantes brasileiros chegaram a Framingham, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, no início da década de 1980, eles entraram em contato direto com a língua inglesa como monolíngues falantes do português. Embora não houvesse ainda outros imigrantes brasileiros para ajudá-los nesse momento de transição para uma nova vida, isso não representou um obstáculo, pois tinham o firme objetivo de começar a trabalhar imediatamente, para sanar as dívidas geradas pela viagem. As jornadas de trabalho chegavam a 70 horas semanais. Nesse movimento inicial, eram poucos imigrantes. De acordo com alguns informantes, “era possível reuni-los todos em uma festa dentro de casa” (entrevista gravada). Começava para eles a mobilidade no *continuum* linguístico.

Esses imigrantes produzem uma mistura de línguas que é resultado de diferentes tipos de contato. Há o contato entre o português brasileiro – e suas variedades regionais – e o inglês, além do contato com outras línguas como o espanhol, o russo etc. Entretanto, ao se referirem a essa mistura produzida num contexto bi(multi)língue, esses imigrantes revelam em seu discurso preconceitos associados à noção de norma e língua pura.

¹ This speech mixture is not confined to the uneducated and lower classes, but pervades the whole speech

Justificativa

Esta dissertação tem obviamente motivações acadêmicas, pois se trata de uma pesquisa científica. Entretanto, há motivações de ordem afetivas que serão explicitadas no tópico a seguir.

Ser de Valadares

A minha² cidade de origem é Vitória, no Espírito Santo, onde permaneci até meus quinze dias de idade, mudando em seguida para Governador Valadares, que considero minha terra natal e onde vivi até a adolescência. Saí com o objetivo de estudar na capital, Belo Horizonte, mas mantive os laços de família e de amizade, através das visitas constantes. Carrego comigo a condição de ser filha de um mestre de linha da Companhia Vale do Rio Doce – meu pai comandou a construção de grande parte da estrada de ferro Vitória a Minas – e de uma dama com armadura de ferro, quem sabe construída pelo pó do minério que voava dos vagões do trem que passava em frente à nossa casa, que nunca se sentiu presa a lugar algum. Assim, foram várias tentativas de nos mudarmos de Valadares, mas, como no mito de Sísifo, estaríamos condenados, talvez pelo peso da armadura da minha mãe a sempre voltar ao local de origem, de onde mais outra e outra vez era retomada a jornada.

Para um valadarense, morar nos Estados Unidos é parte do cotidiano. “Ir para os Estados Unidos” era como ir à padaria comprar pão, a diferença é que os que iam nunca voltavam. Era interessante perguntar por fulano, beltrano ou sicrano e receber respostas do tipo: “não sabia não? Foi embora pros Estados Unidos!” ou então: “Fulano não é besta nem nada. Largou tudo e cascou fora pros Estados Unidos”! Não conseguia entender muito bem porque, na ida, o país se chamava Estados Unidos, mas na volta (quando havia volta) era chamado de “América!”. Na América tudo parecia diferente, havia muitas estórias. Particularmente, no meu caso, ouvir essas estórias dos que iam e vinham exercia o mesmo fascínio provocado pelas estórias de tradição oral que eu ouvia à noite, na roça, durante o tempo em que moramos numa chácara da minha família no

² A escolha pelo emprego da primeira pessoa do singular nesse texto deve-se ao caráter estritamente pessoal da narrativa.

interior de Minas. Era bom e assustador ouvir o meu pai – homem tão sério – e outros mais velhos também contando aquelas estórias à luz do lampião. Às vezes, alguns amigos do povoado se aproximavam. Era engraçado como os adultos rapidamente se uniam para contar aquelas estórias que assombravam os pequenos. Falavam de fogo-fátuo – bola-de-fogo correndo no mato, de lobisomem. Era mágico!

Já na cidade, era neste mesmo clima de magia que eu ouviria as primeiras estórias sobre valadarenses indo para os Estados Unidos, voltando cheios de dólares e de aventuras. Por ser criança, e muito curiosa, era quase sempre banida das conversas. Às vezes, era permitido que eu ficasse para ouvir, desde que fosse em silêncio, as epopeias dos amigos de meus irmãos mais velhos que se aventuravam na América. Todos ficavam boquiabertos e fascinados com as histórias daqueles que dormiam nas praças, embrulhados em jornal por causa do frio, ou que não precisavam comprar nada, pois lá achavam tudo – e novinho – no lixo! E o que a todos encantava: a simplicidade do americano e de como eles se sentiam tratados como iguais.

Não há apenas idealização quando se trata da relação Valadares/Estados Unidos, especialmente no que se refere à Framingham no Estado de Massachusetts, localizada nas redondezas de Boston. A maioria dos brasileiros que vivem em Framingham são mineiros e, desses, 40% são de Governador Valadares (MINEO, 2006c). A cidade que tem mandado tantos valadarenses para os Estados Unidos se tornou dependente do envio de dólares de lá para cá. Aproximadamente entre 11 e 15% da população de Governador Valadares vivem no exterior. Laura Aldea Skorczeski demonstra, em sua tese de 2009, como os nomes das empresas brasileiras no centro de Framingham refletem esses laços significativos tanto com Governador Valadares quanto com Minas Gerais.

Ir para os Estados Unidos nunca foi, no meu caso, uma ideia atraente, havendo até mesmo certa rejeição da minha parte. Em 1994, entretanto, por razões acadêmicas, fui para esse país acompanhando minha família. Apesar de morar no estado de Connecticut, estabeleci um contato maior com brasileiros residentes no estado de Massachusetts, mais precisamente em Framingham. Primeiramente, fui surpreendida ao encontrar muitas pessoas que eu não via há anos, morando naquela cidade de que nunca

ouvira falar. Tinha a impressão que estava no Brasil, mas que Brasil era aquele? Durante algum tempo, talvez por horas, a mim me parecia que o Brasil tinha mudado de lugar, ou se mudado para Framingham: nos supermercados se ouvia as pessoas falando português, nos restaurantes, podia-se comer um prato feito com arroz, feijão e bife acebolado, acompanhado de guaraná. Nas ruas, parecia que brasileiros brotavam diante de mim, sem falar nas lojas vendendo produtos brasileiros, salões de beleza e igrejas só para brasileiros. Foi um grande choque também por estar morando em uma cidade em que eu tinha pouco contato tanto com brasileiros como com outros moradores locais (americanos, indianos, butaneses, chineses, húngaros, franceses etc., parte da comunidade acadêmica da Universidade de Yale em New Haven). O contato com um ambiente multicultural era instigante, mas muito recente. Sem contar o aprendizado da língua apressado pela necessidade de resolver as questões domésticas, como levar filhos ao médico, ir a reuniões da escola e interagir com aquele mundo que surgia à minha frente mudando constantemente as feições. Assim, eu me sentia transportada de um mundo – New Haven – para outro mundo – Framingham. Wilson Fusco (2005, p. 58) fala sobre o “sentimento de identidade provocado pela predominância de brasileiros” em Framingham, descrito em 1993, por Teresa Sales, pesquisadora que dedicou um capítulo a essa cidade:

Ao sair novamente à rua, apesar do frio de outono daquele final de tarde apressado em escurecer mais cedo, me sinto brasileirinha da silva. Tão brasileira depois daquela coxinha de galinha e daquele suco de caju, que estranhei quando, na rua, me deparei com dois autênticos nativos conversando em inglês.

O fato, porém, que me deixou mais fascinada era como o português fora de casa era falado. Queria saber o que era aquela língua misturada e quando perguntava sobre o assunto sempre havia explicações das mais diversas sobre o fato. Era difícil estabelecer um consenso.

De volta ao Brasil, ingressei no curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, onde encontrei caminhos para compreender, com o apoio da Sociolinguística, o que seria um fenômeno linguístico. Mais tarde, ao me matricular em disciplinas como a Sociolinguística, descobri que era possível encontrar caminhos para essas respostas.

Muito importante também foi a colaboração do professor Sérgio Marra de Aguiar, do qual fui aluna no curso “Teoria e Prática da Tradução”, quando o assunto “Empréstimos Linguísticos” foi discutido. Percebemos que havia uma relação entre o tema e o português mesclado com o inglês que eu ouvira. Ele me encorajou a caminhar nesta direção e a procurar o professor Luís Carlos Costa para me orientar na monografia de bacharelado.

A partir de então, o estranhamento transformou-se em curiosidade e, com o aporte teórico da sociolinguística, a mescla linguística, que passei a chamar *portinglês*, transformou-se em objeto de estudo da minha monografia de conclusão do bacharelado. A teoria da variação de Labov me foi apresentada por meio dos escritos, principalmente, de Fernando Tarallo, dando suporte à fundamentação teórica do meu trabalho. Foi uma contribuição importante para o registro, a análise, o processamento e a sistematização do aparente “caos” linguístico descrito na monografia intitulada *O portinglês falado pelos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, em 2001.

Assim, falaremos sobre a monografia propriamente dita, cujo objeto é a mescla linguística produzida pelos falantes brasileiros de Framingham:

Em 2001, apresentei minha monografia de bacharelado, intitulada *O portinglês falado por imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. As primeiras observações foram fruto da minha convivência com a comunidade brasileira de Framingham, no estado de Massachusetts. A mescla linguística, que chamei de *portinglês*³, era percebida pelo menos de três formas:

Em empréstimos diretamente do inglês em enunciados como:

Cadê a *knife* (faca)?

A roupa está na *bag* (sacola).

Palavras traduzidas literalmente para o português gerando um falso cognato, já que a palavra ou expressão existe em português, mas com sentido diferente:

³Adalino Cabral (1988) cunhou o termo *portinglês* em sua tese de doutorado sobre a língua falada pelos imigrantes portugueses, também em Massachusetts. Mas sobre a língua de imigração brasileira ainda não havia registro. Utilizei o mesmo termo para a mistura do português brasileiro com o inglês.

Vou *aplicar* para um trabalho (do verbo *to apply* que aqui tem sentido de *inscrever-se, postular*).

João *era suposto* estar aqui desde as três horas (da expressão *be suppose to* que aqui tem o sentido de *deveria*).

Hibridismos com palavras aportuguesadas como em:

Aquele trabalho era muito chato, então eu *coitei* (do verbo *to quit = abandonar*).

Tenho que *serapiar* um monte de mesas esta noite (da expressão verbal *to set up = arrumar*).

A monografia foi um estudo de cunho introdutório, a partir de uma abordagem sociolinguística laboviana, tendo como principal objetivo registrar o fenômeno da mistura linguística. Para demonstrar que essas misturas, aparentemente aleatórias, podiam ser sistematizadas, utilizei como fundamentação teórica os trabalhos de Fernando Tarallo e Tânia Alkmim, que afirmam:

[...] uma vez feita a análise segundo o modelo proposto, o aparente “caos” desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e neolinguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.). (TARALLO, 1999, p. 11)

Foram apresentados também resultados a serem explorados nas áreas da lexicologia, da morfologia, da fonética e de formação de palavras.

Assim, a partir de um *corpus* de trinta falantes, imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, com faixa etária, profissão e escolaridade variada, levantamos algumas

hipóteses, tentando abranger tanto os aspectos linguísticos quanto os não linguísticos. Os discursos foram, portanto, analisados como preconiza a sociolinguística, dentro do contexto específico em que esses imigrantes estavam inseridos, levando às seguintes conclusões:

Ocorrências de variantes linguísticas através da existência da mescla, presença dos sistemas aberto e fechado, ocorrência de substantivos (27), ocorrência de adjetivos (05), ocorrência de verbos (14), influência da fonética do português na pronúncia do *portinglês* (*mapiar* [mapi'a], do verbo *to mop*), marcas de oralidade do português brasileiro (as *bag*: morfema zero, em vez de as *bags*, como preconizaria a norma culta do português).

.Ocorrências de variantes diatópicas (geográficas): foram escolhidas com informantes moradores de Framingham e arredores. Entretanto, no meu contato com comunidades de imigrantes brasileiros nos estados de Connecticut, onde havia morado por dois anos, e na Flórida, onde estive por alguns meses, observei falas com as mesmas características do *portinglês*.

Em relação às variantes faixa etária e sexo dos falantes, não foram revelados resultados relevantes, embora o número de informantes do sexo masculino seja maior que o do feminino.

Com relação ao grau de escolaridade dos informantes, observa-se que esse fator é de pouca influência no falar desses imigrantes. Aqui, o fator extralinguístico da emigração em massa de brasileiros de determinadas regiões do Brasil para os Estados Unidos é o que parece ser preponderante, merecendo uma investigação à parte.

Acreditamos que os dois fatores mais importantes que influenciam a mescla linguística detectados nessa pesquisa sejam o desconhecimento da língua inglesa, num primeiro momento, que os obriga mesmo assim ao contato com a língua por uma questão prática: o trabalho. O segundo fator seria que, logicamente, a comunidade de imigrantes brasileiros continua a se comunicar em português, mas esse português é permeado pelo inglês de uma maneira muito dinâmica. A razão primordial que leva esses falantes a imigrar é a de trabalhar muito para ganhar dinheiro num certo tempo e voltar ao Brasil. Com isto, um contato mais intenso com a cultura americana vai se adiando. O

sentimento de temporariedade (“fazer a América”), o ir e voltar, enfim, a urgência com que o imigrante tem em lidar com uma situação adversa acaba sendo expresso na língua falada.

Ainda na monografia de 2001, foram aventadas questões sobre representações dicotômicas de certo e errado, e de prestígio da norma culta em detrimento de outras variedades estigmatizadas.

Dando continuidade à nossa investigação, elegemos como tema central de nossa dissertação as representações sobre as misturas do português brasileiro com o inglês produzido pelos imigrantes brasileiros de Framingham, que emergem em seus próprios discursos.

Nossa proposta, ainda sob a perspectiva da sociolinguística, é investigar em que medida essas representações remetem a fatores extralinguísticos, tais como origem geográfica, socioeconômica e educacional dos falantes. A reflexão sobre o assunto nos trouxe perguntas como:

A mistura de línguas estaria relacionada a um determinado tipo de falante de acordo com fatores como origem, nível socioeconômico, escolaridade e proficiência na língua inglesa?

Quais seriam os tipos de representação envolvidos nessa correlação?

Há que se lembrar de que estereótipos nem sempre têm conotação depreciativa. Poderíamos dizer, por exemplo, que “os cariocas são um povo muito alegre!” ou ainda que “o Brasil não é um país racista”, ainda que em ambas as situações haja uma conotação positiva sobre as características de “povo” e “Brasil”.

Objetivo

O objetivo desta dissertação é discutir as representações sobre mistura de línguas que emergem no discurso de imigrantes brasileiros residentes em Framingham, Massachusetts, nos Estados Unidos, mistura essa resultante do contato do português brasileiro com o inglês americano. Para a maioria dos nossos entrevistados, o uso dessa mistura é tributário, em grande parte, de fatores tais como origem, nível sociocultural, escolaridade e proficiência na língua inglesa de determinados grupos de imigrantes. A

tensão entre “nós” e “eles” (GUMPERZ, 1982) parece ser constante nessa relação em que indivíduos de uma mesma comunidade bi(multi)línque tentam se distinguir uns dos outros, como se estivessem em lados opostos. Assim, seria possível detectar uma hierarquia manifesta por meio de representações sobre si mesmo e sobre os outros, revelando o prestígio que a maioria dos falantes observados atribuiria à norma culta, baseados nos preceitos de uma gramática prescritiva e, em última instância, à noção de língua pura. Tais representações podem revelar que a produção de misturas se atribui principalmente ao fato de certos imigrantes serem provenientes de uma determinada região do estado de Minas Gerais. Na verdade, observamos que todos os falantes misturam (em formas e graus variados), sem mesmo se darem conta disso.

Hipóteses

Os discursos dos imigrantes brasileiros de Framingham revelam *representações estigmatizantes e/ou estereotipadas* sobre as misturas linguísticas.

Essas representações expressam uma dicotomia entre certo *vs.* errado e prestígio *vs.* estigma, fazendo referência ao padrão linguístico da norma culta e ao conceito de língua pura.

Para verificar essas hipóteses, buscamos compreender, sob a perspectiva sociolinguística, quais são e como os fatores extralinguísticos interferem nessas representações.

Problemática

No discurso de imigrantes brasileiros residentes em Framingham sobre o português falado entre eles, são recorrentes expressões tais como: “Eu sei que estou falando errado, mas tento corrigir”, “Eu estou esquecendo o português”, ou ainda, “... se eu falar *parquear* eu sei que eu tô falando errado” (informante de 2001).

Essa noção de certo ou errado, em se tratando dessas misturas, pode estar calcada na concepção de certo ou errado imposta por uma gramática normativa e prescritiva. É um “modelo de língua ideal que acaba criando uma grade de critérios dicotômicos empregada para qualificar as variantes linguísticas: certo *vs.* errado, bonito *vs.* feio, elegante *vs.* grosseiro, civilizado *vs.* selvagem e, é claro, culto *vs.* ignorante” (BAGNO,

2012, p. 49-50). Tal afirmação é ilustrada no excerto a seguir, que apresenta o diálogo entre dois imigrantes brasileiros num estabelecimento comercial. Nessa interação, um dos falantes demonstra seu preconceito através da manifestação de uma representação estereotipada sobre a mistura de línguas produzida por outro falante. Ele refuta a mistura, classificando-a como um “não português”:

– Não te vi aqui ontem!

– É que eu tirei meu “day off”.

– Day off... O que é day off? Ai, pelo amor de Deus, fia (sic). Fala português! Por que você não fala português?

– Cê entendeu. Eu tava de folga!

Para compreender as questões imbricadas nesse processo, buscamos neste trabalho avaliar a construção do discurso do imigrante brasileiro residente em Framingham sobre a mistura de línguas resultante do contato com as diferentes variedades presentes. Ao que tudo indica, as variantes regionais do português parecem ter um papel importante nas representações expressas por nossos informantes.

No trabalho de 2001, em que iniciamos o estudo sobre a descrição da variedade do português falado por imigrantes brasileiros residentes em Framingham, observamos a existência de tabus no discurso dos imigrantes, demonstrando ser a mistura a variante estigmatizada. O que foi tratado como tema periférico na época, já que nossos objetivos eram o de registrar a mescla e mostrar a sua regularidade, tornou-se o cerne de nossa dissertação. O excerto abaixo mostra que representações sobre as misturas já emergiam no discurso dos falantes:

É. Na realidade a gente sabe que tá... Que tá falando errado, mas talvez... Facilita mais... As pessoas chegam, não sabem o nome em inglês, já começam a falar... Ou sabem o nome em inglês, mas num... Num fala inglês... - Ahã. Print, printar. (Falante 01, ESPINDOLA, 2001)

Demonstramos através dos princípios da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov, que esse falar, que à época apelidamos de *portinglês*, era sistematizado de

acordo com fatores como prestígio e estigma, conceitos esses não discutidos com profundidade.

Hoje esse assunto é retomado, no intuito de verificarmos a seguinte hipótese: estariam as representações sobre as misturas de línguas, que emergem no discurso dos imigrantes brasileiros de Framingham, relacionadas à noção de uma gramática prescritiva? Para descrever os tipos de mistura observados, utilizaremos os conceitos de mistura que Tarallo e Alkmim (1987, p. 11) chamaram de *mescla intracomunidade* e *intercomunidade*.

Organização da dissertação

A dissertação está organizada em três capítulos:

No capítulo 1, apresentaremos os conceitos que darão suporte à nossa investigação, bem como a metodologia utilizada; no capítulo 2, descreveremos o cenário sociolinguístico de Framingham; no capítulo 3, discutiremos as representações dos imigrantes brasileiros residentes em Framingham sobre a mistura do português com o inglês que eles próprios produzem, a partir dos dados coletados.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O primeiro tema a ser abordado é “contato de línguas”, seguido de “representações”. Nesses processos estão imbricadas questões, tais como língua, gramática, norma, variação, preconceito, prestígio, estereótipos, bi-multilinguismo, atitudes e comportamentos linguísticos etc.

É importante situar essa discussão no contexto de modernidade (e pós-modernidade) e globalização de que nos falamos principalmente Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2006).

1.1 Contato de línguas

1.1.1 Algumas definições de língua

Para haver língua, é necessário que haja seres humanos (BAGNO, 2007, p. 9). Indo um pouco além, a definição de língua é a definição, de forma implícita ou explícita, dos seres humanos no mundo (WILLIAMS, apud KALMAN e STREET, 2010, p. 2). Assim sendo, a língua não pode ser considerada como um elemento neutro, nem um mero instrumento de comunicação de mensagens, mas um fator de identificação de um grupo. Em comunidades multilíngues, os valores, a cultura e os sentimentos do grupo são transmitidos e reforçados através da língua (CALVET, 2002, p. 65; APPEL e MUYSKEN, 2007, p. 11).

Uma das reservas que se pode manifestar contra as definições da língua que a reduzem a “instrumento de comunicação” é que elas podem levar a crer uma relação neutra entre o falante e sua língua. Um instrumento é realmente um utensílio de que se lança mão quando se tem a necessidade e que se deixa para lá em seguida. Ora, as relações que temos com nossas línguas e com as dos outros não são bem desse tipo: não tiramos o instrumento-língua de seu estojo quando temos necessidade de nos comunicar, para devolvê-lo ao estojo depois, como pegamos um martelo quando precisarmos pregar um

prego. Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002, p. 65).

1.1.2 Língua, gramática e norma

De um modo geral, a nossa concepção de língua se baseia em crenças sobre as normas de uma gramática prescritiva também chamada de “norma culta” ou “variante padrão”. De acordo com Barros (2011, p. 292), há um “discurso da gramática que induz o destinatário a acreditar na necessidade de usar a língua de uma determinada maneira”.

A reprodução desse discurso nas comunidades discursivas se dá não somente através da escola, mas também dos meios de comunicação de massa. Os canais abertos de televisão, principal meio de comunicação de massa, através da sua programação – novelas, programas e dos noticiários –, apresentam uma fala padronizada que privilegia a norma culta. Evita-se a fala marcada por sotaques e variantes regionais, a não ser de forma intencional para compor um personagem ou servir a propósitos de programas popularescos com caráter de deboche ou pejorativos. De acesso fácil e barato, esses canais abertos exercem grande poder de persuasão. Podemos citar alguns exemplos ilustrativos como a repetição de bordões dos programas de humor, ou as roupas e os acessórios usados por determinados personagens que estão à disposição dos telespectadores nos *sites* das emissoras ou em lojas e camelôs. E em relação ao uso da língua não é diferente: incitam desejos e fantasias como sucesso ou ascensão social, e, como produto, estaria ao alcance de qualquer indivíduo, já que pode ser comprado. Ainda que não se compre o modo de falar, pode-se comprar a roupa ou o acessório usado por um personagem ou personalidade televisiva. A fala se torna também acessível, pois poderia em princípio ser copiada e reproduzida. Assim, atrela-se prestígio da língua ao sucesso daquele que a utiliza.

De acordo com Albuquerque e colaboradores (2013, p. 2):

A televisão, se por um lado, democratizou as informações, por outro, criou padrões, imagens e conceitos difíceis de alcançar ou mesmo inatingíveis. No que se refere ao padrão linguístico televisivo, pode-se observar um tratamento diferenciado em relação à norma linguística utilizada, esta varia dependendo do estilo do programa e da imagem que a emissora pretende repassar.

Entretanto, para além da mídia, o papel da escola é importante não só no que concerne à reprodução dos seus princípios, mas também dado o prestígio de que a escolaridade

desfruta na sociedade. Portanto, tais fatores interferem na disseminação de uma ideologia da norma que não se restringe apenas ao âmbito escolar, mas que se manifesta nas comunidades de falantes. De acordo com Votre:

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, em face de tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável de escolarização, ou a escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. (VOTRE, 2003, p. 51)

É interessante observar que a televisão, num contexto de contato de línguas, faz para muitos pais efetivamente o papel da escola colaborando com a preservação do bilinguismo. Especificamente sobre a televisão brasileira, não raro assistimos, em programas e jogos de futebol, à participação em tempo real de brasileiros que estão fora do país, o que demonstra o alcance desse meio de comunicação. Kátia Mota (2012, p. 59), em seu artigo “Aulas de português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna”, destaca o papel da televisão brasileira como “um espaço significativo da vida cotidiana que oferece (junto à igreja) as mais eficientes aulas de português”.

Tanto os pais como os filhos acreditam que a televisão brasileira é bem melhor que a americana; é comum, durante os fins de semana, passarem horas assistindo a vídeos dos programas semanais. Os mais assistidos, por ordem de preferência, são: as novelas da Globo, Fantástico, Globo Repórter, Jornal Nacional, Globo Rural, Vídeo Show e Sílvio Santos. Os adolescentes dizem aprender muito com as novelas: o jeito de viver no Brasil, as praias, as festas, a moda; ressaltam, entretanto, que sabem que nada é verdadeiro porque “é tudo um país de mentira”. Interessante é que, em alguns relatos de

aprendizagem, esses adolescentes reconhecem que a televisão também está ensinando a língua portuguesa.⁴

Dessa forma, compreendemos que a escola, ainda que seja, na maior parte das vezes, reprodutora da variedade padrão, regida por normas prescritivas, pode desempenhar também um papel importante na manutenção do português.

As normas, segundo Dinah Callou (2008, p. 62), diante da “realidade das variações linguísticas” e caminhando em direção oposta ao discurso prescritivo e normativo, devem ser cada uma delas baseadas no uso dentro da própria comunidade.

Sírio Possenti (1996, p. 54) compartilha desse princípio, pois para ele a gramática não deveria ser anterior às regras de uso:

Para a gramática normativa, a língua corresponde às formas de expressão observadas produzidas por pessoas cultas, de prestígio (...). É essa variante que se costuma chamar "norma culta" ou "variante padrão" ou "dialeto padrão". Na verdade, em casos mais extremos, mas não raros, chega-se a considerar que esta variante é a própria língua.

O autor ainda conclui: “A gramática normativa exclui de sua consideração todos os fatos que divergem da variante padrão, considerando-os erros, vícios de linguagem ou vulgarismos”. Dentre os problemas apontados por esse princípio, estariam a correção gramatical e a preocupação com a pureza da língua, denunciando os estrangeirismos, por exemplo.

O equívoco em se confundir a língua com a gramática normativa, pois ela não é a língua (POSSENTI, 1996; BAGNO, 2007 e BAIÃO, 2007), revela como a noção de erro é tão ferrenhamente defendida. A língua seria, nesses termos, elegante e pura, não admitindo nenhum tipo de mistura, nem no que concerne às variantes nem aos estrangeirismos. Essa idealização da língua está intrinsecamente ligada à língua escrita, especialmente a literária.

A noção de língua pura faz parte, de acordo com Bagno (2007, pp. 20 e 21), de uma ideologia que define que “o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça pura, mas sim o resultado de uma mistura – negativa – de raças inferiores à do branco europeu”... Assim, uma raça que não é “pura” não poderia falar uma língua “pura”. (Grifo nosso).

Barros (2011, p. 323), ao analisar os procedimentos de construção do discurso da gramática (portuguesa e brasileira), bem como as relações desse discurso com outros discursos, a partir do século XVI até a atualidade, nos fala de um *ethos* do enunciador e um *pathos* do destinatário. Para tanto, ela toma como exemplo as gramáticas de Celso Cunha e de Maria Helena Neves. A autora aponta, primeiramente, a construção de

⁴ Ibid, 2012, p. 59.

imagens diferentes tanto no discurso do enunciador quanto do enunciatário. Assim, cada gramática apresenta um *ethos* do enunciador e um *pathos* do destinatário. Barros considera que a gramática de Cunha, através do seu discurso, revela um *ethos* do gramático, sábio e erudito. É ao mesmo tempo autoritário e benevolente e deve ensinar as regras da língua a todos que cometem erros, mesmo os mais cultos. Já o *pathos* do enunciatário é o daquele que quer aprender o bom uso da língua e acredita que, através do respeito às regras da gramática, ele poderá falar e escrever bem, e ascender socialmente (BARROS, 2011, p. 325). Ainda de acordo com Débora Raquel Massmann Eleodoro (2009, p. 46), o “*ethos* é o caráter do enunciador, é a imagem que constrói de si mesmo, sendo que o seu caráter é representado pelo discurso”. O *pathos*, por outro lado, é definido como “um conjunto de emoções, paixões e sentimentos, uma teoria das emoções”⁵.

A gramática de Neves também constrói um *ethos* de autoridade, evidenciando a autoridade de uma representante da ciência, e assim descreve e explica a língua, mantendo um distanciamento em relação ao uso comum da língua, através de estratégias discursivas.

O *ethos* do enunciador (que repreende a si e ao outro) e o *pathos* do enunciatário (o aprendiz do “bom” uso – ou da norma – da língua) poderiam, assim, residir no mesmo sujeito, que se torna ao mesmo tempo enunciador e enunciatário. Se por um lado a crítica e os estereótipos recaem sobre o outro, aquele que fala “errado”, que veio da roça e, portanto, precisa de ensinamentos, revelando o desejo de culpar, por outro lado, a crítica pode recair sobre o próprio falante que, ao “errar”, tem consciência do erro e tenta se corrigir. Encontramos eco nas palavras de Calvet (2002, p. 68):

Aqui, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos em um caso se valoriza sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas por seu falar.⁶

⁵ Ibid.

⁶ Idem, 2002, p. 68.

1.1.3 Mistura x língua pura

Observamos nas entrevistas que as representações linguísticas estigmatizadas sobre o híbrido e as misturas de línguas são recorrentes nas falas de alguns informantes. Espera-se um comportamento linguístico monolíngue, em que predomina a ideia de línguas estanques, contrariando os pressupostos de Grosjean (1996, p.16) sobre bilinguismo, que afirma como exposto anteriormente, que “o bilíngue perfeito não é o somatório de dois monolíngues”. Os trechos de diálogo abaixo ilustram bem esse tipo situação. A informante descreve o português falado pelas filhas e o falado por ela própria. Em ambos os casos, ela relaciona a ideia de clareza a uma língua pura, ou seja, sem misturas. Entretanto, apesar do monitoramento cuidadoso (como veremos na Figura 5), não consegue evitar o uso da mistura.

Olha, embora tenham nascido aqui, eu observo que o português delas é um português bem claro. O inglês não se mistura tanto assim com o português não. Porque a gente vê no ser humano capacidade de falar vários idiomas sem misturar. Sem mistura.

A representação que a informante traz sobre misturas, se afasta do que postula Grosjean (2008, p. 16):

Um dos aspectos mais interessantes do bilinguismo é o fato de duas ou mais línguas estarem em contato na mesma pessoa. (...). Em outras palavras, em seu cotidiano, os bilíngues encontram-se em um continuum situacional que os induz a diferentes modos de expressão. Em um dos extremos desse continuum, temos o modo monolíngue no qual os bilíngues falam ou escrevem para outros monolíngues em uma ou outra língua que eles conheçam. No outro extremo desse continuum, está o modo bilíngue, no qual os bilíngues interagem com outros bilíngues, compartilhando cada uma de suas línguas separadamente ou misturando-as (mudança de código, empréstimo etc.).

Através de seus discursos, os informantes revelam seu desejo de não se deslocarem no *continuum*, mas de ocuparem posições fixas, predeterminadas.

Ou eu quero falar em português ou eu falo em inglês, e eu me disciplino.

Como apresentamos nos exemplos abaixo, evita-se a mistura, pois há embutida nela uma concepção de que o que é misturado ou mesclado é impuro e deve ser evitado. As expressões “não misturo”, “não gosto de misturar” ou a ideia de cada língua deve ser falada isoladamente são exemplos disso. Como bem o diz Tarallo e Alkmim: “Mescla é mistura, contato, amálgama, etc. A lista de aparentes soluções é vasta, bem como é intensamente inquietante e provocadora a sensação de impureza que qualquer uma delas sugere.” (TARALLO e ALKMIM, 1987, p. 7).

Mas tem uma palavra que eu falo errado. Às vezes. Às vezes, não. Essa eu falo errado. Sempre que eu vou referir a ela, “você já *passou o vacuum?*” Às vezes eu falo: “Você já *passou o vacuum?*” Ou eu falo assim: “Você já *vecou?*” Então, quer dizer... Eu não acho que é feio. Eu não gosto de misturar... Ou eu quero falar em português ou eu falo em inglês, e eu me disciplino. (Ísis)

Mas você sabe que nessa pirâmide de aprender o inglês, claro que tem que evitar... Você acaba assimilando. Por exemplo, o *bisado* quando eu vim aqui eu já não... Não é correto... Porque de dizer eu sei o que é, então, então, *bisado*... Mas eles falam. Mas lá eles já não falam mais onde eu trabalho. Cê não vai falar isso! Porque é muito feio. (Carlos)

Olha, embora tenham nascido aqui, eu observo que o português delas é um português bem claro. O inglês não se mistura tanto assim com o português não. Porque a gente vê no ser humano capacidade de falar vários idiomas sem misturar. Sem mistura. (Sônia)

1.1.4 Situação de contato de línguas

Chegar a um consenso sobre o que é contato de línguas é uma tarefa difícil, dada a vasta gama de definições no escopo da sociolinguística. Alguns autores sugerem uma definição abrangente do fenômeno do contato de línguas. Winford (2007, p. 24)⁷ faz uma análise mais cuidadosa, apontando dois fatores que causariam o enfraquecimento de um arcabouço teórico mais coerente: um estaria relacionado a questões de definição e classificação, e o outro aos processos e princípios que permeiam a mudança induzida por contato.

Para efeitos de classificação de contato linguístico, precisamos de outra noção além de "mistura" ou "entrelaçamento"... Nós nos atemos, geralmente, ao subconjunto dos resultados do contato de línguas, com especial atenção para os casos mais salientes como as línguas bilíngues mistas, pidgins e crioulos. Eu, particularmente, sigo a tradição mais recente, mas isso não nega o fato de que os processos de mudança encontrados nestes casos "prototípicos" sejam simplesmente manifestações extremas do que é encontrado em todos os casos de contato linguístico... Há um desacordo contínuo sobre a classificação dos fenômenos de contato, inconsistência e variação na terminologia utilizada para descrevê-los... Por exemplo, ainda não há acordo sobre o que constitui o code-switching em oposição aos empréstimos, em oposição à alternância de código etc. (tradução nossa)

De acordo com Marlene Maria Ogliari (2003, p. 1), "O termo contato, referindo-se à coexistência temporal e espacial de duas ou mais línguas", começou a ser empregado a partir de *Language in Contact*, de Uriel Weinreich (1953). De acordo com Elizaicín

⁷ For purposes of contact-linguistic classification, we need another notion than 'mixing' or 'intertwining'... Usually, however, we focus our attention on a subset of the outcomes of language contact, paying particular attention to salient cases such as bilingual mixed languages, pidgins, and creoles. I follow the latter tradition here, but this does not deny the fact that the processes of change found in these "prototypical" cases are simply extreme manifestations of what is found in every case of language contact... There is continuing disagreement over the classification of contact phenomena, inconsistency and variance in the terminology used to describe them... For instance, there is still no agreement on what constitutes code-switching as opposed to borrowing, as opposed to code-alternation, etc.

(apud Ogliari, 2003, p. 1), já no final do século XIX, Schuchardt afirmava não existir língua sem a influência de outra, o que chamava de línguas mistas. Espinoza (1911, p. 16) chamou de *speech mixture* o fenômeno de misturas de línguas resultante do contato de línguas entre o inglês e o espanhol na costa oeste dos Estados Unidos Ogliari (2003, p. 1).

Para Weinreich (1953), o fenômeno língua em contato significa interferência de uma língua sobre a outra, concepção que perdurou até os anos 1960. Para a nossa pesquisa, a definição de Heye (2003), segundo a qual a condição para o bilinguismo se estabelece de acordo com cada contexto, está mais de acordo com o que pretendemos investigar:

Se considerarmos bilíngue somente o indivíduo que possui domínio igual e nativo de duas línguas, estaremos por certo excluindo a grande maioria. O cerne das discussões está na explicação dos diferentes contextos, a partir dos quais a condição de bilíngue se estabelece, bem como pelo nível de controle e uso de ambas as línguas em ambientes comunicativos distintos. (HEYE, 2003. p. 229)

De fato, o nível de controle das línguas é um dos pontos a ser investigado. Ao que tudo indica, nenhum dos entrevistados conseguiu controlar o uso da mistura, ou pelo menos não completamente. Em outro contexto, talvez o nível de controle seja maior. De acordo com Heye: “[...] esses estágios são vistos como processos situacionalmente fluidos e definem, de forma dinâmica, a bicompetência linguística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida.” (2003, pp. 33-34).

O que é complementado pelos conceitos de bilinguismo e bilingualidade de Savedra (2009), apud Savedra (2010, p. 207):

Bilinguismo é definido como a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas. Bilingualidade representa os diferentes estágios de bilinguismo, pelo quais os indivíduos portadores da condição de bilíngue passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluidos e definem, de forma dinâmica, a

bicompetência linguística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida.

Os falantes da variedade do português que foram observados nessa pesquisa estão em situação de bilinguismo/multilinguismo, por compartilharem, pelo menos, variedades de duas línguas – o português e o inglês – em território americano. A bilinguagem, um fenômeno individual, está presente em diferentes níveis do continuum situacional (GROSJEAN, 1994, p. 166) entre os polos que opõem o modo monolíngue e o bilíngue. Os estágios da bicompetência linguística desses falantes são fluidos, dada a condição em que eles se encontram de exposição à língua, que varia de acordo com a necessidade deles de serem mais fluentes no inglês, além da possibilidade do aprendizado via escola de inglês como segunda língua.

Há fenômenos distintos resultantes do processo de contato de línguas. Para a nossa dissertação, retomando o que já foi dito, usaremos o termo “mistura de línguas”, primeiramente, numa definição mais abrangente como a de Taylor e Ferrara (2008). Tal definição nos permite inseri-la no âmbito mais específico de “mescla linguística”, de acordo com Tarallo e Alkmim (1987, p. 11).

Para os primeiros autores, a “mistura de línguas” se refere aos fenômenos linguísticos de mistura em geral encontrados no discurso bilíngue⁸. (FERRARA; TAYLOR, 2008, p. 2). Adotaremos o termo “mistura de línguas”, enfocando o conceito de “mescla linguística” de Tarallo e Alkmim (1987, p. 11) que consideram a mescla sob duas vertentes: intracomunidade e intercomunidade. O primeiro tipo de mescla descreve “as variantes que convivem ou se entrecruzam numa mesma comunidade monolíngue”, enquanto o segundo descreve comunidades em que coexistem línguas diferentes. Os autores apontam também o valor social das variáveis, que nem sempre têm uma convivência pacífica entre si.

⁸ In order to avoid the constraints these terms invoke, we use the term language mixing to refer to the general language mixing behaviors found in bilingual discourse.

1.1.5 O contato de línguas gera uma mistura chamada...

E agora *portinglês*?

Desde que começamos a pesquisa de mestrado em 2012, tenho abordado diferentes contornos desse fenômeno de mistura das variantes do português com o inglês falado pelos imigrantes brasileiros de Framingham nos Estados Unidos. Temos adiado, entretanto, um aspecto crucial, que, a meu ver, é que nome daremos a essa mistura.

Chamada de *portinglês*, em 2001, quando registramos e analisamos alguns dos aspectos da *mescla linguística*, de acordo com os preceitos de Tarallo e Alkmim (1987, p. 11). Discípulo de Labov, Tarallo, em seu livro *O que é sociolinguística*, foi o autor que nos trouxe os primeiros conceitos sobre mistura de línguas, para o meu trabalho de conclusão de bacharelado em Letras. Tendo como enfoque principal registrar a existência do fenômeno na comunidade de imigrantes brasileiros de Framingham, o nome *portinglês* foi escolhido depois da sugestão do meu orientador Professor Luís Carlos Costa. Somente um ano mais tarde descobri que Adalino Cabral, em sua tese de doutorado de 1985, cunhou o termo para se referir à mistura do português de Portugal com o inglês, produzida pelos imigrantes portugueses na região de New Bedford, Massachusetts.

Kátia Mota (2007) chamou de “português brasuca” o que ela considerou ser a mistura um “dialeto emergente”. Em 2010, a Professora Clémence Jouët-Pastré (2012, p. 9), ao falar sobre o “emigrês” dos brasileiros residentes nos Estados Unidos, chama a mistura de “portinglês brazuca”.

Como bem observou o Professor Dionei Moreira Gomes do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília, a mistura de línguas que descrevemos está relacionada aos falantes do português brasileiro, e não sobre o português de Portugal, como descreve Adalino Cabral. Decidimos acatar a sua sugestão sobre a mudança do nome da mistura, por considerarmos “portinglês brazuca” como uma nomenclatura

satisfatória. Porém, neste trabalho, usaremos “mistura” ao nos referirmos a esse falar dos imigrantes brasileiros de Framingham.

1.2 Representações

“Representação” no senso comum pode ser considerada como o que se pensa sobre algo, ou alguém; ou a imagem que se tem sobre algo ou alguém.

De acordo com Sergei Moscovici (apud OSTI, 2010, p. 12), “uma representação social é a organização de imagens e linguagem porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são ou nos tornam comuns...”. É nesse sentido que nos referimos frequentemente à “representação (imagem) do espaço, da cidade, da mulher, da criança, da ciência, do cientista, e assim por diante” (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Indo um pouco mais além, poderíamos dizer que elas são resultantes de conceitos ou pré-conceitos que passam a ter valor de verdade para um indivíduo, um grupo ou comunidade. Como somos seres sociais e culturais, essas ideias não surgiriam a partir de inferências individuais apenas, mas do inconsciente coletivo. Mas de onde partem e como surgem as representações que acabamos por reproduzir e que passam a ter valor de verdade?

Para Serge Moscovici (1978, p. 25), as representações são um renascimento do senso comum, o qual não pode ser compreendido em termos de vulgarização, difusão ou distorção da ciência. Desse modo, podemos dizer que o senso comum nessa perspectiva é parte integrante das representações. De acordo com Marília Claret Geraes Duran (2012, p. 237), “para Moscovici, o senso comum é um terceiro gênero de conhecimento, diferente do gênero ideologia e do gênero ciência”.

As identidades, sejam elas individuais ou coletivas, se estabelecem no processo cultural e de sistemas simbólicos em que as representações se inserem, de acordo com Kathryn Woodward (2000). Para a autora:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados

produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, In SILVA, 2000, p. 17)

Discutiremos as representações dos imigrantes brasileiros de Framingham sobre a mistura de línguas sob o viés da sociolinguística. Não faremos distinção entre tipos de representações, como por exemplo, representações linguísticas ou sociais. Para nossos propósitos, tanto uma quanto a outra está dentro da abrangência que nossa pesquisa busca atingir. Em nossa análise, os aspectos linguísticos e sociais serão analisados como interdependentes e/ou intercambiáveis. Dessa forma, usaremos “representação” como termo guarda-chuva. Não faremos distinção também entre esse termo e “imaginário coletivo”, cunhado por Anne-Marie Houdebine-Gravaud (2002, p. 10). Justificamos nossa posição procurando subsídios dentro da própria sociolinguística, em que Heye (2003) apud Renata Sobrino Porto (2007, p. 2) descreve:

As abordagens sociolinguísticas tentam uma reaproximação entre língua e grupo social do falante, onde a língua é um dos recursos disponíveis para produção cultural – esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais o grupo produz um discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento. (HEYE, 2003, p. 31).

Entre as questões que perpassam esse tema, estão a variação linguística, preconceito e norma, línguas de contato, bilinguismo, língua pura e tradução.

Nos discursos dos falantes, as representações que emergem sobre a mistura de línguas estão estreitamente relacionadas ao contexto de imigração, o que nos remete a questões de alteridade e pertencimento/exclusão. As representações sobre o outro e a língua falada por ele mostram que origem, classe social, nível educacional etc. são fatores determinantes. O outro pode ser ele mesmo, outro imigrante brasileiro, imigrantes de outras nacionalidades e/ou o outro americano. Há ainda, nesses discursos, generalizações estereotipadas sobre o país em que vivem atualmente: os Estados Unidos. E um Brasil que deixaram para trás. Assim, estamos diante de atitudes e de representações “como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo

e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais” (JODELET, 2002, p. 5).

A ideia de uma língua falada que corresponda aos princípios de uma língua escrita e de acordo com a norma faz parte de uma construção social que os imigrantes brasileiros trazem consigo para o país de destino. Saem em defesa de um português falado “direito”, de um “português” que ficou para trás. Como se fosse impossível a convivência dessas e de outras variantes numa mesma comunidade. Assim, a mistura de línguas é deslocada para um lado oposto. Para Rodrigues (2012, p. 366), porém, através das variantes também se reconhece uma comunidade, as diferenças sendo parte dela:

Dentro do conceito de identidade há um lugar para a língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela variante ou pelas variantes linguísticas usadas em seu interior e, além disso, porque a percepção do que é igual ou diferente se faz, sobretudo, por meio dos usos linguísticos.

Tendo como pano de fundo a modernidade tardia (segunda metade do século XX), Hall (2006) nos apresenta as identidades a partir das rupturas nos discursos sobre o conhecimento do sujeito moderno, provocando um descentramento desse sujeito. Ao associar esse descentramento ao pensamento de Saussure, por exemplo, para o qual nós não somos os autores dos significados que expressamos na língua, posto que a língua é um sistema social e não individual. Hall postula que “falar uma língua significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (2006, p. 17).

Sobre o significado das palavras, o autor ainda afirma que:

- i. não pode ser fixo, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua;
- ii. surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua;

iii. é inerentemente instável: apesar de procurar o fechamento (a identidade), é constantemente perturbado (pela diferença).⁹

Língua é poder e expõe identidades, colocando os indivíduos, hierarquicamente, uns diante dos outros. No entanto, as identidades são líquidas (BAUMAN, 2005, p. 17)¹⁰ e contraditórias (HALL, 2006), embora ainda persista o temor de nos perdermos, ao expor nossas identidades. Na relação entre identidade e diferença, entre o quem “eu” sou em relação ao “outro” que eu não posso ser (HALL, 1992, p. 21), parece residir o desejo de se manter uno, falar uma língua pura, que revelará um “eu” coerente. Há, entretanto, dentro de nós, identidades contraditórias, definidas historicamente, e sendo continuamente deslocadas em diferentes direções (HALL, 2006, pp. 4 e 5). Para Rajagopalan (1998), a identidade não existe sem a língua, e se a língua está em constante evolução, assim estará também o indivíduo: “Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo (1998, p. 41-42). Mudanças na língua e na identidade podem levar um falante, em situação de bilinguismo, a se retrair, porque isso implica constante negociação, o que pode se tornar desconfortável. Para ser considerada de prestígio, a língua mãe, “a verdadeira” língua portuguesa, deverá ser falada “corretamente”, de acordo com normas gramaticais pré-estabelecidas. Nesse conceito, não caberiam as variantes da roça, o “roçariano”, como um informante bem diz. A mistura de duas línguas transforma a sua língua, agora falada em terra estrangeira, em algo que ele não mais reconhece. Língua e identidades passam a ter novos significados. E se língua e identidade estão intrinsecamente ligadas, descolar esses elementos pode ser doloroso.

Ao definir representação como uma “forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”, Jodelet (2002, p. 22) coloca no centro da discussão questões como alteridade e pertencimento. Se eu marco o outro, se o defino

⁹ Idem, 2006; pp. 20 e 21.

¹⁰ “tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.” (Bauman, 2005, p. 17).

utilizando estereótipos, estou antes de tudo o excluindo de um lugar que também deveria ser partilhado, mesmo que ele não saiba. Estereótipos não surgem do nada. Há um reconhecimento, mesmo que velado do grupo. Nesse caso, um mesmo indivíduo que exclui é também atingido por representações estereotipadas e preconceituosas. Labov, ao estudar o inglês negro num gueto do Harlem em Nova Iorque, pôs em cheque as políticas de ensino de línguas das escolas, e em última instância, o sistema de ensino. O preconceito e a falta de preparo em lidar com a realidade provocavam o silenciamento dos alunos negros, pois eram considerados “burros” por viverem em situação de pobreza. Pobreza e dificuldades no aprendizado são colocadas como sinônimos, criando estigmas como se fossem marcas indelévels. Jodelet (2002), ao questionar o papel das representações sociais, afirma:

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto à difusão e à assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 2002, p. 5).

1.2.1 Representações estereotipadas

Partindo das observações iniciais sobre as variedades em contato na situação sociolinguística observada, buscamos analisar a “maneira de ver” ou a “imagem” que se faz sobre esse fenômeno linguístico, sob o prisma das representações. Ou seja, nos interessava apreender o comportamento linguístico e o que se diz sobre ele na comunidade de imigrantes brasileiros em Framingham, Massachusetts. No que se refere especificamente à produção de regionalismos, observamos, em nossa pesquisa, a referência ao uso de palavras como “*tuquantuá*” (tudo quanto há), “*quascabano*” (quase acabando) e “*garrado*”, mencionadas por nossas entrevistadas nos diálogos abaixo. Temos, além disso, comentários sobre o falar dos mineiros, que são a maioria dos

imigrantes, que ressaltam as características mais evidentes de sua fala. Manifestam certo estranhamento ou acham até engraçado, sem, entretanto, demonstrarem preconceito:

Como diz o mineiro, “tuquantuá” (tudo quanto há). É outro vocabulário que a gente vai aprendendo também aqui. Sei lá da onde em Minas. Eles falam cada coisa... (Falam) sonseira. (Cristina)

... to “quascabano” (tô quase acabando) (Cristina)

Serapear, brequear... “surrar”... Outro dia eu escutei “surrar”... Surrar de bater? Não, surrar era esfregar a pia. Aí, a pessoa assim: “Já surrei a pia”. Eu digo: O quê? Surrei a pia. É arear. O “bobo”... “Ah bobo”... Você dá risada. Você pensa até que é... É... quase um dialeto! (Carlos)

... Daí ela falou assim... Ah não sei o que aqui tá “garrado” chã. Aí eu olhei e falei: Gente! “Agarrado”? O que que que é isso? Eu não tinha noção nenhuma. Tá “garrado”! Agarrado o que no chã? A sujeira... Tá grudado. Tem essas... Aqui é questão de estado. (Rose)

Em alguns casos, é possível observar que esse estranhamento acarreta um distanciamento manifestado no discurso pelo uso do pronome ele, além de substantivos precedidos do artigo definido, e do sujeito quase sempre na terceira pessoa do plural.

Sei lá da onde em Minas. Eles falam cada coisa... (Falam) sonseira. (Cristina)

Nós, os mineiros... Os mineiros sofrem muita discriminação. “– Mineiro é um só”. “O mineiro fala muito errado”. Generalizam. “– Mineiro só fala assim, mineiro só fala assado”. (Horácio)

E existe aquele protótipo, ah ele fez alguma coisa, ah porque ele é mineiro entende? Ah, ele fez, ah, porque é, só podia ser mesmo. Ele é mineiro mesmo, então existe isso, as pessoas de outro estado acabam que criam um, é, um tipo de um preconceito... (...) Eu já ouvi isso

várias vezes, várias vezes, é... De relacionar algum problema com o lugar que a pessoa é no Brasil ou, ou de falar alguma besteira, ah, mas só podia falar isso mesmo, olha de onde que ele é, ele é roceiro, ele é não sei da onde, então é... (Dany)

Bortoni-Ricardo, entretanto, nos fala também de situações em que há preconceitos sobre o falar dos mineiros, projetados sobre a própria comunidade:

Os não mineiros, ignorantes nas coisas de Minas, supõem, precipitada e levemente, que os mineiros vivem — linguisticamente falando — apenas de “uais”, “trens” e “sôs”. Digo-lhes que não. (BORTONI-RICARDO, 2001, p. 2).

As representações não surgem ao acaso, mas são uma “forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que regem nossa relação com o mundo e com os outros” (JODELET, 2002, p. 5). Assim, não é o objetivo do nosso trabalho fazer juízos de valor sobre as produções. Buscamos apreender as representações que emergem nos discursos dos falantes dessa comunidade sobre a mistura de línguas, tentando compreender o porquê dessa atitude.

Nesse contexto, a escola caminha a passos lentos no sentido de uma mudança no ensino da língua, como preconiza a sociolinguística. Desloca o papel de produtora e reprodutora de conhecimento na manutenção e reprodução de preconceitos e estereótipos sobre a língua. A norma tem um papel de destaque, enquanto outras variedades de menos prestígio ocupam uma posição periférica.

Assim como a escola, os meios de comunicação de massa, especialmente as redes de televisão, têm grande parte de responsabilidade, por serem formadores de opinião e de hábitos.

É nesse contexto que compreendemos a também a reprodução dos preconceitos e estereótipos que levam a representações sobre a mistura de línguas pelos imigrantes brasileiros de Framingham.

Queremos verificar em que medida as representações (estereotípicas e/ou estigmatizantes) sobre a mistura de línguas remetem a fatores extralinguísticos, tais

como origem geográfica e socioeconômica, nível educacional etc. Há que se lembrar que estereótipos nem sempre têm conotação depreciativa. Assim, nas entrevistas, encontramos tanto estereótipos com conotações positivas quanto negativas relacionadas a questões linguísticas, culturais e étnicas:

*Mineiro é gente boa! ...E é um povo mais retraído... Não é briguento.
(Carlos)*

A gente tem aqueles estereótipos, que americano é frio, que americano é não sei o quê... Para mim, na verdade, a partir de quando eu comecei a me relacionar com eles, eu vi que não tem nada a ver.(Dany)

Não, eu não sei, hispano é bagunçado. (Cristina)

O americano gosta do clean and cut. Entendeu? Ele gosta do cara com cabelo cortadinho baixinho, barba feita, bem apresentável.

Às vezes, acontece. Mas aí, para falar errado... Você vai falar estacionar. Não é falar parquear. (Cristina)

1.3 Análise Sociolinguística

1.3.1 Variação, variantes e variáveis

Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação

De acordo com a sociolinguística variacionista, a língua falada está relacionada aos seus aspectos sociais e culturais. É considerada, portanto, um meio de interação que estabelece relações de contato e convivência em grupo (LUCCHESI; ARAÚJO, 2010).

Variação são formas linguísticas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em

concorrência (quando duas formas concorrem) nas comunidades de fala¹¹.

A variação no português do Brasil pode ser compreendida a partir de contínuos traçados por três linhas imaginárias: o de urbanização, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística. Em um dos polos do “contínuo de urbanização”, estariam situados os falares rurais, isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas; enquanto no outro estariam os falares, influenciados por agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola (BORTONI-RICARDO, 2004, pp. 51 e 52). “Ao longo do contínuo oralidade-letramento, ocorrem eventos de comunicação, mediados pela língua escrita, em que não há influência direta da língua escrita”¹². Já no contínuo de monitoração estilística, estão situadas “desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante”¹³ (destaques nossos).

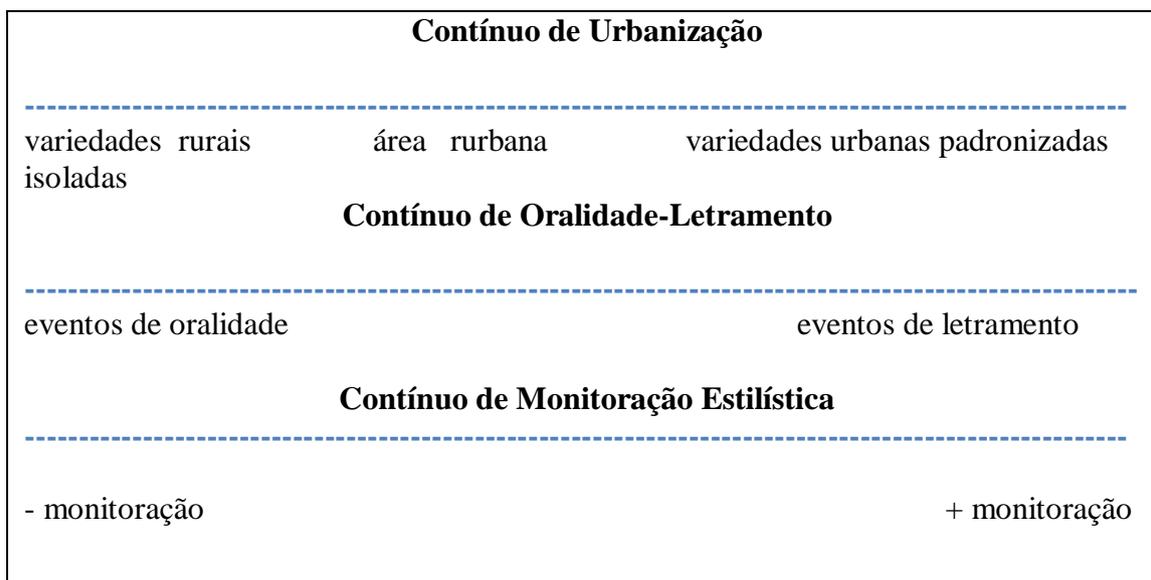


Gráfico 1: Contínuos de acordo com Bertoni-Ricardo

Fonte: BORTONI-RICARDO, 2009, pp. 52 e 62

¹¹ Idem, 2010.

¹² Idem, pp. 61 e 62.

¹³ Ibidem, p. 62.

Na análise sociolinguística, cujo objeto de estudo é a comunidade de fala, as variações são sistemáticas, em que a heterogeneidade é estruturada, através de um sistema. Portanto, não existe um *caos linguístico* (Figura 1¹⁴).

Variantes linguísticas são formas em variação, ou seja, são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.



Figura 1: Heterogeneidade estruturada

Fonte: Própria

1.3.1.1 Variáveis linguísticas (Figura 2¹⁵)

Variável linguística: conjunto de variantes. Essas variáveis subdividem-se em *variáveis linguísticas dependentes e independentes*.

Variável dependente: fenômeno em que se objetiva estudar, por exemplo, a *aplicação da regra de concordância nominal* (presença ou a ausência da regra), seriam então as formas que estão em competição: a de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais

¹⁴ Esquema adaptado a partir do artigo de Lucchesi e Araújo, 2004.

¹⁵ Idem, 2004.

(extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes* (LUCCHESI; ARAÚJO, 2004).

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

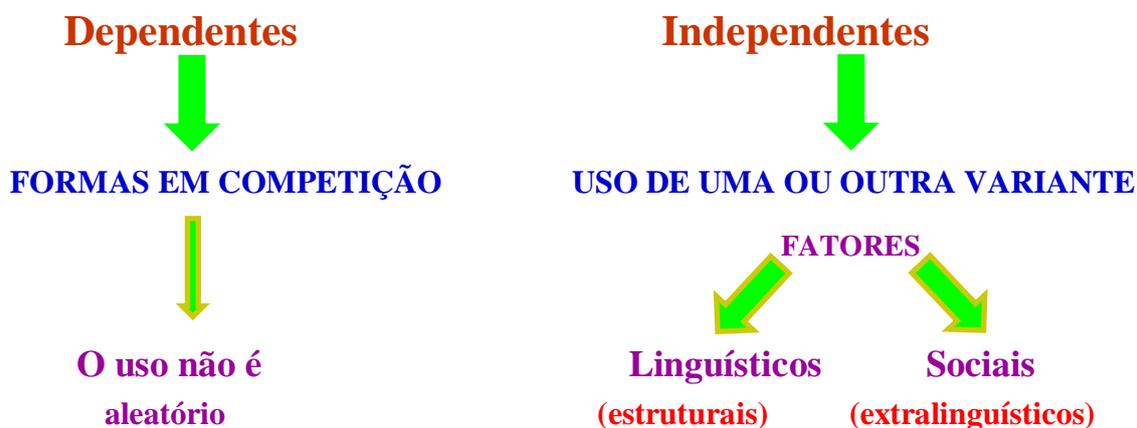


Figura 2: Variáveis linguísticas

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera o uso da língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), “ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

Desse modo, um estudo sociolinguístico sob a perspectiva variacionista visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. De acordo com Lucchesi e Araújo (2010):

Comunidade de fala para esse modelo não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros. Portanto, pode-se

entender a comunidade de fala como um grupo que segue as normas de uso de uma determinada língua. Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente existirão formas linguísticas em variação, formas que estão em coocorrência e em concorrência. (Idem, 2010).

Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Ao formalizar esse cenário, a análise sociolinguística variacionista busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, *sincronicamente*) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, *diacronicamente*)¹⁶.

1.4 Metodologia

1.4.1 A coleta de dados: o *corpus*

A abordagem metodológica desta pesquisa é de cunho etnográfico e quanti-qualitativo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, questionários e anotações feitas a partir de observações em locais de maior circulação desses imigrantes. O *corpus* é composto também de enunciados do Facebook e transcrição de programas de rádio com transmissão online, com depoimentos de imigrantes brasileiros residentes em Framingham envolvidos. Essa fase de coleta teve uma duração de aproximadamente 11 meses. Anexos da monografia “O *portinglês* falado por imigrantes brasileiros nos Estados Unidos” (Espíndola, 2001, Apêndices A e B) foram também incluídos. Parte da análise quantitativa da pesquisa foi realizada com o auxílio do programa Excel, para os gráficos, e do software AntConc. 3.4.1, para análise de *corpus*.

O perfil dos informantes está apresentado de duas formas. Para os respondentes do questionário, optamos por mostrar os dados sob a forma de gráficos. Para os entrevistados, optamos por quadros para a apresentação dos dados pessoais, textos individuais com alguns tipos de mistura que eles produzem e exemplos, de acordo com

¹⁶ Ibidem, 2010.

os tópicos relacionados aos fatores considerados relevantes para nossas análises. Adotamos uma metodologia híbrida, utilizando diferentes formas para a coleta e análise dos dados. Na primeira fase da nossa pesquisa, utilizamos enunciados da rede social virtual, o *facebook*, e transcrição de programas da rádio brasileira local. O objetivo, nessa fase, era verificar se havia ocorrência da mistura nas conversas entre “amigos” em grupos de imigrantes de Framingham e também nos anúncios de oferta e procura de emprego. O *facebook* tem por característica um tipo de interação espontânea entre os seus membros, que seria mais próximo da língua falada. Os programas de rádio forneceriam exemplos da fala propriamente dita. Conseguimos reunir dados interessantes, mas não suficientes para dar conta de nossas indagações iniciais.

Assim, passamos à segunda fase do trabalho, a pesquisa etnográfica, permitindo a coleta dos dados *in loco*, a partir de questionários e entrevistas, em Framingham. Tivemos a oportunidade de não apenas fazer uma coleta formal, mas também observações sobre a rotina dos imigrantes no tocante ao trabalho, locais de encontro e lazer.

1.4.1.1 Questionário sociolinguístico (2013)

Foram distribuídos 50 questionários (APÊNDICE D), com 34 perguntas contendo os seguintes tópicos:

1. Dados pessoais (inclui origem e nível de proficiência na língua inglesa).
2. Tempo de permanência nos Estados Unidos.
3. Razão para imigrar.
4. Opinião sobre a mistura.
5. Interação linguística e social.
6. Influência dos meios de comunicação.
7. Férias no Brasil e retorno.
8. Família.
9. Religião.
10. Interação linguística e social.

As respostas foram do tipo múltipla escolha, com exceção das que envolviam dados pessoais, mas com respostas diretas. O objetivo foi envolver um número maior de informantes e poder estabelecer algumas generalizações, que seriam confirmadas ou não pelas entrevistas.

1.4.1.2 Roteiro para as entrevistas

Utilizamos um roteiro semiestruturado (APÊNDICE C) que permitisse maior flexibilidade tanto de nossa parte quanto dos entrevistados em relação aos tópicos abordados. As modificações foram sendo feitas de acordo com as particularidades de cada situação e dos entrevistados. Procuramos dessa forma, obter um caleidoscópio de informações, que além de dar mais consistência à nossa análise qualitativa, pudessem ser cruzadas com os dados do questionário sociolinguístico, com perguntas mais objetivas.

1.4.1.3 O objeto

As representações se constituem fundamentalmente através da relação entre sujeito e objeto. Em nossas análises sobre as representações, o objeto central são os discursos produzidos pelos imigrantes brasileiros de Framingham, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. As informações foram obtidas através de questionários e entrevistas. Distribuímos 50 questionários, com o intuito de abranger características diversas com relação à idade, ao sexo, à profissão, ao tempo de permanência nos Estados Unidos, à proficiência na língua, entre outras. Para que isso fosse possível, visitamos locais tais como escolas, centro de apoio a imigrantes brasileiros e comércio, além do contato pessoal, por telefone ou *e-mail*. Na maioria das vezes, os imigrantes abordados foram bastante amigáveis e cooperativos. Houve naturalmente resistência e recusa de alguns por fatores como receio de dar informações que pudessem comprometê-los, devido ao *status* imigratório, e de que as informações fornecidas

fossem distorcidas. Tais fatores impossibilitaram, em alguns casos, a devolução dos questionários e a realização das entrevistas.

1.4.1.4 Abordagem

No primeiro contato, fazíamos nossa apresentação fornecendo dados como nome e nível de escolaridade da entrevistadora, nome e local da universidade e a natureza da pesquisa. Apesar de ser esse o protocolo, procurávamos sempre adequar o nosso estilo e o registro da fala ao contexto de cada entrevista. Foi importante também manter o equilíbrio entre profissionalismo, informalidade, modo de vestir e principalmente a polidez. O assunto sempre gerava reações imediatas, bem-humoradas ou crítica com exemplos em relação a palavras ou expressões, sobre o próprio falar dos informantes (ou possíveis informantes). O que nos chamou a atenção durante as abordagens foi a frequência com que os fatores escolaridade, origem geográfica e nível de proficiência no inglês e no português eram tidos como causa para a ocorrência da mistura linguística que eles próprios produzem. E mais interessante era a relação que se fazia entre mistura de línguas, variantes regionais e os mineiros, principalmente os da “roça”.

Foram adotadas diferentes formas de abordagem para os entrevistados. Os possíveis candidatos foram convidados a participar dessa fase da pesquisa, durante o encontro para o preenchimento dos questionários. A maior parte concordou em responder apenas aos questionários. Concentramos nossos esforços em obter a maior variedade possível de informantes de acordo com idade, sexo, profissão, origem e tempo de permanência nos Estados Unidos. O primeiro passo foi entrar em contato com os informantes da pesquisa de 2001. Apenas três concordaram em participar das entrevistas: um casal (Marcos e Ísis) que nos recebeu em casa e Maurício (os nomes dos entrevistados citados nessa dissertação são fictícios), que respondeu às perguntas por escrito. Dois comerciantes (Jairo e Luís Carlos), o líder religioso (Paulo) e a balconista (Rose) foram procurados no local de trabalho, onde as entrevistas foram realizadas. Cristina (balconista) foi indicada por Ísis e nos recebeu em sua casa onde tivemos também a oportunidade de observar a interação da família em relação à língua falada por eles; além disso, convidou Tereza para participar da entrevista. O contato com Dany

(professora e babá) e Carlos (técnico em informática) foi feito em uma escola de inglês, sendo as entrevistas realizadas, respectivamente, na biblioteca pública de Framingham e na própria escola. Horácio (pedreiro de acabamento) foi abordado num centro de apoio a imigrantes e nos recebeu em casa. O caso mais emblemático foi o de Sônia, que foi abordada num estacionamento em frente ao prédio em que trabalhava de *housecleaner* (faxineira). Ao vê-la saindo do carro com baldes, aspirador e toda a parafernália que esse tipo de trabalho exige, inferimos que essa fosse a sua profissão e tivemos o ímpeto de abordá-la. A hesitação predominou por alguns instantes e, entre idas e vindas, decidimos finalmente nos aproximar. Sônia demonstrou imediatamente ser bastante cooperativa se oferecendo, inclusive, para irmos à sua escola de inglês em busca de outros informantes. Em todas as abordagens, primeiramente informávamos nossos dados pessoais como nome, situação acadêmica e universidade a qual pertencíamos, introduzindo, logo em seguida, o assunto. Independentemente de participarem diretamente ou não da pesquisa, os imigrantes brasileiros de Framingham de um modo geral, demonstraram simpatia e respeito em relação ao nosso trabalho. Os entrevistados, sobretudo, foram extremamente gentis e pacientes, dispondo em média duas horas do seu tempo, chegando, em alguns casos, a três.

1.4.1.2. Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Profissão	Local de origem	Proficiência na língua inglesa	Nível de escolaridade	Tempo nos EUA
Carlos	41	Técnico em informática	São Paulo	Básico	Superior completo	8 meses
Cristina	41	Secretária	Brasília	Avançado	Ensino médio	13 anos
Dany	29	Professora e faxineira	São Paulo	Avançado	Mestrado	6 anos

Horácio	45	Pedreiro	Minas Gerais	Intermediário	Ensino médio	14 anos
Ísis	49	Faxineira	Governador Valadares	Intermediário	Ensino médio	24 anos
Jairo	42	Comerciante	Porto Velho	Avançado	Superior completo	12 anos
José	71	Aposentado	Goiânia	Básico	Ensino médio	27 anos
Luís Carlo	59	Comerciante	Goiânia	Avançado	Superior completo	33 anos
Marcos	54	Zelador	Governador Valadares	Intermediário	Superior incompleto	26 anos
Mauricio	55	Sem profissão definida	Virginópolis	Avançado	Superior completo	20 anos
Paulo	65	Líder religioso	Rio Grande do Sul	Intermediário	Superior completo	10 anos
Rose	28	Balconista	São Paulo (interior)	Básico	Ensino médio	4 anos
Sônia	47	Faxineira	Coronel Fabriciano	Básico	Ensino médio	26 anos
Tereza	39	Balconista	Paraná	Avançado	Ensino médio	22 anos

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

1.4.2 Observação participante: para além do paradoxo

Uma questão conflituosa se instalou ao me inserir na comunidade brasileira de Framingham como observadora participante. O observador participante está sujeito a se deparar com o *paradoxo do observador*, pela proximidade que acaba por ter com seus informantes. O envolvimento pessoal vai além das questões decorrentes da pesquisa em si, por ter crescido na cidade que mais “exportou” migrantes para os Estados Unidos, principalmente nas décadas de 1980 e início de 1990 – Governador Valadares. Por um lado, a minha origem teve um papel importante no que tange à aproximação dos informantes, pois a familiaridade com os hábitos culturais da comunidade, de um modo geral, poupou-me de situações provavelmente embaraçosas. Por outro lado, narrativas que ouvia de migrantes que estavam tão longe da família e por tantos anos me remetiam a histórias de familiares próximos que também estiveram na mesma condição. O *status* imigratório é um fator determinante na vida do imigrante, e estar indocumentado traz o temor de voltar ao país de origem e não poder se tornar imigrante novamente, a não ser por travessias arriscadas como através das fronteiras do México, por exemplo. Houve duas situações que me foram impactantes. Na primeira, um pai de família, de aproximadamente 40 anos, que só vira o filho ao nascer, já estava há duas décadas nos Estados Unidos. Perguntei se eles se falavam através da internet e ele me disse que não, porque não tinha coragem de usar a rede, temendo ter sua privacidade atingida por colegas que moravam na mesma casa que ele. Confessou também que já tem um neto que apenas conhece através de fotografias, e uma esposa que espera por ele. Espera que, em quatro anos, esteja pronto para retornar ao Brasil e montar o próprio negócio. A outra história foi de uma senhora que, por telefone, pediu a irmã que lhe enviasse uma carta, porque queria tocar no mesmo papel que ele teria tocado, já que não podia dar-lhe um abraço ou um beijo.

Além de histórias como essas, o momento das entrevistas também exigia uma preparação, pois me sentia como uma invasora adentrando um mundo tão particular que era o dos meus entrevistados. Era sempre necessária uma pausa de alguns dias ou até mais de uma semana para ir para a próxima entrevista. Durante esses períodos, eu me dedicava à pesquisa bibliográfica na biblioteca de Framingham, à entrega de questionários e às observações nos locais onde havia uma presença significativa de

imigrantes. O local onde exercitei com bastante frequência a minha “mineirice” foi o *Centro Bom Samaritano*, que, além da função social de prestação de serviços de um modo geral, se propõe a dar, dentro de suas possibilidades, apoio humanitário. Por ser assim uma referência na comunidade brasileira, acaba sendo um local aonde os imigrantes podem chegar, tomar um cafezinho e “bater um papo” com o “Seu” Manoel. Nesses momentos, eu era sempre introduzida na conversa, permitindo, assim, que eu abordasse o assunto da pesquisa. Em outras ocasiões, eram apenas também conversas informais, mas sem possibilidades de falar sobre o assunto, devido ao entra e sai do público ou da prensa, pois muitos não queriam “perder dia de trabalho”. Eu me mudei de “Valadares” na década de 1980 deixando de ter contato com muitos amigos desse período. Entretanto, não raro, eu encontrava no Centro pessoas de Valadares ou redondezas que eram amigos de amigos que eu não vira por mais uma década. Uma dessas pessoas foi um senhor da cidade de Sabinópolis em Minas Gerais, que me falou um pouco sobre um casal de amigos residentes nessa cidade. A receptividade com relação ao meu trabalho foi enorme por parte do Sr. Manoel Basílio e do Ricardo Pereira do Centro que me permitiam executar pequenas tarefas, como fazer o café ou digitar algumas listas. Foram semanas durante as quais pude estar diante de uma gama de imigrantes com vários perfis, documentados, indocumentados, pessoas se cadastrando para empregos (também são referência para empregadores à procura de trabalho), outras se informando sobre assuntos diversos, ou para tirar passaporte. Assim, ainda que não fosse possível documentar esses encontros, havia ali a oportunidade de observar com descrição a fala e obter informações sobre sua origem. Pude observar que houve uma queda significativa no número de imigrantes que chegam à cidade, pois uma das formas de se detectar essa situação é através da quantidade de pessoas que frequentam o Centro para se informar ou se cadastrar para empregos, de acordo com um dos funcionários.

1.4.3 O Facebook

As postagens (conversas e anúncios) na rede social virtual *Facebook* foram selecionadas de acordo com o perfil dos sujeitos envolvidos. O Arquivo Público do Estado de São Paulo assim define o *Facebook*:

Fundado em quatro de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, ex-estudante de Harvard, o Facebook é atualmente a rede social mais utilizada no mundo, com mais de 250 milhões de acessos e cerca de 500 milhões de usuários. Só no Brasil, o Facebook possui mais de sete milhões de usuários cadastrados, com crescimento de cerca de 70% em 2009. No Facebook você pode publicar uma série de conteúdos que queira compartilhar com seus amigos. Eles os receberão e, na mesma hora, poderão fazer comentários acerca de sua publicação. Você também tem acesso ao que seus amigos estão publicando em seus murais. É possível publicar fotos, imagens e vídeos tanto de um computador pessoal (PC) como de celulares com acesso a e-mail. Você também pode publicar eventos, participar de grupos de discussão, compartilhar links, entre outros.

A escolha dessa rede social como canal de comunicação se deve em parte à espontaneidade com a qual os usuários lidam com essa ferramenta. Para os usuários do primeiro grupo, a fotografia é o elemento desencadeador de emoções ou reações que o levarão a se expressar. De acordo com Adam D. I. Kramer et al. (2014):

Demonstramos através de uma bateria de experimentos (N = 689.003) no Facebook, que estados emocionais podem ser transferidos para outras pessoas através do contágio emocional, levando as pessoas a experimentar as mesmas emoções sem se darem conta. O contágio emocional ocorre sem a interação direta entre pessoas (demonstrar emoção a um amigo é suficiente), e na completa ausência de sinais não-verbais¹⁷. (Tradução nossa)

Assim se expressa a informante:

Happy thanksgiving. Obrigado meu bom Deus pela minha vida, família amigos,

¹⁷ We show, via a massive (N = 689,003) experiment on Facebook, that emotional states can be transferred to others via emotional contagion, leading people to experience the same emotions without their awareness. We provide experimental evidence that emotional contagion occurs without direct interaction between people (exposure to a friend expressing an emotion insufficient), and in the complete absence of nonverbal cues.

e todas as bênçãos que são derramadas todos os dias. *Let's all be thankful. Amen.*
(Informante 1)

Nesse contexto, flagramos a mistura linguística, como demonstrada no exemplo acima. Para os usuários do segundo grupo, entretanto, o elemento principal que o leva a utilizar o Facebook é bem mais pragmático: a procura de trabalho. É esse também o elemento desencadeador da escrita, bem curta, e sem recursos gráficos que a enfeite. A mistura também aí está presente, caracterizada principalmente pelo uso de empréstimos.

Estou a procura de trabalho *full time* de limpeza or housekeeper, secretaria, qualquer coisa dirijo e falo ingles. (Informante 2)

De fato, de acordo com Mota (2007, p. 34):

Mostrar que já sabe dizer em inglês toda a lista de expressões referentes aos documentos nacionais, tais como Greencard, Social Security ou Driver license sinaliza que o imigrante já está se adaptando aos novos territórios de identidade. Em conversas mais íntimas, entretanto, tais referentes são aportuguesados em formas simplificadas e camufladas em expressões tipo “tirar o social” (pronúncia em português) ou “tirar o Sílvio Santos” (referindo-se às iniciais de Social Security).

A partir desse *corpus*, composto por falantes da mistura das variedades do português brasileiro e do inglês americano, com faixa etária, profissão e escolaridades variadas, analisamos alguns casos de misturas.

As identidades dos usuários foram preservadas. As amostras foram coletadas com o objetivo de observar o uso da mistura de línguas na comunicação entre esses usuários.

Utilizamos o *Facebook* para observar dois grupos distintos. Assim, nosso ponto de partida foram imigrantes que satisfizessem certas condições que procurávamos para nossa pesquisa. A saber, que:

- estivesse na cidade desde a década de 1980;
- tivesse filhos nos Estados Unidos (segunda geração);
- mantivesse laços com o Brasil;

- tivesse círculo de amizades diversificado em Framingham nos vários setores sociais;
- fosse usuário do *Facebook*.

Após sermos “adicionados” pude participar do círculo de amigos.

Utilizamos também o *Facebook* da rádio local para observar a linguagem utilizada nos classificados (lá os imigrantes recém-chegados “postam” anúncios) e nos anúncios em geral. Isso nos levou a inferir que mesmo o recém-chegado compreende o “código” de inclusão.

Ola acabo de chegar do brasil e procuro emprego tenho *green card* e *social* e tenho a licensa pra dirigir moro em XXXXX-MA contato YYY-ZZZAACC, XXXXX obrigado. (Informante 3)

O *Facebook* é uma rede social, mediada por computador, em que é necessário ser assinante, em primeiro lugar, para que se tenha acesso a qualquer informação. Em segundo lugar, na maioria das vezes, é necessária a autorização dos usuários para que se tenha acesso ao seu perfil, ou pelo menos, ao perfil completo.

Diante do exposto acima, usar essa tecnologia como ferramenta pode nos auxiliar em nosso trabalho, pois, se na monografia de 2001, tínhamos a espontaneidade da fala, aqui temos a fotografia como gatilho que dispara emoções. No tocante aos anúncios, a espontaneidade cede lugar à necessidade de sobrevivência. Em todos esses discursos, outro traço comum continua sendo a necessidade de pertencimento. No caso dos anúncios, a necessidade de se mostrar parte do grupo pode se dever ao fato de que o imigrante tem mais dificuldade em conseguir trabalho ao revelar a sua condição de recém-chegado:

Igual eu estava falando para aquele pessoal lá. Não fala que vocês chegaram do Brasil ontem se vocês forem procurar trabalho. Fala que vocês já estão aqui há seis meses, já está aqui há um ano. Mas, se você falar que chegou ontem, eles vão querer te pagar oito dólares a hora. Porque, infelizmente, o que tem de brasileiro aqui aproveitando de

outros brasileiros, é fora do normal. (Horácio)

1.4.4 Programas de rádio

Foram feitas transcrições de trechos de alguns programas da rádio local, WSRO 650 AM, para que pudéssemos verificar o tipo de misturas produzidas nesse meio de comunicação, cujo público-alvo é a comunidade de imigrantes brasileiros.

11 a 15 <i>pounds</i> , <i>Oh my god!</i> (ouvinte)
Bem na hora que eu estava <i>in love</i> com a minha esposa.
Cê já tá ai com a com a <i>swéira</i> (sweter).
É um processo que se chama <i>ionization</i> .
...e esse processo chamado <i>deodorizer</i> ...
Estamos com a campanha <i>Stop assisting suicide</i> ...
É o único país no mundo que coloca no guarda-chuva, na <i>umbrella</i> ...
Ontem foi o <i>deadline</i> .
Eu tenho um <i>schedule</i> .

Quadro 2: Exemplos de misturas encontradas em programa de rádio

A Rádio 650AM, WSRO transmite a programação em português e é destinada aos brasileiros e portugueses que vivem no exterior. É baseada em Framingham, onde há a maior concentração de brasileiros no país, e é a única estação de rádio na região a transmitir 24 horas de programação em português. Esse rádio oferece programas voltados à comunidade, notícias, programas religiosos, música e entretenimento. Os apresentadores são membros da comunidade.

1.4.4 Publicações sobre o português brasileiro nos Estados Unidos

Estudos sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, de um modo geral, são recentes. *Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in the United States*¹⁸, da antropóloga americana Maxine Margolis, é o primeiro livro publicado sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Nessa obra, que tem sido referência para pesquisadores, Margolis pretende preencher a lacuna deixada pela carência de estudos, indo além da “proposta de uma simples recontagem da experiência de um grupo étnico que não tenha sido estudado antes” (1994). Publicou ainda *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*¹⁹ (*Uma Minoria Invisível: Brasileiros em Nova York*, em tradução livre), de 1998. Sua obra mais recente, *Goodbye, Brazil: Émigrés from the Land of Soccer and Samba*²⁰ (2013), é mais abrangente. O livro é uma “compilação de pesquisas de diversos acadêmicos para traçar um panorama global da diáspora brasileira”²¹.

A diretora associada do departamento de estudos do português brasileiro da Harvard University, Clémence Jouët-Pastré, é a pesquisadora mais atuante no que diz respeito à manutenção e ao futuro do português nos Estados Unidos. Sua atuação é abrangente devido ao seu envolvimento com a comunidade imigrante brasileira e com a academia numa perspectiva multi e transdisciplinar. Destaco aqui as publicações *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*²², *Ponto de Encontro: Portuguese as a World*

¹⁸ MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994. xxiii + 329 p.

¹⁹ MARGOLIS, Maxine. *An invisible minority: Brazilians in New York City*. Boston, Mass: Allyn and Bacon, c1998.

²⁰ MARGOLIS, Maxine. *Goodbye, Brazil: Émigrés from the Land of Soccer and Samba*. Madison: University of Wisconsin Press, 2013. 308 p.

²¹ CORRÊA, Alessandra. BBC Brasil. Nova York. Atualizado em 10 de junho, 2013 - 05:01 (Brasília) 08:01 GMT.

Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130609_brasileiros_exterior_pai_ac.shtml>

²² JOUËT-PASTRÉ, Clémence; BRAGA, Leticia J. *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Cambridge, Mass: Harvard University David Rockefeller Center for Latin American Studies, 2008. Disponível em: <<http://rll-faculty.fas.harvard.edu/clemencejouetpastre/home>>

*Language*²³, *Tramando em língua portuguesa: fragmentos e continuidades*²⁴, entre outras.

O ensino do português como língua de herança e estrangeira é o foco de interesse da Professora Gláucia Silva, coordenadora e supervisora da área de Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Luso-Afro-Brasileiros da Universidade de Massachusetts, Dartmouth. Entre suas publicações, citamos *Beginner's Brazilian Portuguese*²⁵, *A ansiedade no aprendizado de PLE e PLH*²⁶ e *Maintaining Portuguese in Southeastern Massachusetts*²⁷.

O enfoque nos aspectos sociolinguísticos, destacando o bilinguismo, identidade e conflitos linguísticos na primeira e segunda geração de imigrantes no estado de Massachusetts, tem sido dado por Kátia Maria Santos Mota. Em seu livro *Imigrantes, Bilinguismo e Identidades: Narrativas autobiográficas*, a pesquisadora, que concluiu sua tese de doutorado na Brown University em 1999, toma como objeto doze famílias brasileiras em situação de bilinguismo. Nessa obra, Mota reúne “uma coletânea de seis artigos produzidos a partir de uma pesquisa etnográfica sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos” (MOTA, 2012: contracapa). Além desse livro, a autora publicou os artigos “O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos”²⁸ e “Português brasuca um dialeto emergente”²⁹. Com o objetivo de registrar o fenômeno da mescla linguística falada pelos imigrantes brasileiros de Framingham, Espindola (2001), sob a ótica da variação de Labov, mostra a regularidade dessa variedade do português brasileiro.

²³ JOUËT-PASTRÉ, Clémence; KOBLUKA, Anna; SOBRAL, Patrícia; MOREIRA, Maria Luci; HUTCHINSON, Amélia P. *Ponto de Encontro: Portuguese as a World Language*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall (2007). Disponível em: <<http://www.prenhall.com/ponto/>>

²⁴ JOUËT-PASTRÉ, C. *Tramando em língua portuguesa: fragmentos e continuidades*. *Platô*, v. 1, n. 2, p. 6-19, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/781082-Plato-Volume-1-N-2-Coloquio-da-Praia-V1-1/>>

²⁵ SANTOS, D.; SILVA, G.V. *Beginner's Brazilian Portuguese*. New York: Hippocrene, 2011.

²⁶ GONTIJO, V.; SILVA, G. V. (2013). *A ansiedade no aprendizado de PLE e PLH*. In: SILVA K. A. da; Santos, D. T. dos (Eds.). *Português como língua (inter)nacional: as suas faces e interfaces*. São Paulo: Pontes, 2013. p. 47-67

²⁷ SILVA, G. V. *Maintaining (?) Portuguese in Southeastern Massachusetts*. In: FERREIRA, J. P.; MARUJO, M. (Eds.). *Ensinar Português nas universidades da América do Norte/Teaching Portuguese in North American universities*. Toronto: University of Toronto/Instituto Camões, 2010. p. 69-81.

²⁸ *O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos*. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2008, v. 47, n. 2, p. 309-322. ISSN 0103-1813. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000200003>>.

²⁹ MOTA, Kátia Maria Santos. *Português brasuca um dialeto emergente*. *Polifonia*, v. 13, p. 23-44, 2007. ISSN 0104-687X. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/139.pdf>>.

Eliane Rubinstein-Avila (2005), em seu artigo “*Brazilian Portuguese in Massachusetts's Linguistic Landscape: A Prevalent yet Understudied Phenomenon*”³⁰, demonstra sua preocupação com a lacuna existente nos estudos sobre o português brasileiro em Massachusetts. Ela discute esse assunto sob a perspectiva da vitalidade linguística e o modelo de manutenção da língua, sendo seu trabalho uma importante referência para os estudiosos da área.

³⁰ RUBINSTEIN-AVILA, Eliane. Brazilian Portuguese in Massachusetts's linguistic landscape: a prevalent yet understudied phenomenon. *Hispania*, v. 88, n. 4, p. 873-880, Dec., 2005. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/20063216?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104180231103>> . Acesso em: 24 mai. 2013.

CAPÍTULO 2: CONTATO DE LÍNGUA – ENTRE BILINGUISMO E MISTURA DE LÍNGUA

2.1. Valadares e os Estados Unidos: o início

O movimento migratório de Governador Valadares para os Estados Unidos tem como fatores históricos a presença de americanos na região devido à extração da mica em 1940 e à ampliação da Estrada de Ferro Vitória a Minas (SALES, 1999; ASSIS, 1999, ESPÍNDOLA, 2005). Instalou-se, a partir de então, no imaginário popular a ideia dos Estados Unidos como o Eldorado. Tais fatores, entretanto, não explicam o fenômeno, que não ocorrera em cidades que passaram por processos parecidos (CAMPOS et al., 2010, p. 3). Dessa forma, buscou-se outros fatores que pudessem dar conta do porquê desse início e da intensificação do fluxo de migrantes valadarenses para os Estados Unidos, tais como:

i: a existência de um mercado de trabalho secundário no país de destino (PIORE apud CAMPOS et al., 2010, p. 3);

ii: a crise de emprego e a queda no poder aquisitivo da classe média no Brasil, nos anos de 1980 (CAMPOS et al 2010, p. 3);

iii: o surgimento de mecanismos que viabilizassem a migração, como por exemplo, prestação de serviços de agências de turismo, com o intuito de facilitar a emissão do visto de turista para entrar nos EUA. Havia também os agenciadores chamados “cônsul”, que promoviam a entrada ilegal de grupos de pessoas pela fronteira do México³¹;

³¹ Idem, p. 3.

iiii: a formação de redes sociais, a partir de 1960, caracterizada por “um grupo de pessoas que possuem os mesmos objetivos e são da mesma região e por isso se apoiam”³².

De acordo com Sales (apud SIQUEIRA, 2004, p. 4), em seu estudo de 1993, “aproximadamente 6% da população valadarense emigraram para os EUA e vivem na região de Boston, Miami e Nova Iorque”. Este índice, aproximadamente em uma década, mais do que dobrou. Para Machado e Reis (2007, p. 155), havia, em 2006, “cerca de 40.000 valadarenses em solo estadunidense” (15% da população). Na região de Framingham, é onde se localiza uma das maiores comunidades de imigrantes brasileiros, provenientes principalmente de Governador Valadares. Segundo Bicalho (apud FUSCO, 2010, p. 58), “87% dos residentes em Framingham vieram do Vale do Rio Doce”.

2.2 O contexto sociolinguístico de Framingham

2.2.1 Framingham: a *town* e a presença dos brasileiros

Framingham é conhecida por ser a maior *town*³³ do Estado de Massachusetts (SALES, 2010, p. 78), com 669.101 habitantes, localizada a três milhas ao norte de Boston, Massachusetts, cuja paisagem do centro foi alterada pela população brasileira nos últimos 25 anos. Essas mudanças têm influenciado a atmosfera política e social da cidade. Os dados sobre o número de brasileiros residentes em Framingham são discrepantes. Conforme Torrens (apud SKORCZESKY, 2009, p. 22): “Embora o censo de 2000 tenha divulgado a existência de 3.500 brasileiros residentes em Framingham, outras estimativas afirmam que atualmente o número pode chegar a 15.000”³⁴.

³² Ibid., p. 3.

³³ Em Framingham, se elege não um prefeito, mas sim uma espécie de Conselho de Cidadãos, o *Town Meeting*, que, por sua vez, elege cinco *selectmen*, entre os quais um é escolhido como *town manager*. O *Board of Selectmen* e o *Town Manager* formam o Poder Executivo da cidade e o *Town Meeting* corresponde ao Poder Legislativo (SALES, 2006).

³⁴ Although the 2000 census reported that there are 3,500 Brazilians living in Framingham, other estimates claim that there are as many as 15,000 Brazilians currently living in the town.

A maior parte dos imigrantes vem do estado de Minas Gerais: 40% são da microrregião de Governador Valadares³⁵. De acordo com Mineo (apud SKORCZESKY³⁶, 2009, p. 28):

Na década de 1980 e em década de 1990, os brasileiros começaram a imigrar para o centro de Framingham. Inicialmente, a maioria dos imigrantes brasileiros encontrou trabalho como limpeza de casa e paisagistas. Embora esses trabalhos sejam ainda populares entre a imigração brasileira, em 1987, vários imigrantes tinham aberto seu próprio negócio. Essas empresas representavam claramente a população brasileiro; nomes como Valadares e Expresso Brasil já identificava os donos de lojas com seus lugares de origem no Brasil. A maioria dos brasileiros em Framingham vêm de Minas Gerais, e aproximadamente 40% das pessoas de Minas são da cidade de Governador Valadares. Apesar de Minas ser um estado próspero, 40% dos 270 mil moradores de Governador Valadares vivem na pobreza (tradução nossa).

Em Framingham, há diferentes populações de imigrantes além da brasileira. Entretanto, ao passar pelo centro da cidade, que os brasileiros costumam chamar *downtown* (com o som de a, anasalado e aberto: *dãotãõ*), fica patente a predominância da imigração brasileira sobre as demais, conforme Mineo apud Skorczesky³⁷:

A presença brasileira no centro de Framingham rapidamente se torna óbvia para qualquer pessoa que esteja passando, seja de carro ou a pé. Naturalmente, aqueles que estão a pé são propensos a experimentar manifestações adicionais de etnia brasileira. Conversas na rua são

³⁵ A Microrregião de Governador Valadares é composta pelas cidades de: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galiléia, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Matias Lobato, Nacip Haidan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São José do Safira, São José do Divino, Sobralia, Tumiritinga, Virgolândia, Governador Valadares.

³⁶ The Brazilian presence in downtown Framingham quickly becomes obvious to anyone passing through, whether by car or on foot. Of course, those on foot are likely to experience additional manifestations of Brazilian ethnicity; conversations on the street are more likely to occur in Portuguese than English and advertisements for events targeting the Brazilian population make one aware that the community extends beyond the businesses one is passing by.

³⁷ Idem, p. 34.

mais prováveis de ocorrer em português do que em inglês. Propagandas de eventos voltados à população brasileira deixa claro que a comunidade se estende para além das empresas que você está vendo². (tradução nossa)

Há, nesta parte sul de Framingham, um comércio formado por lojas de roupas, mercearias, escritórios imobiliários, salões de beleza, restaurantes, envio de remessas e padarias. Apesar de ter brasileiros vindos de todas as partes do Brasil, os mineiros ainda são a maioria, principalmente provenientes da microrregião de Governador Valadares. Em seus estudos, Sales apud Siqueira (2003, p. 15) constata que esses imigrantes deram “outra configuração ao centro da cidade de Framingham” com seus investimentos.

Inicialmente, a chegada dos imigrantes brasileiros pelos americanos foi bem-vinda graças à revitalização do centro de Framingham, já que o *Business District* estava arruinado. De acordo com Sales (2006), esse fato, aliado a outros como a organização da comunidade imigrante do centro da cidade, traz como consequência a revalorização de seus imóveis. Para a autora, é como se os habitantes locais mais antigos de Framingham estivessem a dizer: “Vão embora, vocês já cumpriram sua parte, agora nós queremos o centro da cidade de volta”. Essa não é uma opinião compartilhada pela maioria, mas como veremos à frente, há grupos locais que hostilizam os imigrantes, principalmente os brasileiros.

2.3 Situação sociolinguística observada sobre os brasileiros residentes em Framingham

2.3.1 Mescla intracomunidade e intercomunidade

O português que circula nessa comunidade de fala se configura a partir da diversidade linguística trazida das regiões brasileiras de onde partiram nossos imigrantes, sendo recriado através do contato com o inglês. Poderíamos imaginar, então, que haveria um apagamento das marcas de regionalismo do português do Brasil; tal não ocorre, porque predomina uma tendência ao “dialeto mineiro”, já que foram eles os primeiros a chegar aos Estados Unidos. Nesse sentido, os falares dos imigrantes recém-chegados, vindos de várias regiões brasileiras, são recriados a partir da convivência com os mineiros, já considerados “donos do pedaço”. (MOTA, 2007, p. 31)

A comunidade dos imigrantes brasileiros em Framingham vive uma situação de (bi)multilinguismo, devido à presença de outras comunidades imigrantes, além da americana local. Nesse contexto, o bilinguismo é um ponto de conflito tanto por aqueles que possuem uma maior proficiência na língua inglesa quanto pelos que, no *continuum*, estão mais próximo da língua portuguesa. Pelas observações e pelos dados que reunimos antes e no decorrer da pesquisa, pudemos fazer algumas inferências sobre a variação e a mudança linguística no local. Tais fatores pareciam incomodar e causar estranhamento, o que nos motivou a buscar apreender a tensão entre “nós” e os “outros”, descrita por Gumperz (1982).

Observamos a produção de pelo menos dois tipos de mistura – *mescla intracomunidade* e *intercomunidade* (TARALLO e ALKMIM, 1987, p. 11) –, em que a primeira revela a presença das variantes regionais das várias regiões do Brasil. A predominância das variantes do Estado de Minas, especialmente da Cidade de Governador Valadares e redondezas, causa a impressão, para alguns falantes, de que ela é única. Entretanto, nos

últimos anos, a imigração mineira tem diminuído dando lugar à imigração de outras partes do Brasil. Vale ressaltar que a mistura linguística das variedades português com inglês é, às vezes, confundida com o falar dos mineiros ou indivíduos da zona rural – a “roça” –, como se mescla intercomunidade e intercomunidade fossem a mesma coisa. No primeiro excerto de entrevista que mostraremos a seguir, apesar de ilustrarmos nossa pergunta com as palavras *serapear* e *breiquear*, a informante demonstra não fazer distinção entre os dois tipos de mescla.

E: E para você... Você me falou de algumas palavras. Falou do *serapear*, do *breiquear*... As palavras mais comuns, assim?

C: *Serapear, breiquear... Surrar*... Outro dia eu escutei *surrar*...

E: *Surrar*? *Surrar* de bater?

C: Não, *surrar* era esfregar a pia. Aí, a pessoa assim: “Já *surrei* a pia”. Eu digo: O quê? *Surrei* a pia? É ariar.

E: Então, mas vem de que palavra? Que expressão?

C: É o que eu estou falando, são gírias deles, da terra deles, entende? Então, cada um vem com um... Meu marido falava muito isso. “Pode deixar aí que eu já *surrei* a pia”. *Surrar* a pia... Vai bater na pia... Mas, ela tinha ariado a pia.

E: E você sabe de onde que ela é?

C: Ela é lá daquelas bandas aí, deve ser de Valadares. Não é de Tarumirim não. Acho que ele é de Valadares ou de Ipatinga. Ela é de Valadares sim, porque ela é da mesma cidade da Carla. (Cristina)

No próximo excerto, não fizemos uso de exemplos, mas dizemos claramente se tratar de uma “mistura de línguas” – as variantes do português brasileiro com o inglês. Porém, a resposta que obtivemos fez referência apenas à variável “roça”:

Eu acho que é essa questão de diferença de estado. Eu acho que quem é do mesmo estado não percebe muito essa diferença porque já tem o costume de ouvir desde o Brasil de ouvir aquilo... Eu já percebo tipo... Que tem aquelas pessoas que a maioria fala errado. (Rose)

Tentamos confirmar se a entrevistada tinha clareza sobre o que lhe foi perguntado. Ao responder: “Também, mas...”, restou-nos a dúvida sobre até que ponto a informante fazia uma distinção clara entre a mescla intercomunidade: “o português errado” e a intercomunidade, que engloba o primeiro tipo de mescla:

E: Você fala das que misturam o inglês com o português?
R: Também, mas do português errado mesmo. Não sei se é por ser do... Interior... Porque a maioria do pessoal que tá aqui é beem da roça, mesmo.
E: Ahã.
R: Então eu acho que isso influencia muito... Porque nenhum estudado tá aqui trabalhando pra ganhar dólar, né? Sei lá! Né? (Rose)

A comunidade brasileira de Framingham é constituída por imigrantes de diferentes regiões do Brasil, o que resulta no contato de culturas e de variedades linguísticas. A convivência entre essas variedades não é sempre pacífica (ALKMIM, 1987, p. 11). Por outro lado, ela nem sempre será conflituosa. Não se pode afirmar que sempre haverá preconceito ou estigmatização apenas por estarmos diante de indivíduos que usam a língua de forma diferente da que estamos habituados. De acordo com Bortoni-Ricardo (2001, p. 28), “quando interagimos com brasileiros nascidos e criados na região rural ou *rurbana* do contínuo de urbanização, observamos muitos usos linguísticos que são diferentes dos nossos”. Para os mineiros, por exemplo, é comum não pronunciar o final de uma palavra emendando-a com a que vem a seguir como se fosse uma só. Mais uma vez nas palavras de Bortoni-Ricardo (2001, p. 2):

Não dizem: "onde eu estou? Dizem: ôndôtô Parece que as palavras, para os mineiros, são como aqueles chatos que pedem carona. Quando você percebe a roubada, prefere deixá-los no caminho.

A interação entre brasileiros residentes em Framingham, predominantemente os mineiros advindos da região *rurbana* (microrregião de Valadares) entre eles e com imigrantes de outras áreas do país, será ilustrada com alguns exemplos a seguir. Não há necessariamente conflitos nas situações apresentadas. Há sim inicialmente, um estranhamento, mas os informantes não fazem, nesses casos, juízos de valor.

C: Eu assistia aos programas e... Eu gosto de novela. Não é, mãe? Eu assisto a esses programas... (Como diz o mineiro, “tuquantuá”). É outro vocabulário que a gente vai aprendendo também aqui. Sei lá da onde. Em Minas eles falam cada coisa!

E: Mas, tem hora que você não consegue entender?

C: Não consigo não (...). Porque, igual, no dia que falaram para mim esse negócio de tuquantuá. Aí eu: “Tuquantuá?”. É tudo quanto há! Eles falam tudo junto. Eles misturam...

E: Ah, aí você pensou que fosse uma coisa só?

C: é. Eu tô assim: “O que é tuquantuá”? (resposta) Tuquantuá.

Um fato curioso é que logo em seguida, a entrevistada fez o uso da mistura ao falar com a filha. Por não sermos ainda tão fluentes na “língua”, estranhamos aquele diálogo que parecia não fazer sentido: “Pega a Penha”. “A Penha aí!” Pensamos: “Penha, quê?”. Vejamos o que ocorreu:

R: Ah, *pega a pen* aí.

C: Cê viu? *Pega a pen* aí!

E: Ah, *pega a pen* aí! Eu estou assim, gente: *pega a penha... Pega a penha...* Eu entendi que ela tinha falado outra coisa. (Cristina e Renata)

Foi naquele momento como uma inversão de papéis: uma falante do mineirês: *toquascabano* (tô quase acabando), *gendocéu* (gente do céu!), *tiána* (tia Ana) etc., caindo nas armadilhas do *portinglês brazuca*.

2.3.2 Onde vivem os brasileiros

A comunidade brasileira vive, em sua maioria, no centro de Framingham, local onde a grande parte dos negócios também se situa. Na área residencial, há dois complexos de

apartamentos onde a concentração de brasileiros é grande, além de residências em forma de casas, conforme mostra a Figura 3. De acordo com alguns entrevistados, morar no centro é mais conveniente para os imigrantes que não têm carro, e nem carteira de motorista. Há imigrantes que utilizam o trem como meio de transporte para chegarem ao trabalho. Portanto, a localização da estação no centro, possibilita a mobilidade desse imigrante, para Boston, principalmente.

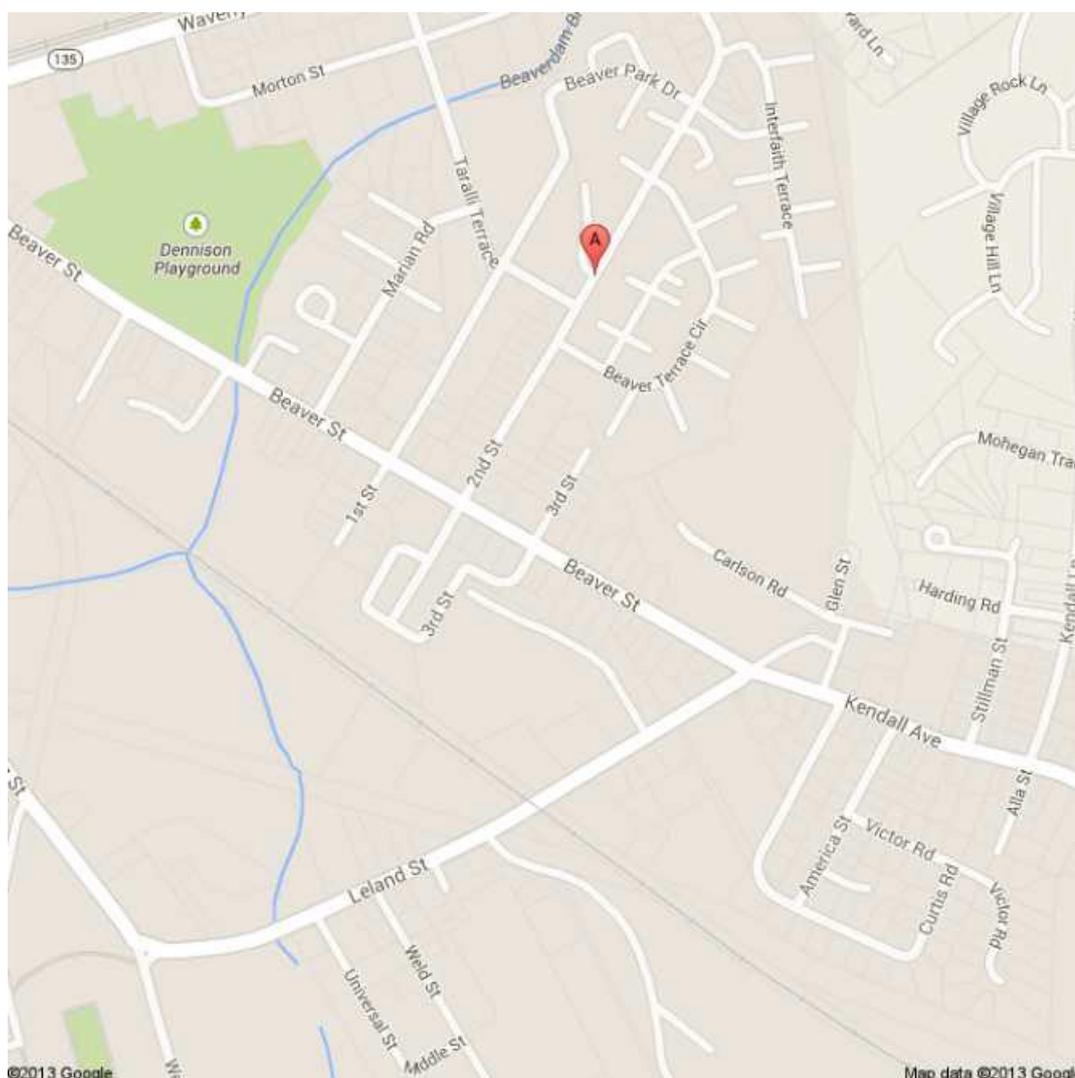


Figura 3: Mapa da região central de Framingham

Fonte: <<https://maps.google.com.br/maps?q=framingham>>

2.4 Políticas linguísticas para o imigrante de Framingham

2.4.1 Quadro atual

Ainda que não nos aprofundemos no assunto, as políticas linguísticas para o imigrante brasileiro de Framingham têm ficado mais a cargo da própria comunidade numa tentativa de preservar nosso idioma (JOUËT-PASTRÉ, 2010, p. 13) bem como das “autoridades educacionais locais e professores em oposição às rígidas diretrizes de políticas educacionais de Massachusetts que, cada vez mais, têm exigido a adoção de programas de imersão total em inglês.” (MOTA, 2006, p. 7). Estabelece-se, portanto, um quadro em que a comunidade brasileira demonstra o seu envolvimento com questões que afetam a sua identidade imigrante através das questões referentes à língua. Estes esforços, entretanto, não são suficientes para a implementação de políticas linguísticas eficientes, pois de acordo com Calvet (2002):

Chamaremos política linguística, o conjunto de escolhas conscientes relativas às relações entre língua(s) e a vida em sociedade, e de planejamento linguístico, a adoção de uma política de língua concreta, uma vez que qualquer grupo pode elaborar política linguística, como as “políticas linguísticas familiares”, por exemplo... No entanto, dada a importância das relações entre a linguagem e a vida em sociedade, apenas o Estado tem o poder e os meios para planejar e implementar as suas escolhas políticas. Certamente, isso não exclui a possibilidade de políticas linguísticas transnacionais [...] (idem, 2002, p. 2)³⁸.
(tradução nossa)

De acordo com as autoras acima, a situação atual no estado de Massachusetts estaria assim tomando rumos diferentes em relação ao papel que ele atribui ao Estado como o único capaz de planejar as políticas linguísticas. Há iniciativas importantes de vários setores da comunidade imigrante brasileira. Nos Estados Unidos, por exemplo, nesses

³⁸ We will call language policy the entirety of conscious choices concerning relations between language(s) and life in society, and we will call language planning the concrete enactment of a language policy, its implementation as it were. Any group can elaborate a language policy; we hear of « family language policies, » for instance... However, in an area as important as the relations between language and life in society, only the State has the power and the means to plan and implement its political choices. Of course this does not exclude the possibility of transnational language policies where [...]

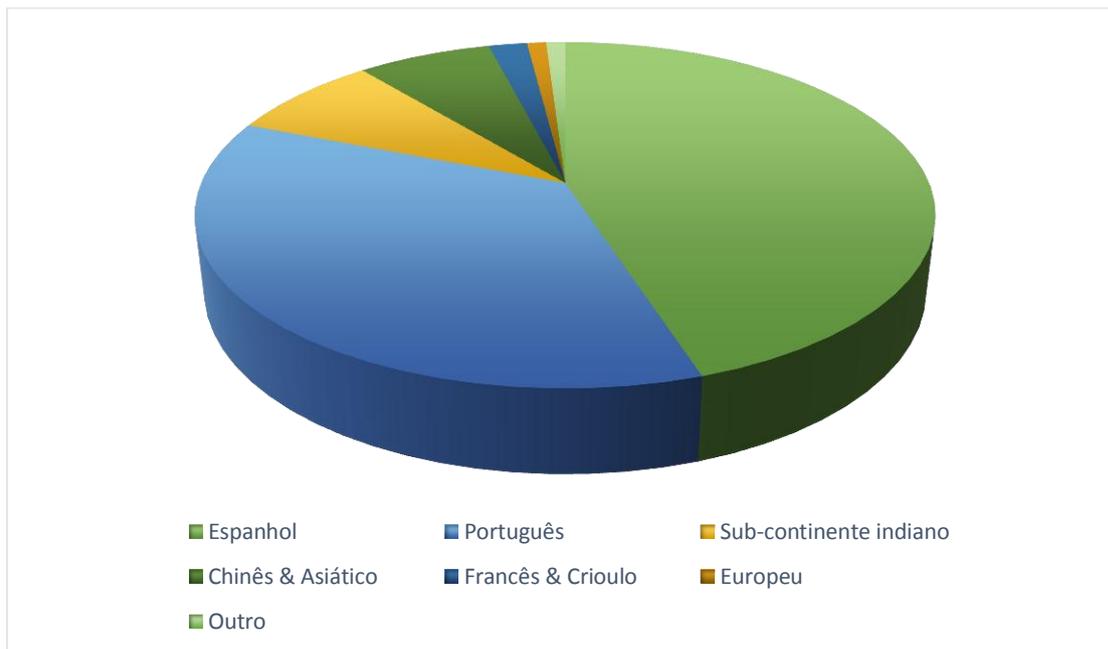
setores se incluem, além do cidadão comum, associações de imigrantes, universidades e professores de escolas públicas na tentativa de mudar as políticas impostas pelo sistema de ensino, que atingem diretamente a língua. Obviamente, não estamos desconsiderando a importância do Estado em seu papel de implementar tais mudanças. Faremos, a seguir, um panorama geral de como se encontra a situação da política educacional para imigrantes brasileiros em Framingham.

2.4.2 Programa bilíngue

O sistema público educacional de Framingham oferece um programa bilíngue em português, espanhol, russo, mandarim, cantonês, hindu, gujarati, francês, hebraico, vietnamita e urdu. O objetivo é ensinar inglês para alunos que não tenham fluência suficiente nessa língua para que eles participem com sucesso das aulas que fazem parte do currículo regular em inglês.

Esse programa usa tanto a primeira língua do aluno quanto o inglês para instrução desde a pré-escola até a 12ª série.

O programa, portanto, não é uma escolha dos pais. Crianças que tenham proficiência em inglês não podem participar do programa. Há um teste de proficiência que avalia as habilidades do aluno.



Número de alunos matriculados no Programa *FAESL Plus*³⁹ – 8.585

% de alunos que falam outra língua além do inglês – 29%

% de alunos identificados como aprendizes da língua inglesa – 13%

Número de línguas do mundo representadas no Programa *FAESL Plus* – 67

Gráfico 2: Percentagem de alunos matriculados nos programas bilíngues das escolas públicas de Framingham

Fonte: <http://www.framingham.k12.ma.us/bilingual_demographics.cfm>

2.4.3 Inglês como segunda língua

Para os adultos, o programa *FAESL Plus* oferece gratuitamente o ensino de língua inglesa para mais de 6.000 imigrantes na região de Framingham. Foi fundado em 1984 por um grupo de cidadãos da comunidade com doações privadas. O programa cresceu de 30 alunos para mais de 750 alunos a cada semestre no período da manhã e da noite. A maior parte do financiamento vem de subvenções estaduais e do governo federal, mas ainda é dependente de doações da iniciativa privada e da comunidade. O programa *FAESL Plus* funciona como um departamento das Escolas Públicas de Framingham, que fornece espaço e apoio para as aulas.

³⁹ Programa de Inglês com Segunda Língua para Adultos de Framingham.

Além de aulas de inglês, o programa oferece aulas de cidadania, informática, tecnologia, alfabetização familiar, educação básica de adultos, e GED⁴⁰.

As mudanças no fluxo imigratório de brasileiros em Framingham têm afetado a procura pelos cursos de inglês dessa instituição, como demonstrado na Figura 4.

Apesar da grande demanda, a reportagem *Programa de inglês para adultos como segunda língua de Framingham constata a queda no número de falantes de português*⁴¹ do jornal *The Metrowest Daily News* mostra que ainda há centenas de nomes na lista de espera por uma vaga. A percentagem de brasileiros matriculados foi reduzida em 16,8%. Entretanto, de acordo com a diretora do Programa, os falantes do português “ainda são facilmente a maioria” a se inscrever no curso (57.2%). Os falantes de árabe aumentaram em quase 50% a procura pelas aulas de inglês, mas são em número reduzido (3%), enquanto os do espanhol agora formam 24,6%, perfazendo um aumento de 13,1% de acordo com a Tabela 1 (Scott O'CONNELL, 2013, p. 13).

Para a diretora da rádio brasileira local, a mudança está relacionada, por um lado, “à maior estabilidade alcançada pelos imigrantes brasileiros que permanecem em Framingham”. Por outro lado, “aqueles que não alcançaram tal estágio estão voltando para o Brasil, atraídos pela melhora na economia do país”. Além disso, segundo outra brasileira, moradora de uma cidade vizinha, mas com fortes laços com o centro de imigrantes brasileiros de Framingham, essas pessoas estão desiludidas pela ausência de uma reforma imigratória. Assim, o retorno definitivo seria a única forma de rever seus familiares. De acordo com ela, “a única coisa que eles pensam é em voltar, provavelmente não aprenderam inglês e se isolam do mundo exterior à comunidade local falante de português”⁴².

Alguns habitantes locais demonstram sua insatisfação na seção de comentários no *site* da reportagem. Alguns deles são notoriamente conhecidos por suas ações anti-imigrante. No Quadro 4⁴³ abaixo, mostramos alguns exemplos:

1. E daí? Está nos jornais! Dá um tempo!

⁴⁰ Fonte: <http://www.faesl.org/>.

⁴¹ Framingham Adult ESL Program sees decline in Portuguese speakers.

⁴² Idem, p. 13.

⁴³ Ibidem, p. 13

2. A maioria das pessoas nesses programas, neste caso, os brasileiros, têm documentos falsos, o que não deveríamos aceitar. Resultado: a nossa cidade se tornou uma rede de corrupção.
3. Nós, os cidadãos, temos a oportunidade de interromper essa rede de corrupção acabando com programas como o <i>Inglês como Segunda Língua para Adultos (Adult ESL Plus)</i> , demitindo seus diretores e os responsáveis por promover esse ato de ilegalidade e reformulando o programa que retrate a nossa cultura e que mostre a América como uma nação baseada no Estado de Direito. Um programa que seja criado em princípios de honestidade, ao contrário do que tem sido feito.
4. Se esses brasileiros são conhecidos por serem trabalhadores dedicados, por que eles não vão trabalhar no Brasil?
5. Noventa por cento estão aqui ilegalmente e violam as leis norte-americanas.
6. Ter aulas de inglês de graça é repugnante.

Quadro 3: Opiniões de moradores de Framingham sobre criação de programa de inglês como segunda língua

Fonte: <<http://www.metrowestdailynews.com/news/x1155176701/Framingham-adult-ESL-program-sees-decline-in-Portuguese-speakers>>.

Tais comentários não refletem a opinião da maioria dos moradores de Framingham, mas provêm de indivíduos que demonstram um sentimento anti-imigrante e que acabam tendo certa visibilidade. Micky (nome fictício), por exemplo, além de possuir um *site*, juntamente com seu irmão Dicky (nome fictício), chegou a produzir um programa na televisão pública da cidade. Com livre direito de expressão, Micky propõe, em um dos vídeos de seu programa, a presença da polícia diante da escola onde as aulas são realizadas. De acordo com ele, esta seria uma solução simples para acabar com o que ele chama de “golpe” de 25 milhões de dólares dado pelos imigrantes ilegais no orçamento da cidade. Ao exigirem documentos e carteiras de motorista, os policiais levariam presa a maioria dos brasileiros imigrantes. Apesar de terem perdido a eleição como representantes do conselho administrativo de Framingham, os irmãos acreditam que foi graças à insistência deles que o conselho tomou conhecimento da não exigência

de documentos por parte da escola para os imigrantes. O assunto dividiu os conselheiros. Um dos representantes da comunidade brasileira no conselho ponderou que é importante que a cidade saiba que os imigrantes brasileiros não vivem à custa do governo como muita gente pensa e acrescentou que “sem falar inglês, você está à margem da sociedade americana. Isto é muito perigoso”.

Língua	Outono de 2009	Outono de 2013
Português	74	57.2
Espanhol	11.5	24.6
Árabe	1.8	3.0

Tabela 1: Procura de vagas no curso de ESL na escola pública de Framingham

Fonte: <<http://www.metrowestdailynews.com/news/x1155176701/Framingham-adult-ESL-program-sees-decline-in-Portuguese-speakers>>

A Biblioteca Pública de Framingham também oferece cursos de inglês como segunda língua, através de tutores voluntários. O programa, chamado *Letramento sem limites (Literacy Unlimited)*, é desenhado para atender a necessidades individuais de alunos que têm como objetivo, obter a cidadania americana e carteira de motorista, conseguir melhores empregos através do aperfeiçoamento profissional, preparar-se para o GED (certificado de equivalência do ensino médio – *high school*, para os que não tiveram oportunidade de concluí-lo), ou aprender a ler para seus filhos. Fundado em 1986, este programa conta com o apoio de financiamento público e privado.

2.4.4 Cursos de português

A diocese de Framingham, através do BRACE⁴⁴, oferece cursos de português para crianças e adultos. O objetivo é que esses alunos desenvolvam a capacidade de

⁴⁴ “O Brazilian - American Center (BRACE) tem como objetivo geral, promover o imigrante brasileiro sem distinção de raça e religião resgatando seus valores e cultura e facilitando a sua integração na Comunidade Americana sem perder sua própria identidade”.

comunicação e compreensão do português, além do incentivo para que mantenham os laços culturais com o Brasil. São oferecidas também aulas de português como segunda língua. Assim também o fazem algumas igrejas evangélicas, com o mesmo intuito. Outra colaboração importante vem do “movimento educacionista⁴⁵” cuja preocupação é a perda da língua de herança e a divulgação da língua portuguesa. Cultos evangélicos e missas são oferecidos em português por pastores e o pároco da igreja católica de Framingham, como a *Saint Tarcisius*, com missas semanais. Na ausência do padre, o diácono assume os trabalhos. O grupo de jovens é bastante atuante e a língua de interação entre eles e os outros membros da igreja é o português. Há missas também em inglês para atender tanto a comunidade americana quanto os casais de brasileiros e americanos. Alguns pastores de igrejas evangélicas, preocupados tanto em manter a presença dos adolescentes quanto a adesão de seus amigos, planejam oferecer cultos em inglês.

2.4.5 Transmissão da língua na família e línguas de interação

Na comunidade brasileira de Framingham, o português é a língua predominante entre os adultos da primeira geração de imigrantes. Através de observações, anotações de campo e gravações que fizemos para esse trabalho, nós detectamos que o tipo mistura produzida por imigrantes da segunda geração ou geração 1,5 é diferente daquela produzida pela maioria dos imigrantes da primeira geração. Uma adolescente, por exemplo, durante uma conversa, usou a palavra *popularidade* em vez de *população*. “O carro foi *parinho*” (em vez de *parando*), disse um informante, durante a entrevista, ao se referir a uma expressão usada pela filha, que sempre estudou em escola privada

(Fonte: <https://www.facebook.com/BrazilianAmericanCenter?sk=info>)

⁴⁵O Movimento Educacionista Brasileiro, que tem como idealizador o senador Cristovam Buarque, surgiu durante a caminhada do Projeto Educação Já! Em 2006, no momento em que o senador percorria as capitais brasileiras e estava em contato com os pais e os educadores. Essa caminhada resultou na formação do Movimento Educacionista Brasileiro e em sua missão de oportunizar uma Escola Igual para Todos... Este Projeto de adaptação à realidade dos imigrantes brasileiros no exterior foi idealizado e escrito pela educadora Arlete Falkowski e apresentado aos pais e aos educadores, como forma de conscientização e na criação da Fundação e de uma equipe educacionista dos E.U.A. A equipe foi composta por nove profissionais da área de educação, para atender a demanda e para expandir o ideal de um núcleo educacionista de aprendizagem da língua portuguesa e da cultura brasileira, no estado de Massachusetts e em outros estados americanos interessados nesta causa. (Fonte: www.educacionista.ning.com/group/nucleoeducacionistausa)

americana e praticamente não teve contato com crianças brasileiras. Há relatos de pais dizendo que seus filhos se irritam quando eles misturam as duas línguas. Em sua pesquisa etnográfica, tendo como sujeitos 12 famílias de imigrantes na região de Boston, Mota (2004, p. 152), apesar de não se referir à mistura de línguas, especificamente, descreve “situações de conflitos linguísticos que dificultam a dinâmica social da família; a competitividade entre as gerações acentua-se, causando inversão nas relações de poder”.

Uma das entrevistadas demonstra sua frustração ao revelar que a filha mais nova (15 anos) não é tão fluente na língua portuguesa quanto a irmã mais velha (23 anos) que frequentou o programa bilíngue por mais tempo. Ela diz que por muitas vezes quer se comunicar de forma mais efetiva com a filha de 15 anos e não consegue: “eu quero que ela entenda o que eu estou querendo dizer, mas sinto que ela não consegue. Ela não entende o que estou dizendo em português e eu não sei dizer em inglês exatamente o que eu quero que ela entenda”. Relatou também que a filha, em visita ao Brasil, deu a impressão à família de ser tímida, por ter dificuldade em falar o português. Apesar dessa dificuldade em se comunicar com os parentes, ela “adorou” o Brasil. A mãe tem planos de mandá-la ao Brasil assim que ela terminar a *high school* (ensino médio) por seis meses para que ela adquira fluência no português. Esse sentimento é compartilhado pelos pais que consideram a manutenção da língua importante para evitar o distanciamento dos filhos provocado por conflitos linguísticos, como revela uma das entrevistadas de Mota (2004, p. 152):

Parece que, quando vão conversar, as palavras delas saem melhor no inglês. Eu não gosto, não. Eu digo para elas: Faça favor, falem em português. E elas me respondem: Mãe, é bom para você também, pra você aprender. Mas eu digo: Eu não quero, eu prefiro não aprender, mas não quero que vocês percam o português. Acho que, se eu aprender inglês, elas acabam esquecendo o português. Eu não quero isso.

As crianças que frequentam *Day care* (creche) americano desde cedo, tendem a conversar em inglês com os pais, a partir de então, enquanto aquelas que são cuidadas por babás brasileiras tendem iniciar esse processo mais tarde. Ainda assim, como assistem desenhos animados em inglês, acabam misturando as palavras nas duas

línguas. Muitos pais, ainda que não sejam fluentes na língua inglesa, encorajam os filhos a falarem apenas inglês. O mito de que a criança bilíngue terá problemas de aprendizagem ainda persiste, sendo endossado, às vezes por profissionais da área da educação, como professores e fonoaudiólogos como informaram alguns pais. Por outro lado, há pais que, preocupados que os filhos percam a língua portuguesa, matriculam seus filhos nos cursos de português oferecido à comunidade. Lieberson, Dalto e Johnston apud Alejandro Portes e Lingxin Hao (1998, p. 269) fazem projeções bastante pessimistas sobre o futuro das línguas de imigração nos Estados Unidos: “[...] os Estados Unidos é um verdadeiro cemitério de línguas estrangeiras, em que o conhecimento das línguas maternas de centenas de grupos de imigrantes raramente ultrapassa a terceira geração⁴⁶.” (tradução nossa)

Partindo das indagações anteriores, é preciso ressaltar que a língua é um fator de interação em que se expõem as identidades individuais e sociais ao longo da vida. A perda da língua materna pode ser um elemento perturbador no processo de construção de identidades de imigrantes e filhos de imigrantes. Cria-se, portanto, uma lacuna que alarga cada vez mais a distância entre essas gerações. A pressão sofrida através da política do *English only*, forçando filhos e netos de imigrantes a “falar apenas inglês é geralmente considerada como fator preponderante para essa perda” (PORTES; HAO, 1998, p. 269). Sob essa perspectiva, esses indivíduos, que deveriam se manter unidos através dos seus traços étnicos, culturais e linguísticos, deixam de ter controle sobre a própria língua e conseqüentemente sobre seus processos de formação de identidades.

2.4.6 Interação social

Em Framingham, há bares brasileiros com música ao vivo, no centro da cidade, além de outras opções, como casa de *shows* para aqueles que gostam de dançar. Há um público jovem e mesmo casais com filhos adolescentes que saem à noite para se divertir nos finais de semana. Isso pode ser comprovado através das fotos nas colunas sociais dos jornais brasileiros. Entretanto, são em suas casas e na igreja que os imigrantes da

⁴⁶ [...] the United States is a veritable ceme-tery of foreign languages, in that knowledge of the mother tongues of hundreds of immigrant groups has rarely lasted past the third generation.

comunidade de Framingham se reúnem com maior frequência. Dos respondentes do questionário sociolinguístico, 25.7% disseram que se reúnem em suas casas, enquanto 11.42% responderam que se reúnem com mais frequência na igreja. Os que responderam casa e igreja perfazem um total de 31.42%. Não é por acaso que, de acordo com Mota (p. 151), “os principais redutos de preservação da língua materna configuram-se nos espaços da casa e da igreja”. Os restantes 8.57% se reúnem em bares ou clubes. A igreja também pode ser considerada um local em que as crianças poderiam, na interação com outras crianças, se comunicar através do português. Ainda conforme Mota (2004, p. 160):

Essa foi mais uma constatação de que a igreja, identificada na pesquisa como o domínio social cuja escolha linguística se apresenta claramente definida como “exclusivamente português”, constitui-se o reduto de maior preservação da língua materna, onde a tradição étnica se manifesta como simbolização do espírito de solidariedade do grupo. Tanto os pais como os filhos afirmam categoricamente: “Lá na igreja todo mundo tem que ser brasileiro”.

Assim podemos traçar o perfil do imigrante de Framingham como indivíduos que mantêm forte inclinação religiosa, além de gostarem de se reunir com os amigos em casa, fortalecendo os laços de amizade. Durante o verão, o churrasco é uma das opções favoritas para esse tipo de reunião, quando estão em casa nos fins de semana, por ser uma atividade ao ar livre. A praia é outra opção bastante procurada atraindo maciçamente essa população de brasileiros, mesmo que tenham que enfrentar intermináveis engarrafamentos e falta de locais para estacionar. Os locais mais procurados estão na região de Cape Cod, em Massachusetts, como as praias de Hyannis.

CAPÍTULO 3: REPRESENTAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS – UMA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE

O objetivo deste capítulo é discutir as representações dos imigrantes brasileiros residentes em Framingham sobre a mistura do português com o inglês produzida por eles, a partir dos dados que reunimos e de sua análise, tanto quantitativa como qualitativa. No Capítulo 1, discutimos alguns dos pressupostos teóricos sobre as representações linguísticas e sociais, que são as de interesse para o nosso trabalho.

Apresentaremos nossas análises obedecendo aos seguintes critérios:

- Organização do *corpus* de entrevistas.
- Perfil dos entrevistados cujas informações serão cruzadas com os tipos de representações e de misturas que eles produzem. Ou seja, tentaremos responder à seguinte pergunta: Que tipo de falante produz que tipo de mistura e que tipo de representação levando em conta fatores como gênero, idade, nível de escolaridade, origem geográfica, proficiência na língua inglesa, entre outros?
- Glossário dos termos utilizados na produção das misturas produzidas de acordo com a própria definição dos usuários..

3.1 Organização do *corpus* e discussão dos resultados

O *corpus* principal de nossa dissertação consiste em 402 páginas, resultado da transcrição de aproximadamente 30 horas de gravação (descartando as gravações de baixa qualidade de áudio) de entrevistas com 14 informantes, inviabilizando incluí-los em sua totalidade no corpo do trabalho. Decidimos, portanto, apresentar como amostra partes desse *corpus*, adotando como critério a abrangência dos objetivos propostos em nossa pesquisa.

Primeiramente, utilizando como fonte o *corpus* total, fizemos um mapeamento de todas as informações que nos auxiliariam nas análises e discussões de nossas hipóteses, com base nas perguntas contidas no questionário que orientou nossas entrevistas. O próximo passo foi organizar esses dados sob a forma de tópicos, privilegiando os aspectos sociolinguísticos da comunidade de imigrantes brasileiros de Framingham apontados por nossos informantes. Destacamos, por exemplo, as relações desses falantes com o local de origem e o que vivem atualmente, a interação social entre eles, com outros imigrantes e com a comunidade americana local, com a mistura do português com o inglês (mescla inter e intracomunidades), o cenário sociolinguístico etc.

Os resultados obtidos através dos questionários foram quantificados e expostos em gráficos do tipo pizza e em quadros.

Trechos das entrevistas serão utilizados para exemplificar as representações que vão surgindo no discurso de acordo com o tema apresentado, definições, motivações etc., tendo sempre como pano de fundo as variantes linguísticas regionais do Brasil e as misturas produzidas pelo contato do português brasileiro e do inglês americano. Algumas das categorias produzidas pelos falantes sobre as misturas são: “português errado”, “dialeco”, “não-português”, “melting pot”, “isso”. As ocorrências e coocorrências mais frequentes foram extraídas do *corpus* com o auxílio do software AntConc versão 3.4.1.4 w.

A noção de certo e errado sobre as produções dos falantes em Framingham está muito presente nos discursos dos imigrantes brasileiros. Enquanto alguns informantes as consideram uma “forma errada” de falar, outros pensam que essas produções estão corretas, de acordo com as respostas dadas em determinados momentos da entrevista.

3.2 As representações que emergem dos discursos dos falantes

Concepções sobre certo e errado, fazendo emergir representações estigmatizantes e/ou estereotipadas, parecem estar relacionadas à noção de língua pura baseadas na gramática normativa da língua. Enquanto alguns informantes as consideram uma “forma errada” de falar, outros pensam que essas produções estão corretas, de acordo com as respostas dadas em determinados momentos da entrevista.

3.2.1 Representações sobre gramática prescritiva, norma e prestígio

Apesar do bom humor ao falar da mistura, o informante L. C. mostra a sua crença na ideia de certo e errado da língua, enquanto J. faz alusão a um modelo de correção que advém da gramática prescritiva.

<i>Serapiar</i> também tá errado (risos). Também tá errado! Todos dois tá errado. <i>Serapá</i> e <i>serapiar</i> tá errado! (L. C.)
--

Gramaticalmente não seria correto. (J.)

Não mistura. Ele já colocou na mente que ele vai falar só o inglês e se misturar não é o inglês. É porque eles não querem falar. Tá errado, entendeu? (I.)
--

A metalinguagem, através do uso de explicações gramaticais baseadas em princípios prescritivos, caracteriza parte do repertório de representações sobre a língua, como mostra o quadro acima. A gramática, em nosso imaginário, representa um papel de autoridade, de polícia da língua, distante e inalcançável. Afinal, se o mito do “Português muito difícil” discutido por Marcos Bagno (2007, p. 34) é tão disseminado entre os falantes da língua, é devido à grande distância entre as regras e normas que regem a escrita e a língua falada, com suas variedades.

A interação que segue, entre dois imigrantes brasileiros num estabelecimento comercial, ilustra a concepção estereotipada sobre o português como língua pura presente no imaginário de um dos falantes, a do “não português”:

Z. Não te vi aqui ontem!

V. É que eu tirei meu <i>day off</i> .
--

Z. <i>Day off</i> ... O que é <i>day off</i> ? Ai, pelo amor de Deus, “fia”. Fala português! Por que você não fala português?

V. Cê entendeu. Eu tava de folga!

O trecho abaixo mostra a tensão presente na fala da informante no tocante às variedades regionais:

W. Eu acho que pra quem é do estado não percebe muito essa diferença porque tem o costume desde o Brasil de ouvir aquilo, então quem tá aqui se a pessoa fala eu já percebo... que as pessoas a maioria fala errado.
E. Você fala dessa mistura do português?
R. Também, mas do português errado mesmo. Do interior porque a maioria das pessoas que tá aqui é beeeem do interior! Bem da roça mesmo... Porque nenhum estudado tá aqui pra ganhar dólar. A maioria cê vai encontrar gente sem estudo mesmo. E a questão de morar na roça... Não ter nem a terceira quarta série. Você não pode nem julgar uma pessoa dessa.
E. Entendi... Entendi.
R. É o que eu falei: quem tá aqui é quem não tem estudo no Brasil e vem pra cá ganhar dólar! Que é uma visão... Ilusão... Que eu falo hoje em dia depois da experiência de quatro anos.
E. Depois da experiência...
R. É uma ilusão. Uma ilusão, né?... E... Mas também no meu ponto de vista. Porque, às vezes, pra uma pessoa que tá lá na roça... Ganhar 1.500, 2.000 dólares, é muita coisa.

Vale notar que a informante, embora seja do interior de outro estado no Brasil, não se considera parte desse grupo que segundo ela é “bem do interior” (...) “Não ter nem a terceira quarta série. Você não pode nem julgar uma pessoa dessa”. Logo em seguida, ela se inclui ao falar da ilusão que é a busca por dólares, afirmando que “ninguém que é estudado” estaria em tal situação.

3.2.3 Representações sobre a mistura

3.2.3.1 Como eles nomeiam a mistura

De um modo geral, os informantes criam categorias referentes às misturas de línguas, com base em conceitos e preconceitos sobre o uso da língua. Ao se expressarem sobre o como, o quando e o porquê dos usos da língua, fazem a apologia ao monolinguismo e ao respeito às regras gramaticais. Alguns falantes expressam seu receio de que a mistura se torne um vício, devido ao seu uso recorrente, e que represente um freio a sua ascensão social.

No *corpus*, observamos diversas categorias para nomear as misturas, como por exemplo: dialeto, gíria, invenção, linguagem do país (nativa), mistura, “melting pot” (outro português), português, uma nova linguagem e variação. Na maioria dos casos, não observamos atitudes negativas no momento que essas categorizações ocorrem. Comentaremos as declarações que nos chamaram mais atenção:

Apenas Cristina, ao categorizar a mistura como dialeto, faz referência ao irmão (uma terceira pessoa) que tem uma atitude negativa em relação à mistura por achá-la ruim.

A categoria escolhida por Dany, formada em Letras e estudante de mestrado, foi variação. A entrevistada tem, portanto, familiaridade com esse termo da sociolinguística, inclusive usando essa abordagem com seus alunos em sala de aula.

Luís Carlos, que categoriza a mistura como outro português (melting pot), apesar de não usar a terminologia sociolinguística, explicita a sua opinião ao perceber as diferenças regionais.

Jairo, apesar de não fazer uma categorização de forma explícita, também percebe a mistura sob o ângulo da variação. O entrevistado fala em “perfil” atentando para a questão do registro relacionado a questões regionais (sotaque, origem geográfica), culturais e educacionais.

Rose, por outro lado, percebe as diferenças regionais no falar dos brasileiros de Framingham, faz uma relação hierarquizada (“nós e os outros”) ao apontar essa variante como “errada”.

Seguem alguns exemplos:

Dialeto	Mas que, às vezes, ela fala, por exemplo, <i>parquear</i> . Mas eu acho que é porque se ela tiver que falar estacionar, em português, ela, como ela ouviu que é <i>parquear</i> ... Aí ela fala. Entende? É a forma que a gente entende. É o dialeto. (Sônia)
Gíria	Meu irmão mesmo é um, não é, mãe? O Antônio mesmo é um, não é? De ficar se policiando para não pegar essas gírias. (Cristina)
Invenção	Até quem fala inglês mistura as coisas. Um cara que fala inglês muito bem, ele que falou, <i>layoffar</i> ... Na companhia então está <i>layoffando</i> muita gente... Quer dizer. Então, assim, eles vão inventando as coisas. (Marcos) Eles inventam essas coisas... <i>Layoffar</i> I: Eles inventam... (Ísis)
Linguagem do país (nativa)	Ou seja, a pessoa não vai falar assim, “eu vou te levar lá para você fazer a inscrição”. Não. É <i>aplicação</i> . Eu estou precisando de um seguro médico. Você tem que fazer a inscrição? Não. Você tem que <i>fazer aplicação</i> . É a linguagem do país... Ele vai falar <i>toou</i> ... É o nativo. (Horácio)
Mistura	Eu acho que a questão de falar <i>parquear</i> e falar as palavras misturadas, isso depende de pessoa pra pessoa. (Marcos e Ísis)
Melting pot (outro português)	Aqui é tudo misturado! Aqui é outro português. Aqui é um outro português. Entendeu. Aqui é outro português... Do Brasil... Eu sou do Amapá, eu sou de Goiás, um ali é de São Paulo, outro de Minas, outro do Rio. Então o português nosso ele é um... Um melting pot. (Luís Costa)
Português	O <i>parqueei</i> é o português. Mas, no inglês, é <i>parking</i> . <i>I parked my truck there</i> ... Ou <i>I parked my truck</i> ... (Horácio)

	É porque a pessoa não está falando o inglês total. Ela tá falando em português. (Ísis)
Uma nova linguagem	E assim você vai formando uma nova linguagem, um mundo das comunicações. Isso tem muita influência sobre o falar nosso de cada dia. Nós sabemos que quem faz língua é o povo. Nós falamos coisas que gramaticalmente, às vezes, não é correto, mas já entrou no costume e assim ficou a palavra. (Pedro)

3.2.3.2 Como justificam as misturas: o porquê e o como ocorrem as misturas

Ao serem abordados sobre o porquê da ocorrência das misturas, ou o que achavam sobre as misturas, os entrevistados tiveram a oportunidade de falar sobre a percepção que eles têm do fenômeno. Alguns respondentes relacionaram o uso da mistura à crença de estar falando inglês, o que pode significar *status*, ou “o gostinho” de estar falando essa língua, como diz uma professora de inglês. A facilidade na comunicação também foi um dos fatores apontados para o uso da mistura.

Organizamos essas motivações em 12 categorias. O objetivo de agrupar essas motivações em categorias foi mais a título didático. O importante foi detectar se havia na fala dos informantes algum tipo de representação que denote sentimentos negativos em relação à mistura. De um modo geral, as respostas não nos levaram a tais conclusões, a não ser quando falaram em vício, ou status, mas não relacionado à mistura, especificamente. Dany, por exemplo, aponta essa motivação como enganosa já o “imigrante não tem status nenhum”, mas por acreditar que esse status na verdade não será alcançado pelo fato de que o imigrante não tem status algum.

Há uma discrepância no depoimento de Dany em relação ao de Ísis no tocante à razão do uso da mistura. Enquanto a primeira diz que a produção da mistura no início da chegada da primeira geração se deveu à falta de fluência no inglês, Ísis afirma o contrário.

Em relação à segunda geração, enquanto Sônia declara que a existência de preconceitos e julgamentos parte das filhas em relação à mistura em si, para Ísis, o problema se concentra na falta de comunicação com a filha mais nova.

Houve informantes que relacionaram a motivação da mistura de acordo com o local ou com quem se fala. Vejamos os exemplos:

Costume

É porque no caso aí as pessoas vão acostumando mesmo de usar esse tipo de palavra e acaba esquecendo (o português). Aplicar... Poupar é salvar. Muita gente fala salvando o dinheiro que é coisa que lá a gente não tem esse costume. Aplicar também é... Mais comum. Às vezes, a gente fala com uma pessoa aplicar e a gente tem que fazer a descrição. Mas com o tempo ela vai... Acostuma. É tudo questão de tempo e convívio.
(Jairo)

Status

“Ai esse aqui tá muito *small* pra mim. *Small*... Tá muito *small*”. Você sabe a palavra, entendeu? Tá pequeno. No Brasil você nunca ia usar *small*, eu acho que ele dá um pouco de... É a impressão que eu tenho. Que dá um pouco de *status*. Porque na verdade a gente não tem *status* nenhum aqui, a gente é imigrante, que limpa a casa. A gente tem o *status* financeiro talvez, que a gente não tinha no Brasil, de poder ir numa loja, comprar uma bolsa, ou... Mas, perante a sociedade nós somos aqueles que, entende? Que estamos ali fazendo um serviço que ninguém mais quer fazer. Dá um *status*, porque eu tô falando *bisado*! Entendeu, dá um *status* que eu sei um pouco, eu tenho um *apontamento* hoje, meu carro foi... *Parqueado*... É a impressão que eu tenho. Que dá um pouco de *status*, porque na verdade a gente não tem *status* nenhum aqui, a gente é imigrante, que limpa casa. (Dany)

Facilidade (de comunicação)

Às vezes, é mais fácil falar, não sei. Às vezes, a gente não lembra. A gente também não

lembra muita coisa em português e a gente não consegue muito lembrar. Não vem rápido, entendeu? Então, você prefere falar a palavra em inglês. (Marcos)

As pessoas tentam fazer essa mistura aí pra facilitar uma língua com a outra. Uma maneira de não estar nem lá e nem cá. Facilitar a linguagem. É uma maneira de facilitar. (Jairo)

Todo mundo mistura mesmo. Mistura porque fica mais fácil. (Luís Carlos)

Automática (Involuntária)

Conforme a situação, né? Não existe a mistura não. Você tá na situação tipo assim... Você muda as palavras, a pronúncia das palavras de acordo com a pessoa. Você troca duas ou três com a pessoa você já sabe. Você tem que trabalhar de acordo com o perfil. É automático. Essa questão dessas palavras aí você vai aplicar aquela... Né? Você tem que traçar o perfil da pessoa. (Jairo)

É automático. É uma coisa automática. Você está aqui. Você fala... A sua língua nativa é português, mas você está aqui e sabe o inglês, é automático. Isso é natural. Você fala aquilo, às vezes, sem perceber. (Horácio)

É uma coisa que acaba sendo involuntária, às vezes. Você vai falando e quando você vê já falou. (Cristina)

Escolha

Eu acho que a questão de falar *parquear* e falar as palavras misturadas, isso depende de pessoa pra pessoa. Porque têm pessoas que disciplina e não fala. (Marcos e Ísis)

Não fala. Depende de pessoa pra pessoa. (Ísis)

Para se expressar

Às vezes, sim. Misturamos palavras bem parecidas para tentar expressar. Acontece, às vezes. (Sônia)

Comunicação

É igual eu falei, são os dialetos que a gente vai criando a forma de comunicar aqui dentro. De forma que você entende que eu iria sair para um *apontamento* às três horas da tarde. (Sônia)

Economia

Você está aqui, está falando com brasileiro, agora você fala com americano, você tem o espanhol, você vai mudando o idioma e tem umas palavras que simplifica mais. Quer dizer, eu vou estacionar o meu carro no estacionamento. É um pouco comprida a frase. Então, eu vou *parquear*. ...

A gente fala. É aquilo que eu estava falando antes, no *text message*, eu mando três, quatro idiomas às vezes, uma palavra sintetiza. (Pedro)

A opinião geral é que é bem aceita. Que facilita a comunicação. (Jairo)

Do que eu falar assim... *Spelling*, do que eu falar soletrar. *O high school*, do que eu falar ensino médio. *Tirar uma nap, nap*, cochilo, eu tô economizando tempo... (Dany)

Associada à área de trabalho

É aquilo que eu estou te falando. Se é a área que você vai trabalhar, aí você acaba pegando o vocabulário daquela área, *housecleaner*, que é associado àquela área, entendeu? (Cristina)

É interessante porque eu fui trabalhar com *houseclean* e elas têm todo o jargão delas. Tem o tal de *shower* que é banheiro. *Shower* na verdade é aquele que tem a banheiro. (Carlos)

Primeira geração

Eu diria assim: a primeira geração de imigrantes que é a geração que muitas vezes ainda não é fluente em inglês e que acaba aprendendo uma palavra aqui e ali e acaba usando a gramática do português com as palavras do inglês, então é muito comum. (Dany)

Na minha opinião, eu acredito que, bem no iníciozinho, por ninguém falar inglês, não havia essa mistura. Você falava só o português, você não sabia falar, para você fazer essa mistura. Mas, a partir do momento que as pessoas foram aprendendo, quando chegavam outros, eles já ensinavam para eles que era assim. Olha, você vai *parquear* seu carro... A pessoa já aprendia errado porque o outro sabia que estacionar era *park*. Então, ele... Mas, é porque ele já sabia falar algumas coisas em inglês. (Ísis)

De acordo com o contexto

Aí, vai aprendendo inglês só das coisas que é necessário para ela, que é *windex*, *clorox*... Entende? Só do que está convivendo ali com ela. E o que, às vezes, as donas das casas pedem para fazer. Então, aquilo ali ela vai aprendendo porque para ela aquilo ali é o que ela vai usar no serviço dela. (Cristina)

Depende muito. Depende muito do nível de educação, de formação de cada pessoa e depende do momento também. Porque, quando a gente fala entre amigos, a gente pode falar inclusive uma nova linguagem, trazida pela internet. Você não vai passar um *text message* dizendo uma frase completa, com sujeito, verbo...

Vício

Eu tento fazer uma separação, porque, é, eu acho interessante essa mistura, mas, eu tenho medo que ele acabe virando, virando um vício, vamos assim dizer, e ele acabe usando, por exemplo, vai ligar para o Brasil, vai falar com um parente, ah hoje eu tô *bisado*, e a pessoa não vai entender, ou fala que o patrão dele, é, que é americano é *very bisado*. (Dany)

Acaba sendo vício... É. Vício de linguagem... Às vezes, eu acho que é vício. Três opções, vício, gracinha... e porque não sabe... (Cristina)

Gracinha (por esporte)

Muitos fazem de gracinha também... Gracinha, para fazer gracinha para o outro. (Cristina)

Porque não sabe

... E porque não sabe... (Cristina)

Acreditar que está falando inglês

Já chega... Desde que chegou aqui, escuta aquilo e acha que aquilo é *parquear*, é *parquear* mesmo. (Cristina)

Repensando naquilo que ela falou, ela tem razão, no sentido do seguinte, com a pessoa que chega agora do Brasil, certo? Ela, realmente, não sabe nada de inglês. Então, essas palavras pra ela... É. Pode pensar que é inglês mesmo. (Marcos)

Então aquilo fica uma linguagem, mas, na verdade, eu acho que eles não têm consciência que em inglês não é *bisado*, em que português não é *bisado*, entende? Acaba que vira uma língua padronizada, e todo mundo entende. Só que você sai fora do contexto... (Dany)

O que dizem os adultos de primeira geração sobre os filhos (jovens da segunda geração⁴⁷)

De pai para filho – dos pais para com os filhos

Na narrativa seguinte, a mãe fala do não entendimento, não apenas relacionado ao “dialeto” que a filha produz por ser adolescente, mas também das diferentes maneiras de produzir a mistura das línguas portuguesa e inglesa:

Só que eles entendem o dialeto deles. Principalmente na linguagem da internet. É uma coisa que só eles entendem, porque você lê e relê. Mas tem muita gente que já passa da idade e quer ficar imitando eles. Aí, você continua sabendo o que eles não... Na verdade, é isso mesmo. Mas é difícil mesmo. Eu, se eu pegar um *text* da minha filha com as amigas dela. Tem muita coisa que a gente não entende não. Eles têm os dialetozinhos deles lá. Principalmente em inglês. Eles misturam aquele LOL... (Cristina)

⁴⁷ É a partir dessa perspectiva que Menezes (2003), Sales e Loureiro (2004) analisaram os chamados filhos da migração, ao se referirem a essa geração que se situa entre a 1ª geração de imigrantes, a geração dos pais e a segunda geração, aqueles que nasceram nos Estados Unidos. Segundo Portes e Rumbaut (1996), essas crianças filhas de migrantes que migraram pequenas seriam definidas como a geração 1.5 e as que nasceram nos Estados Unidos, filhas de pais migrantes, constituiriam a segunda geração. (OLIVEIRA, 2006, p. 4)

Não, não sente bem em falar. Se eles sabem falar fluentemente. Assim como a falou uma palavra, essa semana ela falou uma palavra em português. Ela estava olhando a universidade de São Paulo é a oitava universidade em *internacional business*, do mundo. Ela levantou uma pesquisa. Aí, ela virou para mim e falou assim: “Mãe, a universidade de São Paulo é a oito no mundo inteiro em *international business*.” Eu falei para ela assim: “Ela é a oitava.” Aí ela falou: “Mas você entendeu?”. (Sônia)

Mas o inglês, se você falar, eles vão entender e eles absorvem tudo que você tá falando. Mas tem que ser em inglês. Isso aí, eu sinto. Se você tem uma coisa muito profunda, que você tem que deixar claro, tem que ser no inglês. Isso, você sempre vai ter essa barreira, aqui. Ou você fala fluente pra você explicar tudo pro seu filho, né? Porque eles falam português, mas não é tudo que eles sabem, não. A Juliana mesmo... A Juliana sabe. Mas, às vezes, ela quer falar uma coisa, ela... Ela usa outro termo. Que dá no mesmo, mas não é daquele jeito que fala. ... Então, eu acho que fica confuso... A Juliana nasceu aqui. Ela fala *parquear*. Ela não fala estacionar. Por isso que eu tô te falando, são duas palavras que é *hundred percent*, 100% das pessoas falam. Mesmo que falem inglês bem. A Juliana nasceu aqui, você pode observar. (Ísis)

De filho para pai – filhos sobre os pais (Julgamento - constrangimento)

De acordo com Pedro, há filhos que sentem vergonha dos pais por não falarem o inglês, trazendo sofrimento às famílias. Ele ainda acrescenta:

Então, na escola tem a discriminação e as crianças sentem discriminadas por não serem americanas e, às vezes, jogam a culpa sobre os pais e tem esse desencontro entre pais e filhos. Ensinar português para essas crianças é muito importante. Em primeiro lugar, para a comunicação com os pais, com os avós que estão no Brasil, para poderem se comunicar quando vão para as férias, quando vão visitar o Brasil, no caso. Comunicação com a família, para manter o elo familiar. E, segundo, para ajudar os pais também a se superar aqui. Porque os filhos, às vezes, ajudam os pais.

Se conversamos com eles, eles falam: “Nossa, você não sabe falar inglês. Você fala tudo errado.” Eles não têm vergonha nenhuma de virar para a gente e se expressar dessa forma: “Você não deveria abrir a sua boca para falar inglês”. Você não sabe falar inglês. Se eu usar expressões como essa lá em casa, os meus meninos falam. (Sônia)

O que dizem os imigrantes brasileiros sobre os outros imigrantes

Então, voltando a esse cara que é o dono da limpeza lá onde eu trabalho, ele, porque ele gosta de falar português, às vezes, aí ele fala português comigo, então, eu tenho essa tendência em falar espanhol com ele, porque eu acho que ele não vai entender, entendeu? Mas, ele entende. Aí, eu lembro que ele entende. Aí eu volto a falar em português. Mas, tem coisas que eu não consigo falar em português e nem em espanhol, eu tenho que falar em inglês. (Marcos)

Mas, assim, eu não me misturo com o *Spanish*. É igual, tem a comunidade portuguesa aqui. A comunidade portuguesa não se mistura muito com a comunidade brasileira. Eles se misturam com a comunidade deles. (Horácio)

É... Não, não. Eles não têm essa mistura não. Eles não têm isso não. São as pessoas mais humildes, né... Eles não têm essa mudança não. O porto-riquenho, ele quer se dizer o tal... Eu sou americano e... E... É desse tipo, né? (Jairo)

Mas, assim, de ver nas festas, igual eu vejo... Assim, eu nunca vi uma mexicana ou uma pessoa da Guatemala. Nenhuma nas festas dos brasileiros. (Ísis)

Mistura pouco. É bem pouco. (Marcos)

Mas, na construção civil, já tem muitos hispanos misturados com brasileiros. (Ísis)

Onde eu trabalho, a empresa que fornece o serviço de limpeza, o dono dela, eu não sei se ele é hispano, mas ele fala espanhol. E, então, também inglês. Então, comigo, porque o meu trabalho eu tenho que conversar com ele de vez em quando, aí no telefone a gente fala. A gente fala inglês, espanhol e português. É impressionante, porque... Mas, então, nós acabamos falando por telefone. A gente mistura as três línguas realmente. (Marcos)

A minha vizinha era assim, se eu falasse com ela português com ela não entendia... Aí, eu misturava e tinha comunicação com ela. (Ísis)

Porque aqui se mistura brasileiro, americano, com espanhol, com a língua latina, com... Acho que aqui tem uma grande mistura. Tem uma família mesmo... O pai é hispano, latino, a mãe é brasileira e vive no país que fala inglês. Então, assim, só em casa tem três línguas. Então, imagina que mistura... Na (igreja evangélica da) Irving street. Então, ali tem uma mistura bem grande do espanhol. Tem muita gente... (Tereza)

O problema que o Marcos tá falando, você sabe o que acontece? Isso eu já ouvi de dentro, as minhas clientes já falaram isso, que admiram os brasileiros, porque os brasileiros são imigrantes, até mesmo os ilegais, eles vêm aqui, eles superam, eles têm o seu próprio negócio, eles trabalham com garra. Já a outra parte, que é o hispano... Tô te falando quem me falou, a Mary falou isso, a minha cliente. Ela falou que gosta de brasileiro e que não gosta de hispano. E ela é assistente social. Ela lida, ela vê a diferença. (Ísis)

3.3 Fatores extralinguísticos associados pelos entrevistados à produção das misturas

3.3.1 Origem geográfica: de onde eles vêm

A origem geográfica dos imigrantes exerce um papel importante nas representações explicitadas pelos entrevistados, que atribuem os “erros” do português ou o iletramento àqueles que vêm da “roça” (zona rural). Como num cálculo matemático, a informante deduz que se a maioria fala “errado”, e essa maioria vem da roça, o português errado também vem da roça.

Também, mas do português errado mesmo. Não sei se é por ser... Do interior, porque a maioria do pessoal que tá aqui é beem da roça mesmo. (Rose)

3.3.2 Variantes regionais

As variedades regionais, principalmente as advindas da zona rural, são, quase sempre, alvo de preconceitos que estigmatizam não só o falante, mas também a língua que ele fala. Isso ocorre principalmente porque temos um padrão de norma da língua que privilegia a língua escrita. É o que Bagno (2012, p. 23) chama de “modelo de língua ideal que acaba criando uma grade de critérios dicotômicos empregada para qualificar as variantes linguísticas: certo *vs.* errado, bonito *vs.* feio, elegante *vs.* grosseiro, civilizado *vs.* selvagem e, é claro, culto *vs.* ignorante”. No excerto a seguir, a entrevistada faz referência à variante origem geográfica:

D: E existe aquele protótipo: “Ah, ele fez alguma coisa, ah porque ele é mineiro”, entende? As pessoas de outro estado acabam que criam um... É... Um tipo de um preconceito vai... Vamos dizer... Ele fez? Só podia ser mineiro mesmo, só podia ser goiano. Eu já ouvi isso várias vezes, várias vezes. É... De relacionar algum problema com o lugar que a pessoa é no Brasil ou, ou de falar alguma besteira. Ah mas só podia falar isso mesmo, olha de onde que ele é. Ele é roceiro, ele é não sei da onde, então é... Apesar de muitos não estarem mais ali na roça, o fato de eles virem de uma cidade

pequena... (Dany)

Bortoni-Ricardo também mostra como os poderes político e econômico são determinantes nas representações sobre variedades linguísticas. Se esses elementos estão presentes, a língua é bela, é boa; caso contrário, é ruim:

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

O excerto abaixo traz um comentário irreverente, embora o entrevistado produza uma representação estereotipada sobre si mesmo. Ao ser perguntado se fala espanhol, usa como justificativa por não saber falar a língua a sua linguagem da roça (o “roçariano”). A maneira como ele categoriza a sua língua, colocando-a como empecilho para não aprender uma segunda língua, afeta o seu julgamento e, portanto, sua atitude linguística.

Eu não. Jamais vou aprender (o espanhol). Falo roçariano. (Horácio)

Além disso, considerando a fala como reveladora de identidade, notadamente através do sotaque, considerado “carregado”, fazem do mineiro o alvo de mais uma representação estereotipada.

Então, mas é o que eu estou explicando. O jeito de eles falarem está mudando. Então, assim, a cada dia que passa. Você conhece mais gente dessa região. E, eu sou muito assim, de pegar o que ele está falando e daqui a pouco eu estou falando igual. Eu pego mesmo assim, dois minutos e eu já estou falando meio que roceiro. Tem uns que falam muito carregado e que tem tempo que está aqui. (Cristina)

Devido também à... À origem, né. São retraídos... Você vai pegar aqui muita gente de Minas aqui. E é um povo mais retraído. Claro que tem aqueles que conhecem, né? ...
(Carlos)

... Porque existe aquela pessoa, né? ... Que foi criada no sítio, né. Na roça, né? Ela não tem conhecimento nenhum de português muito menos de inglês, muito menos de português né... Então cê já tem que... Você já traçou o perfil dela. (Jairo)

Há falantes que reconhecem a mudança linguística:

Mas eu tenho o meu costume de falar algumas coisas. A gente muda. Muda, porque você não fala mais piá não. Agora, você fala véi. (Cristina)

A gente fala muito piá, a gente fala muito apura. Então, é uma coisa assim, sulista mesmo. (Tereza)

Não tem como não tem como... Como padronizar isso aí sabe? Cê entendeu? Diariamente a gente lida com diversos tipos de pessoas de diferentes níveis culturais e..., E... Países... Regiões do Brasil. Regiões... Hispanos também que são de regiões diferentes que existe o sotaques diferentes. Desde o México até a... Lá em baixo no Chile. (Jairo)

Ou necessitam de um tradutor:

Estou fazendo a tradução para você. Do mineirês... (Tereza)^
Tem (que traduzir). Demais. Esse demais também é dos mineiros. (Cristina)

3.3.3 Nível educacional

De acordo com o informante, o perfil do imigrante que tem chegado a Framingham tem mudado, pois o nível de escolaridade está mais elevado.

A maior parte vem com visto, tem escolaridade melhor, né? ... Porque lá de Minas, que predominou, veio mais... Muita gente da zona rural. (José)

Há um consenso em relação ao nível de escolaridade, considerado baixo.

A gente percebe que o aluno, e... Eu acho que aqui na região que a gente tá, em Framingham, é uma região assim, bem... O nível de escolaridade das pessoas aqui é muito, muito baixo, comparado com os outros brasileiros em outros lugares dos Estados Unidos. (Dany)

Você vai encontrar médico aqui, você vai encontrar dentista aqui que vieram do Brasil e estão aqui trabalhando aqui. Estão, às vezes, trabalhando na construção, às vezes, trabalhando na limpeza de casa, você vai encontrar se você procurar. Mas eu acho que 90% dos brasileiros que estão aqui é igual eu. Não tem muita formação escolar, não teve estudo, não teve muitas oportunidades no Brasil e tiveram que vir para cá. (Horácio)

Se você olhar vem, nas suas entrevistas aí, você vai ver que 90%, 95% dos brasileiros que estão aqui são peão, são pessoas que não tem muito estudo, são pessoas que não tem muita formação escolar, pessoas que saíram lá da roça, saíram do interior de Valadares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inhapim, de Caratinga. São pessoas do interior, são pessoas da roça. (Horácio)

Mas nem assim às vezes eles ficam... Porque o que ocorre que eu percebi é que alguns... Aquele que tem mais dificuldade... Aquele que já vem com... Dificuldade do

Brasil... Que é quase um semianalfabeto nosso lá... (Carlos)

Introduzidas na vida dele ali, que eu acho que tem gente que não sabe nem o que é mesmo. Aí, vem aquele negócio da escolaridade. Porque eu conheço gente que vem para cá... Mas eu acho que isso influencia de uma certa forma. Porque tem gente que vem para cá... Desculpa... Que vem para cá, tem até quinta série, e ela pega as coisas e aprende rapidinho. Mas tem algumas que tem a quinta série e que demora a pegar. Eu acho que vai muito por raciocínio. (Cristina)

Da minha experiência, eu acho assim, uma pessoa que não estudou nada de inglês, não tem noção de nada, e aprendeu ouvindo, ela vai achar, realmente, que essa palavra, ela é em inglês... Eu tenho. Mas a pessoa que estudou, quando ele fala, ele sabe que tá falando errado. (Ísis)

(Nível de escolaridade) Acaba tendo um pouco. Acaba tendo sim um pouco e, depois, vai acabando... Acaba tendo um pouco e depois você escuta aqui e você vai repetindo. Porque você acaba achando engraçado. (Cristina)

Depende muito. Depende muito do nível de educação, de formação de cada pessoa e depende do momento também. (Pedro)

3.3.4 Nível social

Nível socioeconômico e origem geográfica, mais uma vez, encontram-se relacionados. Os imigrantes provenientes da zona rural da microrregião de Governador Valadares estão bastante próximos da área urbanizada, acarretando um contato intenso entre população urbana e rural, do qual decorre o falar “rurbano”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2001):

Na zona intermediária se situa a região rurbana constituída por migrantes de origem rural com seus antecedentes culturais, preservando principalmente seu repertório linguístico e por comunidades residentes em distritos semirurais. Estas últimas sofrem influência urbana, tanto através da mídia, quanto pela absorção de tecnologia agropecuária. Qualquer falante do português brasileiro está inserido em qualquer ponto do contínuo, onde as fronteiras são fluidas, há muita sobreposição entre os diversos tipos de falares que serão produzidos de acordo com a região onde ele nasceu e vive. (idem, 2001, p. 27)

Mas que ela falou para mim, eles são muito pobres, é gente muito humilde, é roça, é roça, mesmo. Que você leva uma blusa, uma coisa assim, que vai fazer a felicidade deles. Engraçado, não devia, porque o tanto de gente que tem aqui e que manda dinheiro para aquele lugar, igual Valadares. Porque Valadares já está assim agora. (Tereza)

É. Mas eu não usaria *bisado* de maneira nenhuma. Evito (usar a mistura). Na verdade eu não uso. Eu não uso! Eu nem lembro. Porque no meu meio de convivência não utiliza isso. Eu ouço da rua mesmo. Onde moro. Eles falam... Falam porque cê ta tendo contato. Mas não no dia a dia. Nem lá... (Carlos)

3.3.5 Nível de proficiência na língua inglesa

Os entrevistados abaixo relacionam a produção da mistura à baixa proficiência na língua inglesa, independentemente do tempo de residência nos Estados Unidos:

Quem sabe igual ele que sabe, sabe que aquela palavra não é inglês não. Muita gente fala, mistura consciente, entendeu? (Ísis)

Consciente. Mas têm muitos que falam... Eu concordo com ela, achando que tá certo...
Pode pensar que é inglês mesmo... Mas não é todo mundo, não... (Marcos)

3.3.6 Representações e estereótipos sobre o outro

A solidariedade não deveria ser tomada como um dado que antecede a pesquisa, argumenta Ana Cristina Martes (2000, p. 45), citando, como evidência, os vários grupos de imigrantes brasileiros entrevistados que estabelecem em seus discursos fronteiras nítidas entre "nós" e "eles" — estes últimos os "ignorantes, roceiros, mineiros e/ou valadarenses... Para a autora, essas clivagens construídas dentro da comunidade brasileira são uma tentativa de recolocar os imigrantes numa escala de hierarquia social. (MARGOLIS, 2000, p. 245 e 246)

Ao falar sobre a solidariedade entre brasileiros, nossos informantes revelam em seus discursos representações estereotipadas e, às vezes, contraditórias. Ao mesmo tempo em que se identificam com a imagem de um povo simpático e acolhedor, mostram outro lado – o daquele que exclui e explora os próprios patrícios.

Mas essa mania nós temos. De ficar só no nosso mundinho. (Marcos)

Não é como nós que conversa com todo mundo, que cumprimenta um estranho, que procura ajudar. (Horácio)

Mas ninguém, até hoje... Tem mais de seis meses que eu estou morando aqui... Nunca ligou para mim. Às vezes, eu passo o fim de semana aqui sozinho. Sozinho dentro de casa aqui. Tomando a minha cervejinha, comendo a minha carniinha, vendo televisão ou ouvindo música. (Horácio)

Aqui nós os brasileiros se mistura com todo mundo. (Carlos)

Somos um povo simpático. Nosso natural é estender a mão. (Carlos)

... Então, o nosso, o nosso patrício ele vai sempre nos achatar mais, vai exigir mais da gente... (Carlos)

3.3.7 Misturas e espaço: locais de maior ocorrência

O objetivo desta pergunta era o de confirmar se há locais onde se produz a mistura com mais frequência, seja por motivos de trabalho, como alguns acreditam, ou se socialmente há lugares onde é mais ou menos aceita. Em última instância, se há algum indício de diglossia. Pelos dados encontrados, principalmente através das entrevistas, não podemos concluir que os imigrantes brasileiros de Framingham produzam misturas em certos lugares preferencialmente. Em determinadas situações de trabalho, a mistura parece ser mais intensa, embora seja prematuro fazer esse tipo de afirmação apenas a partir dos dados que colhemos.

A produção generalizada da mistura é admitida por grande parte dos entrevistados, ainda assim especificam certos locais e contextos como veremos a seguir.

Eu acho que em qualquer lugar. (Horácio)

Eu acho que essa mistura ela é muito frequente. Em qualquer lugar da comunidade você ouve as pessoas misturando. (Dany)

Acho que é parecido. Isso aí... Qualquer... Qualquer lugar acontece isso aí. (Jairo)

Nós... A gente não mistura muito. Uma palavra ou outra né? Mas tem muitos ambientes que a gente vai... Você ouve as pessoas misturando, né? (Marcos)

Para Ísis a produção da mistura se deve também à interação entre os falantes no contexto do trabalho de faxina, opinião corroborada por Carlos. Para Cristina, a mistura está relacionada ao local de trabalho, de modo geral.

Então, isso é questão da pessoa trabalhar com alguém que fala. Se eu trabalhasse com alguém que fala, sem querer eu falaria. Como ela trabalha comigo, eu não falo *vequiar*, eu falo assim, eu falo em português, você passa o *vacuum*. (Isis)

E é engraçado porque elas (faxineiras) convivem direto. Você quer rir é você conversar com elas. Elas têm... O jargão de trabalho delas é mais rico que rico que o dos homens. Porque elas têm mais tempo pra conversar. (Carlos)

Ah é, minha filha. Principalmente com quem você vai andando. Por exemplo, se você chega e vai limpar casa, você não tem o convívio do inglês, você vai ter convívio com gente que vai falar só português. Aí, vai aprendendo inglês só das coisas que é necessário para ela, que é *windex*, *clorox*... Entende? Só do que está convivendo ali com ela. E, o que, às vezes, as donas das casas pedem para fazer. Então, aquilo ali ela vai aprendendo porque para ela aquilo ali é o que ela vai usar no serviço dela. Então, varia da sua profissão. Se você for trabalhar no restaurante, você vai aprender coisa que está relacionada ao seu trabalho. (Cristina)

Porque aqui não tem boteco, né? Que é um agente social muito forte, né? No Brasil se tem lugar pra você beber. Aqui é proibido. Você tem que se reunir num churrasco ou numa casa. Uma coisa que você... Você vai procurar seus amigos. Num chama o cara que passa na rua pra conversar... A relação que você tem é com seus amigos, então você acaba falando somente ali. (Carlos)

Nós... A gente não mistura muito. Uma palavra ou outra né? Mas tem muitos ambientes que a gente vai... Você ouve as pessoas misturando, né? (Marcos)

Depende. Eu acho que depende da hora. Depende onde você está, depende com quem você está, depende muito da situação. (Tereza)

Normalmente é quando você tem um grupo, por exemplo, no meu caso que eu trabalho com, né, com, a maioria dos meus alunos são brasileiros, entre eles, eles usam muito. (Dany)

Os entrevistados citados abaixo opinam que a produção da mistura vai depender também do contexto em que a interação ocorre e do tipo de interlocutores.

Depende. Eu acho que depende da hora. Depende onde você está, depende com quem você está, depende muito da situação. (Tereza)

Normalmente é quando você tem um grupo, por exemplo, no meu caso que eu trabalho com... Né?... Com a maioria dos meus alunos são brasileiros, entre eles, eles usam muito. (Dany)

Aonde mais... Na Marshall's!. "Ai esse aqui tá muito *small* pra mim, *small*... tá muito *small*"... Você vai ver, vai, ainda mais na Macy's que tem muita roupa assim de marca, e o povo gosta. Faz uma *field trip* na Macy's no final de semana. (Dany)

E, quando você está lá na sala de aula, assim, aí na hora que você está falando inglês, aí você mistura um pouco? (Entrevistadora)

Mistura. Caça a palavra para poder responder. E aí, como se diz, são 18 pessoas na sala de aula, o que a professora, às vezes, tenta ensinar, aqui um aprende, outro fala em português o que é isso... Então, é muito comum, é divertido. (Sônia)

Para Carlos, a mistura não ocorre em seu ambiente de trabalho e nem no seu meio de convivência, apesar de admitir que ouve outros imigrantes usando a mistura no condomínio onde mora. O ambiente de trabalho ao qual ele se refere como "seu" é o local onde ele pode exercer uma função ligada à sua área, computação.

Mas lá eles já não falam mais onde eu trabalho. Cê não vai falar isso! Porque é muito feio. (Carlos)

Evito. Na verdade eu não uso. Eu não uso! Eu nem lembro. Porque no meu meio de convivência não utiliza isso. Eu ouço da rua mesmo. Onde moro. Eles falam... Falam porque cê ta tendo contato. Mas não no dia a dia. (Carlos)

3.3.8 Perfil de Entrevistado de Acordo com o Tipo de Mistura⁴⁸

CARLOS	<i>Permit, housecleaner, landscape, the best, please. baby-sitter, roofing, houseclean, Little Brazil.</i>	Superior completo. Nível básico de inglês. Recém-chegado aos Estados Unidos. Já faz uso da mistura além de contextualizar alguns tipos em situações de uso (<i>bisado, toado, araminho, Moura veículos</i>). Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial.
CRISTINA	<i>Pen, Parquear, serapear, avaliação, apontamento, text message, não cheeseburger, não picles, não onion, daycare, windex, clorox, breiquear, breicar, trabalhar de help, housecleaner, schedule, schedule de casa, dona do schedule de casa, interview, baby-sitter, social securi(ty), speak phone, break, “Tchau. Beijo. Love you. Bye”,</i>	Ensino médio. Nível intermediário avançado de inglês. Faz bastante o uso da mistura tanto em situações cotidianas quanto de trabalho. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial com alguma inserção no intersentencial.

⁴⁸ Para esta seção, faremos distinção da mistura entre *code-switching* intra e intersentencial de acordo com Mozzillo (2009, pp. 189 e 190): “O intra-sentencial ocorre quando, dentro de uma mesma sentença, o falante realiza a alternância entre os dois sistemas de que dispõe fazendo inserções, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado), quanto sob a forma segmental (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra dentro da mesma frase deixando ambas inalteradas)... O intersentencial acontece no momento em que as línguas se alternam de uma sentença a outra!

DANY	<p><i>Baby-sitter, mall", nap", high school, West, empowering, macho culture, College , post, Driver's license, Mass Health, mall, field trip, misspelling, high school, nap, spelling, aware, Well, mispronounced, embarrassed, housecleaners, College students, daycare , cartoons, get together...</i></p>	<p>Mestrado. Nível avançado de inglês. Faz uso da mistura tanto de forma generalizada quanto utilizando palavras ou expressões ligadas à sua área de trabalho. Durante as entrevistas, fez apenas <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial com palavras retiradas diretamente do inglês (Diferentes de <i>parquear</i> ou <i>apontamento</i>). Comenta sobre os tipos de misturas mais conhecidas como <i>Moura Veículos, draive lais, Mess Help, o araminho, apontamento, parquear, mall, small, passar o vacuum, roof, rufeiro.</i></p>
HORÁCIO	<p><i>(Tomei aquele) shotzin (de shot=vacina), imél (e-mail), laundry, translate , i-phone, toado, parqueado, parqueei , spot, aplicação,</i></p>	<p>Ensino médio. Nível básico de inglês. Faz pouco uso da mistura e está relacionado a questões gerais. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial e diz que o seu falar é “roçariano”.</p>

ÍISIS	<i>Overtime, step, (um) open house, (nos) offices, (no) janitor room, dumpster, South Carolina, vequiar (não gosta de usar), (eu falo em português, você) passa o vacuum, bag, knife, vecar e parquear, hundred percent, apontamento, mop, box.</i>	Nível médio. Nível intermediário de inglês (mais fluente na fala que na escrita) e possui ensino médio concluído. Usa bastante a mistura para situações cotidianas e de trabalho. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial.
JAIRO	<i>imél, aplicar, salvar, customer service, roofing, landscape, BU (biú), downtown, New York (niuiork), bisi, Connecticut (canériqui), New Jersey (niujêrzi), high school, permit.</i>	Superior completo. Nível avançado de inglês. Usa pouco a mistura e de modo mais generalizado. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial.
JOSÉ	<i>Greencard, landscape, Moura (veículos).</i>	Ensino médio. Nível básico de inglês. Aparentemente usa pouco a mistura. Não pudemos chegar a uma conclusão a esse respeito devido ao tempo de entrevista que foi curto. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial.
JULIANA	<i>Parquear, popularidade (população).</i>	Segunda geração. Filha de Marcos e Ísis (20 anos). Faz <i>code-switching</i> do tipo intersentencial com poucas inserções no tipo intra-sentencial.

LUÍS CARLOS	<p><i>Nurse's aids, dishwasher, bartenderbreakfast, cozinheiro, busy, mortgage broker, mortgage, foreclosure, landers, foreclosure number modification, first buyers, ITIN number, brokers, social security, FBI (efibiai), loop (da lei), (as grandes) corporations, software engineering, precinto, serapá pa Dina, parquear, meet your mind, baby sitter, file, real state, business, downtown, GM (dji ém), clean and cut, melting pot.</i></p>	<p>Superior completo. Nível de inglês avançado. Utiliza bastante a mistura, especialmente ligada à sua área de trabalho atual (corretor de imóveis). Faz <i>code-switching</i> tanto do tipo intra quanto intersentencial.</p>
MARCOS	<p><i>Skid, manager, (trabalhei de) dishwasher, (no) parking (estacionamento) ali, faz o parque (estaciona), do front desk, layoffar, layofando, da "disha" (antena de tevê), apontamento, dicantena, d-container, tape gun, [top, bottom, body, the end] (partes de caixa de papelão), [double wall, three wall](tipos de caixa de papelão), skid, strap. (desde) baby.</i></p>	<p>Superior incompleto. Nível intermediário de inglês (mais fluente na fala que na escrita) e possui curso de graduação incompleto. Usa bastante a mistura, relacionada principalmente ao mundo do trabalho. Utiliza tanto palavras ou expressões mais gerais quanto mais específicas. Faz <i>code-switching</i>⁴⁹ do tipo intra-sentencial.</p>
PEDRO	<p><i>Acento, (O) Town, text message, "Es bueno tener un extranjero a quien echarle la culpa de nuestros propios males".</i></p>	<p>Superior completo. Nível avançado de inglês. Usa pouco a mistura. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra e intersentencial (este, em espanhol).</p>

RENATA	<i>Confusada, (cachorro) depressado, desencher, parquear (de vez em quando).</i>	Segunda geração. Filha de Cristina (20 anos). Os exemplos foram dados pela mãe. Faz <i>code-switching</i> do tipo intersentencial com poucas inserções no tipo intra-sentencial.
RICARD	<i>I'm going to the park, no picles, no cebola, minha pai, friend.</i>	Segunda geração. Filho de Cristina. Faz <i>code-switching</i> do tipo intersentencial com poucas inserções no tipo intra-sentencial.
SÔNIA	<i>Housecleaner. text message, parqueei, toar, apontamento, internacional business.</i>	Ensino médio. Nível básico de inglês. Mistura muito pouco e em situação diversificadas. Faz <i>code-switching</i> do tipo intra-sentencial.

3.3.9 Contínuo de monitoração sobre o uso da mistura

Dentre os entrevistados, Sônia e Horácio têm ambos os níveis de escolaridade e proficiência na língua inglesa mais baixos. É interessante notar, entretanto, que esses informantes, advindos de Minas Gerais, foram os que tiveram uma maior monitoração do uso da mistura durante a entrevista. José também aparenta estar na mesma situação, pois também apresentou durante a entrevista, um baixo número de ocorrências. Entretanto, o tempo de entrevista foi bem menor do que com os outros entrevistados (aproximadamente uma hora, enquanto com os outros informantes, a duração da entrevista foi de mais de duas horas). Adaptamos o gráfico do contínuo de monitoração de Bortoni-Ricardo, para ilustrar o contínuo de monitoração da mistura dos nossos informantes. Dentre os de maior escolaridade e proficiência no inglês, Jairo e Pedro

fizeram menor uso da mistura. Pedro, além da mistura do português com o inglês, também inseriu uma frase em espanhol durante a entrevista.



Gráfico 3:Contínuo de monitoração da mistura

3.4 Representações e questões de tradução

“El multilingüismo, el cambio de código, la creolización provienen del gênio creativo, de los préstamos subversivos de los innumerables usuarios de la lengua en su aplicación cotidiana del lenguaje. La lengua, cambiante y fluida, es siempre un mosaico de varios idiomas.” (PRICE, 2007)

Tradução e contato de línguas são áreas que se entrecruzam, tanto na reflexão teórica quanto no discurso dos falantes observados. Vale, portanto, discutir em nosso trabalho os processos tradutórios imbricados na produção do falar bilíngue dos imigrantes brasileiros observados e a forma como esses objetivam a questão da tradução.

Assim, recorreremos a Antoine Berman, que, em seu artigo “Bildung et Bildungsroman” (apud SUAREZ, 2006, p. 191), apresenta o conceito alemão de *Bildung* em cinco etapas: *Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antiguidade e como prática filológica. Assim, perguntaríamos se o imigrante, tanto aquele que se encontra há algum tempo na condição de estrangeiro, quanto o novo estrangeiro que depende de outros para o in (tra) duzirem na nova língua e no novo mundo, não estaria ocupando um lugar nesse *in-betweenness*, que é o mundo particular dos imigrantes, brasileiros ou não. No mundo globalizado, em que as mobilidades “reais” e virtuais estão cada vez mais intensas, há cada vez mais misturas de línguas, mesmo para aqueles que não se deslocam concretamente.

O conceito de tradução, sob pontos de vista mais tradicionais, como, por exemplo, língua de partida/língua de chegada ou sob os rótulos estrangeirizadora/domesticadora e de fidelidade/infidelidade, não é suficiente para abarcar a complexidade das línguas em contato no contexto de globalização que estamos vivendo. A tradução pode assim ser vista como “uma variação, em que os signos que articulam a mensagem lhe pertencem somente de forma transitória...” com “foco na relatividade das escolhas, em que as supostas equivalências são atos inaugurais e factuais, uma variação sempre tributária da dinâmica textual em que o nível semântico, no qual a tradução opera não se situa nem na língua nem na fala (texto/discurso), mas na intercessão das duas, no contato”. (GOROVITZ, 2012, p. 83). Ainda de acordo com a autora:

Ao contrário, contrariando o paradigma estruturalista, parte-se aqui do pressuposto de que no contato e no exercício tradutório uma língua se define em relação à outra, ampliando seu escopo. Introduce-se a noção de repertório em que a tradução é considerada como uma das realizações possíveis de uma mensagem por um falante específico, como uma forma de variação dentro de uma mesma língua.⁵⁰

Traduzir a mistura linguística é também traduzir a cultura e o momento que seus falantes vivem. Para o imigrante que chega a seu país de destino, no primeiro momento, a mistura também é estrangeira, mas com o tempo ela passará a fazer parte do seu léxico. Para os que não fazem parte da comunidade imigrante, o estranhamento poderá

⁵⁰ Idem, p. 83.

ocorrer pelo menos de duas formas, seja por sua visão domesticadora sobre os processos tradutórios, ou seja, por assumir uma visão estrangeirizadora, o que o obrigará a mergulhar na cultura do outro. Mas não estariam todos os atores, nesse processo, traduzindo (se) e sendo traduzidos mutuamente numa relação dialética? O que propomos, entretanto, é que a dialética não seja aqui uma síntese que traga estabilidade na tradução, pois ela não é um lugar fixo e imutável, assim como também não serão fixas as identidades e os destinos dos envolvidos. A mobilidade não é um deslocamento numa via de mão única, há também os processos de retorno a uma origem que pode não mais existir, desde que há a possibilidade de não se fixar novamente num lugar. O efeito causado por esses deslocamentos pode ser assustador, pois se pode sair em busca de uma identidade ou de uma nação “perdida”, de uma língua homogênea, sem misturas e, portanto, sem riscos. De acordo com Hall (2007):

As identidades nacionais estão sendo "homogeneizadas"? A homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a "unidade" das culturas nacionais. Entretanto, como visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, este quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral.⁵¹

A tradução, nesse contexto, é o *inbetweenness*, é a instabilidade, em que se localiza a própria mistura de línguas. Posto que essa mistura é híbrida e que seus falantes estão a traduzir e a serem traduzidos neste “entre-lugares”, aproximamo-nos do pensamento de Alice Maria Araújo Ferreira (2013):

A mestiçagem aponta para um “entrelugar” e é nele que buscamos reconhecer o ethos do traduzir. Não um “entre-lugar” híbrido que produz um novo conjunto, mas um “entre-lugar” instável, indefinido, onde cada componente preserva sua identidade e história. Assim, o sujeito tradutor, situado entre duas línguas e culturas, aparece como possível modelo para um sujeito contemporâneo, que se aproxima da figura do estrangeiro de Simmel (1979) e, mais particularmente, do imigrante/emigrante.⁵²

⁵¹ Idem, 2001, p. 77.

⁵² Idem, p. 78.

A mistura de línguas se deslocaria, portanto, para o lugar da visibilidade, tornando visíveis também aqueles que a produzem, pois, de acordo com Joshua PRICE (2007, p. 70), “é de vital importância tornar visíveis as distinções, ver o poder das línguas híbridas, fundamentado em distinções, diferenças, incompreensões dominantes que são parodiadas, reveladas burladas e ironizadas”⁵³. O autor ilustra o seu artigo com a poesia de Hagedorn (1990, p. 250) a seguir⁵⁴:

Here, clues to your ghostly presence in the lingering trail of your deadly perfume: wild roses and plumería, the dizzying fragrance of damas de noche, the rotting bouquets of wilted sampaguíta flowers you cradle in your arms.

I would curse you in Waray, Ilogano, Tagalog, Spanish, English, Portuguese, and Mandarin; I would curse you but I choose to love you instead. My dim eyes scan the shadows in vain. Ave Maria full of grace. Ita missa est. Manila I was born here, Manila I will die here ... (HAGEDORN, 1990, p. 250).

Assim, partindo do princípio de que em nosso trabalho tradução e contatos de línguas parecem ser indissociáveis, apresentaremos, nessa seção, nos exemplos expostos no Quadro 5, a definição de palavras ou expressões produzidas pelos próprios entrevistados, definições estas que remetem à tradução. Escolhemos inicialmente a palavra *dicantena*, apresentada no *corpus* da monografia de 2001, devido a particularidades que a própria definição do vocábulo nos trouxe.

Sabe por quê...? Não tem tradução. Mesmo que tiver, a gente não sabe a tradução de *d-*

53 ... que es de vital importancia hacer visibles las distinciones, ver el poder de las lenguas híbridas, un poder fundamentado en distinciones, diferencias, incompreensiones dominantes que son parodiadas, reveladas, burladas e ironizadas.

54 Aqui, os indícios de tua presença fantasmagórica no rastro persistente de seu perfume mortal: levas em teus braços rosas selvagens e plumería, fragrância inebriante das damas de noche, os buquês de flores podres e sampaguitas murchas.

Eu te amaldiçoaria em waray, Ilogano, tagalog, espanhol, inglês, português e mandarim; Eu te amaldiçoaria mas eu escolho te amar. Meus olhos turvos buscam nas sombras em vão. Ave Maria cheia de graça. Ita missa est. Esta Manila, onde nací, esta Manila onde morrerei...].
... (HAGEDORN, 1990, p. 250).

container, entendeu? É o nome de um material. (Marcos)

E: É porque eu só entendia... Eu vi a fita milhões de vezes. Mas aí eu falei: “Gente, *dicantena*. Ah, *dicantena*.” Na minha cabeça...

M: Ah, você tentou lembrar o que poderia ser isso em inglês, né?

E: É. M: Aí você não achou.

E: É. Porque ele tava falando em português, como você fala, o *mop*, aí você fala...

I: É uma caixa de papelão. E: Quando você fala o *mop*, *aí* você fala *dicantena*. Aí eu falei... Eu fiquei procurando, porque, assim, era uma palavra muito diferente.

I: Você não entendeu. M: Mas você ainda não tem ideia do que seja isso, né?

E: Não, aí depois eu tive, porque você me explicou.

M: Não, eu sei. Eu te expliquei, mas eu aposto que você não entendeu até hoje o que é uma *d-container*.

E: Ah, talvez não. I: É uma caixa. É um tipo de caixa de papelão.

M: Não. Não é isso. Não é um tipo de caixa de papelão.

E: Ah, não é não? Para mim, era uma caixa de papelão em formato de...

M: É um tipo de embalagem.

I: É. Exatamente.

E: De embalagem, em forma de “D”, não era isso?

M: Não, não é em forma de “D”.

E: Ah, não é não?

M: Não. É o seguinte...

Apontamento	Ele também fala. Todo mundo fala. “Eu tenho um <i>apontamento</i> .” É. A gente fala <i>apontamento</i> . Porque a gente traduziu essa palavra... I: Você traduziu ela. Você pôs ela... Não é inglês; você pôs ela em português. Você usou essa palavra, traduzindo. E todos usam ela, traduzindo. Mas ela é usada em inglês. (Ísis e Marcos)
Aramin(ho)	“Do you know what I mean?”; “Do you know what I mean?”... Acaba que ficou... “What I mean”, “what I mean”, e eles falam o <i>araminho</i> ... (Dany)

Leiofar	M: Como você não quer falar inglês, aí você acaba ... I: Traduzindo. M: ... Acaba fazendo aquele negócio, “tá “leiofando” (Marcos e Ísis)
Moura Veículos	Se o cara falar <i>Moura</i> veículos, eu tenho que falar <i>Moura</i> . Eu não posso corrigir, eu mesmo na minha cabeça sabendo que era <i>Motor</i> ... Na hora de você fazer a interpretação, eu não posso mudar, porque eu não posso mudar o que o cliente tá falando, né, o cliente da pessoa... Que vai, vai alterar o dado, então você tem que passar exatamente o que a pessoa falou, aí o juiz quer saber quem que é o <i>Moura</i> ... Não porque eu vou tá mudando o sentido, se ele falou <i>Moura</i> , ele que explique quem é o <i>Moura</i> , eu não posso, no caso de intérprete eu não posso adicionar nada que não foi entendido? ... Eu estaria mudando o registro que ele passou, se o juiz não entendeu ele tem que perguntar e o outro tem que responder o que é o <i>Moura</i> , e foi o que ele fez. Quem que é o <i>Moura</i> , quem que é o <i>Moura</i> , aí ele falou Moura, aí ele falou <i>Moura</i> , <i>Moura</i> é o lugar que você tira a carteira, <i>Moura</i> veículos, até explicar né... (Dany)
Parquear (parkear)	Ou traduz ou a pessoa observa e ouve. <i>Parquear</i> é... (Ísis) Talvez pra explicar um pouquinho porque que a gente fala essas palavras em inglês e mistura com o português, tipo <i>parquear</i> ; e tem muitas palavras que a gente não consegue lembrar, rápido, entendeu? E muito isso no interior também. Às vezes, não sai à palavra, aí é mais fácil você ver em inglês primeiro. (Marcos)
RMV	<i>RMV</i> , né? No registro. No DETRAN daqui né... (Dany)
Schedule	<i>Schedule</i> também é uma coisa que não é uma palavra fácil lá no Brasil de falar não... O <i>schedule</i> é para um monte... Igual, a pessoa trabalha, tem o <i>schedule</i> de casa. Aí, como é que você vai explicar que a pessoa tem um <i>schedule</i> de casa? Ela tem uma... Que ela tem um conjunto de casa, um tanto de casa... É meio esquisito, né?... Porque eles não falam, lá tem uma empresa de casa, que limpa casa. Não, eles usam, ela tem um <i>schedule</i> de casa. Aí seria o dono... (Cristina)

Serapá	(serapiar)... Pôr dois pratos, os garfos, a colher de sopa, a taça de vinho, a taça de água. Serapá pa dina Mas num era serapá pa Dina. Era <i>fazer o set up pro dinner</i> . Preparar a mesa, porque a mesa... (Luís Carlos)
Spot	Você não vai falar <i>no espaço errado</i> . Você vai falar no <i>spot</i> . <i>Spot</i> é espaço para eles aqui. (Horácio)
Tape gun	Sabe uma coisa que, quando eu cheguei nessa companhia, foi logo no finalzinho dos 80; e o cara me perguntou como se falava... Sabe o que é <i>tape gun</i> ? <i>Tape gun</i> ? <i>Tape gun</i> . Que roda e fecha a caixa. Não, que você põe... Como se fala <i>tape</i> em português? <i>Fita</i> ? <i>Fita adesiva</i> . (Entrevistadora) <i>Fita adesiva</i> . (Marcos) <i>Durex</i> . (Ísis) Você põe a fita adesiva naquela maquininha, que você passa assim... (Marcos) Aquilo é um <i>tape gun</i> .
Toar	Não existe essa palavra, rebocado. Aqui, é <i>toado</i> . Não é <i>estacionado</i> , é <i>parqueado</i> . (Horácio)

Quadro 4: “Glossário” de acordo com os informantes

3.5 Análise quantitativa dos dados

3.5.1 Quantificação das respostas fornecidas no Questionário Sociolinguístico

O objetivo dessa coleta de informações é o de apresentar um panorama de como os imigrantes veem a mistura. Através do questionário, conseguimos atingir um número maior de informantes, já que muitos imigrantes não se sentem à vontade ou até mesmo seguros para darem entrevistas. Devido à falta de disponibilidade dos informantes, o questionário foi a forma mais acessível de abordá-los. É preciso, entretanto, ressaltar que respostas objetivas não fornecem possibilidades de indagações mais profundas. Assim, a partir da abordagem qualitativa que apresentamos anteriormente, tivemos a

oportunidade de conhecer melhor o universo que nos propusemos a investigar, ainda que a partir de um número menor de falantes.

Evitamos solicitar informações de cunho pessoal devido ao *status* migratório dos informantes, pois muito são indocumentados. Vale ressaltar também que, como mostra o gráfico abaixo, houve uma participação maior de informantes do sexo masculino. Isso se deu, em grande parte, à disponibilidade de horários que eles tinham.

3.5.1.1 Gênero.

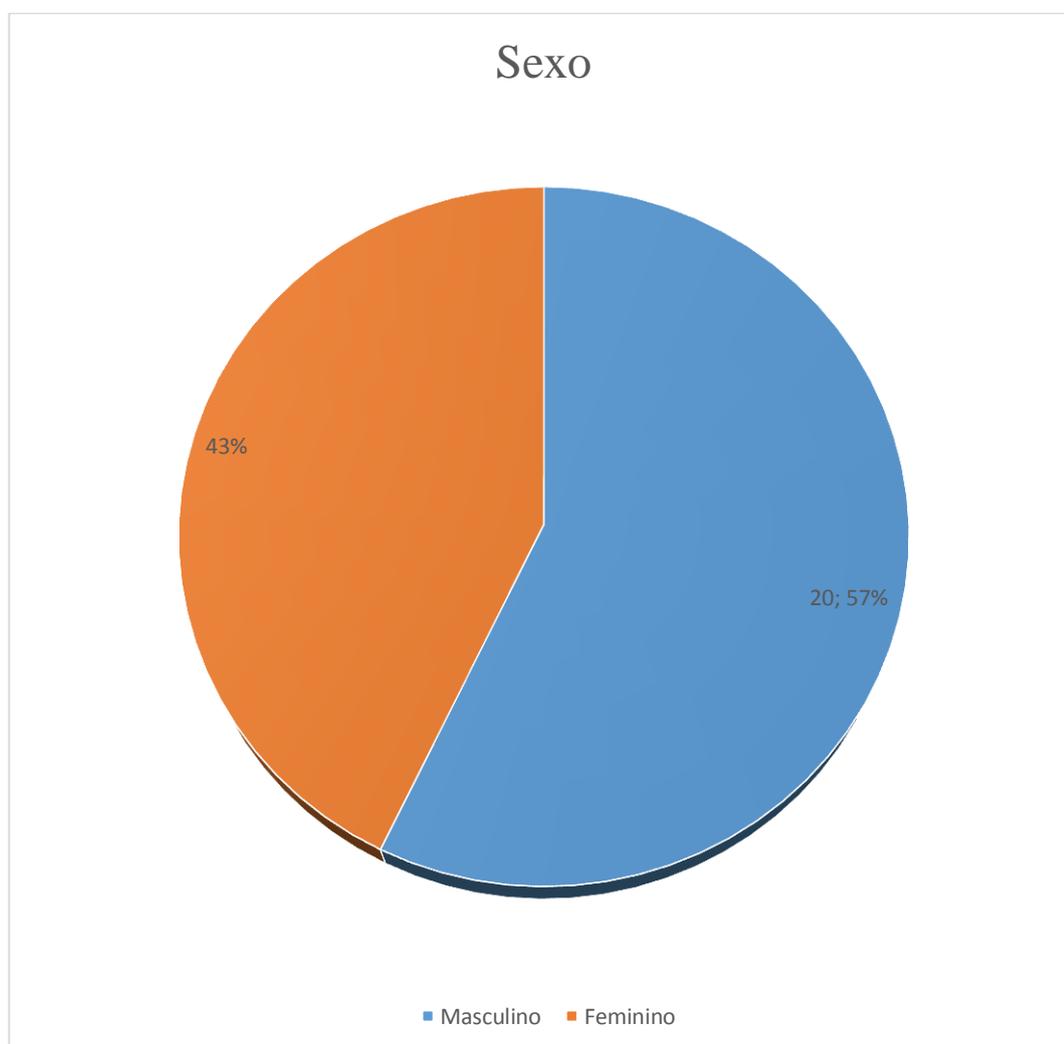


Gráfico 4: Gênero dos respondentes do questionário sociolinguístico

3.5.1.2 Opinião sobre a mistura

Na resposta a essa pergunta, obtivemos percentagens com valores muito próximos entre as respostas: “boa” e “nem boa nem ruim” sobre as misturas (36 e 39%, respectivamente). Em relação às respostas: “ruim” e “não tenho opinião sobre o assunto”, os números também foram aproximados (11 e 14%). Podemos concluir que, de acordo com os respondentes, de modo geral, não há sentimento de rejeição sobre a mistura.

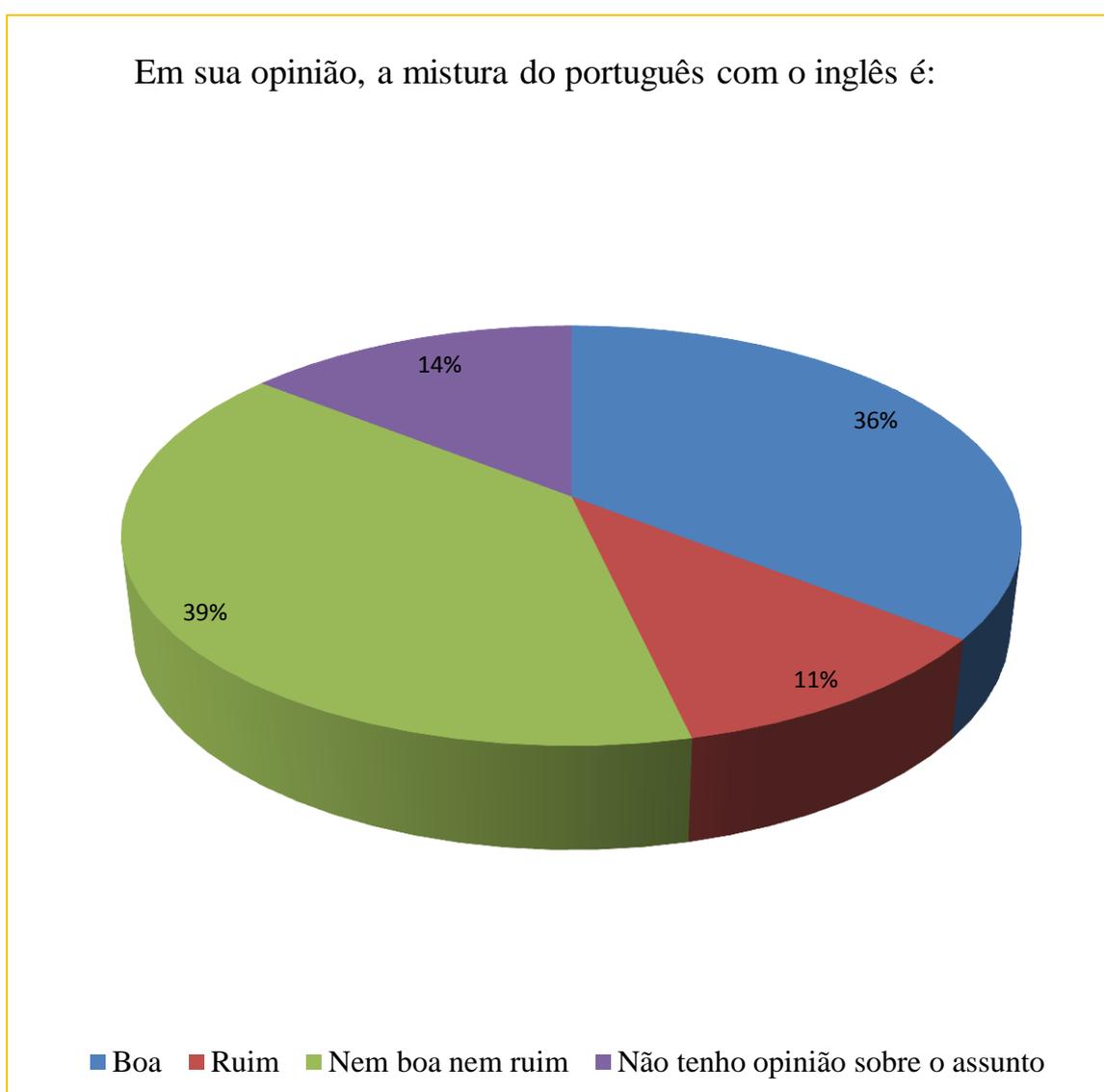


Gráfico 5: Opinião sobre a mistura

3.5.1.3 Locais onde mais ocorre a mistura

De acordo com o gráfico abaixo, é no local de trabalho onde mais se produz a mistura. Esse resultado mostra que, segundo os respondentes do questionário, a ocorrência da mistura está relacionada aos termos que eles usam no dia a dia, e é no ambiente de trabalho que a interação é maior (32%), seguida igualmente, dos locais onde se encontram com os amigos (20%) e em casa (20%). O uso da mistura na escola também é considerável (8%). A opção “entre amigos”, não exclui a possibilidade de que aí estejam incluídas o contexto de trabalho.

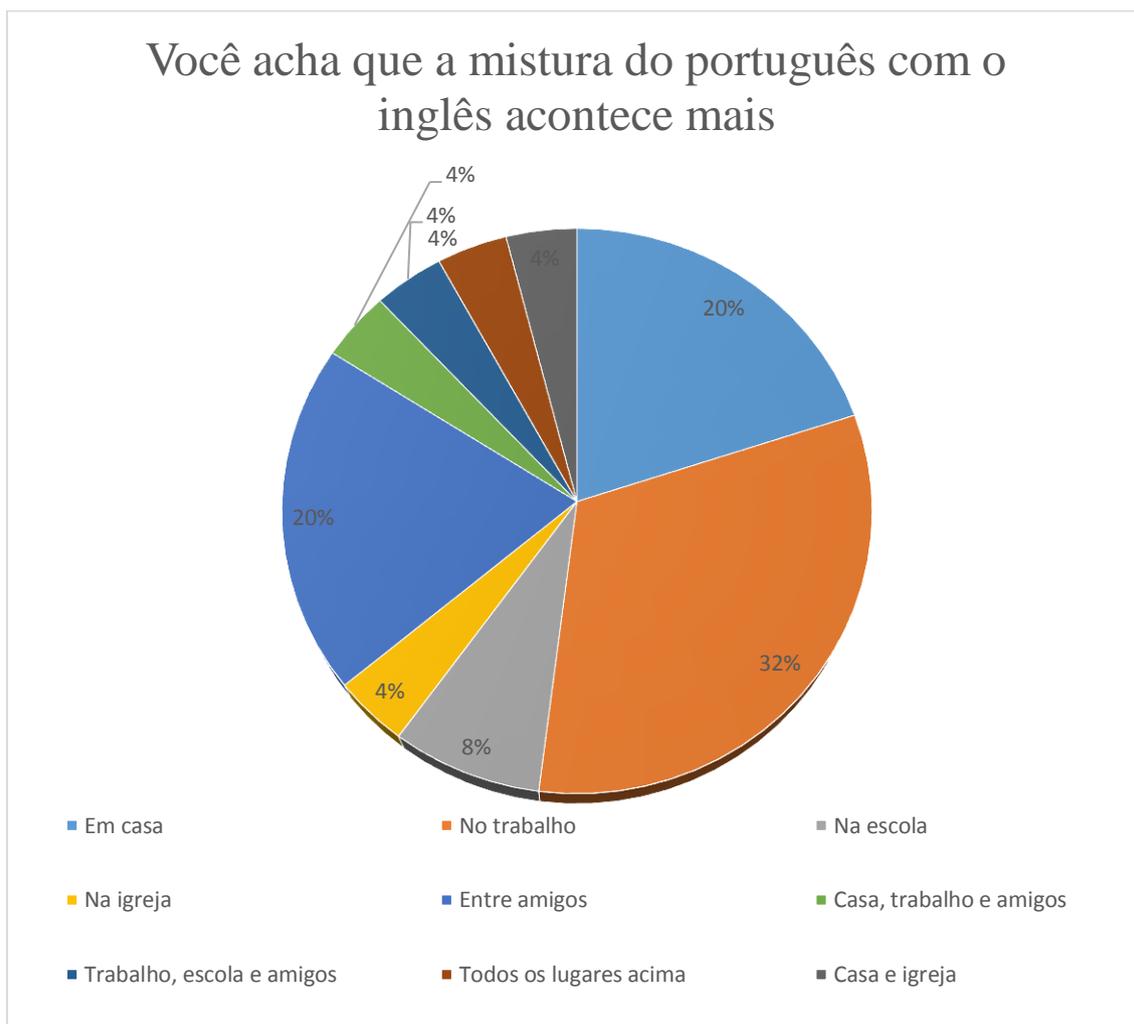


Gráfico 6: Locais onde ocorre a mistura de acordo com os respondentes do questionário sociolinguístico

Além disso, a questão da sobrevivência força esses imigrantes a ter um contato mais direto com a língua inglesa. Essa já era uma hipótese que havia sido estabelecida no trabalho de 2001, opinião compartilhada por Clémence Joüet-Pastré (2012, p. 9):

A pesquisa realizada por Maria Lúcia Espíndola é uma das primeiras que descreve sistematicamente o falar emigrês dos brasileiros residentes nos Estados Unidos. A pesquisa demonstra que o portinglês brazuca está intimamente ligado ao mundo do trabalho braçal, da falta de tempo, do cansaço e do dinheiro. Reveladores desse universo linguístico são os substantivos como “meu schedule”, “o vacuum”, “a bag”, “a disher”; adjetivos como estar busy; estar off, estar part-time e os verbos vecar – printar; serapiar; parquear – aplicar; layoffar – lay offando. Fica patente na pesquisa de Espíndola que muito do léxico

que ela coleta está relacionado ao trabalho doméstico, ou seja, um nicho ocupado predominantemente por mulheres.

O gráfico mostra que, para os respondentes do questionário, a produção de empréstimos lexicais e de misturas está relacionada ao mundo do trabalho, razão primordial que levou esses brasileiros a emigrarem para os Estados Unidos. Assim, é importante a compreensão das informações mais básicas como nomes dos produtos de limpeza, das ferramentas, dos materiais utilizados de um modo geral e do tipo de trabalho a ser oferecido ou pedido. Cria-se, assim, uma língua franca para servir a esses objetivos. Apesar desse pragmatismo, a língua não se limitou apenas a esse âmbito, mas extrapolou para outros domínios na comunidade imigrante (espaço social, de lazer etc.). Análises mais refinadas, entretanto, seriam necessárias para que se estabeleça um mapeamento dos locais onde a mistura é mais prolífica.

3.5.1.4 Percepção da família e dos amigos sobre a mistura no Brasil

As respostas a essa pergunta mostram que quase a metade dos informantes (44%) respondeu que ainda não voltaram ao Brasil e 39% declararam que a família não percebe a diferença. Os 17% que responderam sim à pergunta são os que estão legalmente no país, enquanto os restantes são indocumentados. Vale destacar que se trata de um tema sensível e do qual muitos evitam falar.

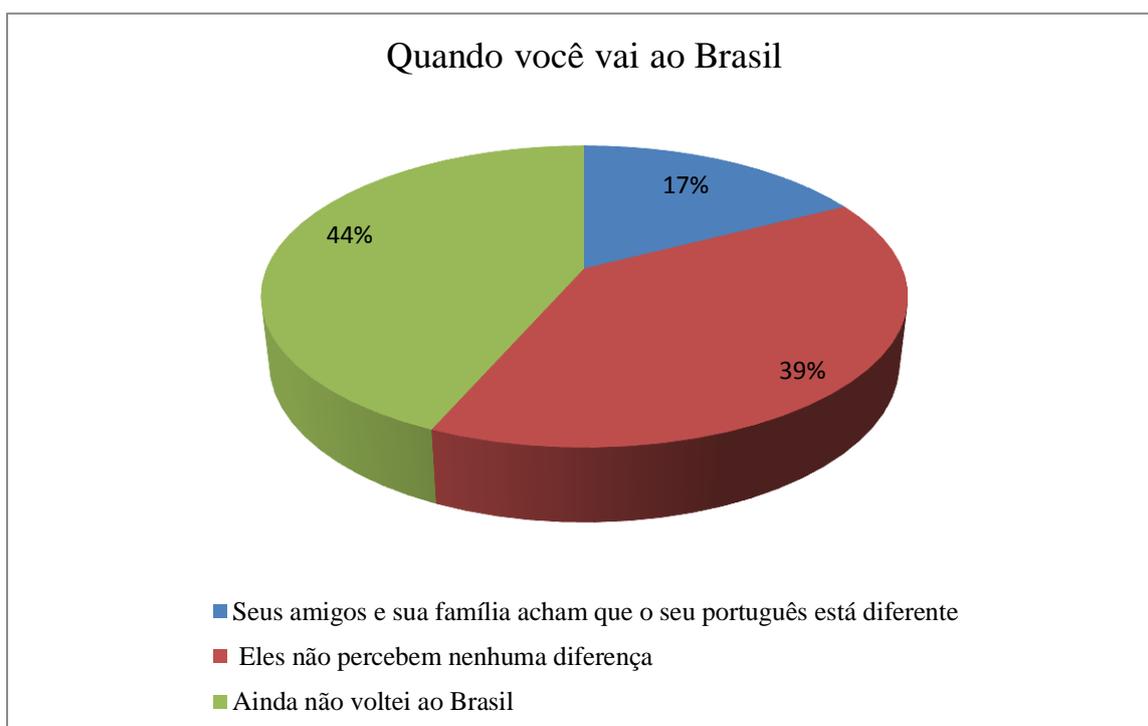


Gráfico 7: Percepção da família e dos amigos sobre a língua falada pelos imigrantes brasileiros de Framingham

3.5.1.5 A mistura em outras partes dos Estados Unidos

Essa pergunta foi feita com o intuito de verificar a percepção dos informantes sobre a expansão do fenômeno de mistura de línguas, fato que tem sido confirmado pela literatura⁵⁵ em áreas de grande concentração de imigrantes brasileiros. Apenas 2,7% responderam não saber.

⁵⁵ SALES, 1999: Massachusetts, FREITAS 2003: Connecticut, MEIHY, 2004: Nova Iorque (MOTA, 2007: Massachusetts, CORDEIRO, 2008: Flórida, MARCUS, 2009: Geórgia).

3.5.1.6 Influência da televisão brasileira na manutenção da língua portuguesa

A presença de canais de televisão brasileiros é bastante significativa nas áreas de maior concentração de imigrantes. Apesar das críticas sobre o prejuízo que causariam ao aprendizado do inglês. De acordo com a maioria dos respondentes (52%), a televisão tem um papel importante na manutenção da língua portuguesa.

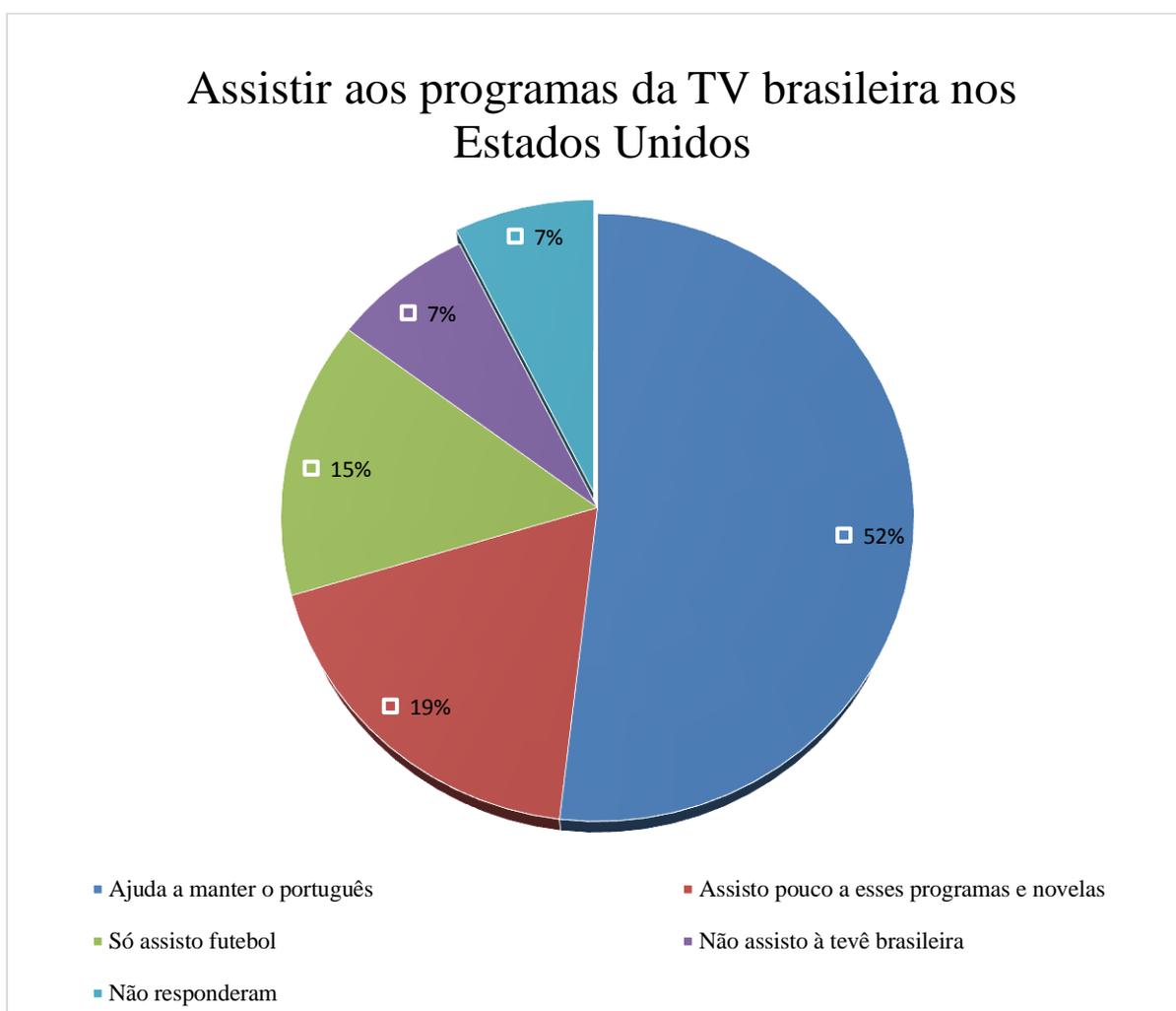


Gráfico 8: Influência da televisão brasileira na manutenção da língua portuguesa

3.5.2 Análise quantitativa das produções linguísticas: ocorrências e coocorrências

3.5.2.1 O *AntConc*

Utilizamos a ferramenta “concordance” do software AntConc 3.4.1 para verificação das ocorrências e das coocorrências encontradas nas entrevistas. Buscamos, com esse procedimento, obter um refinamento dos resultados.

O software AntConc 3.4.1. (2014) foi criado por Laurence Anthony da Universidade de Waseda (Japão) como uma ferramenta de busca e cálculo estatístico de ocorrências de palavras em um *corpus* ou texto escrito (Os textos foram convertidos para o formato “.txt.”). É um programa gratuito, que pode ser encontrado no *site* <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>.

O AntConc 3.4.1 contém sete ferramentas que podem ser acessadas clicando em seus 'guias' na janela da ferramenta, ou usando as teclas de função F1 a F7.

- **Ferramenta de concordância** (*Concordance Tool*):

Esta ferramenta apresenta os resultados da pesquisa no formato 'KWIC' (palavra-chave em Contexto) permitindo a visualização das palavras e frases normalmente utilizadas em um *corpus*.

- **Ferramenta de plotagem de concordância** (*Concordance Plot Tool*):

Esta ferramenta apresenta os resultados da pesquisa desenhados no formato de "código de barras", o que permite visualizar a posição em que os resultados da pesquisa aparecem nos textos-alvo.

- **Ferramenta de visualização de arquivos** (*File View Tool*):

Esta ferramenta mostra o texto de arquivos individuais permitindo uma investigação mais detalhada dos resultados gerados em outras ferramentas *AntConc*.

- **Ferramenta Clusters/N-Grams**

A ferramenta *Clusters* mostra agrupamentos de palavras com base no critério de pesquisa, resumindo os resultados gerados nas ferramentas de concordância ou de plotagem de concordância. A ferramenta *N-Grams*, por outro lado, verifica todo o *corpus* para *clusters* de comprimento 'N' (por exemplo, uma palavra, duas palavras,...), possibilitando se encontrar expressões comuns em um *corpus*.

- **Colocações (*Collocates*):**

Esta ferramenta mostra as colocações de um termo de pesquisa, permitindo a investigação de padrões não sequenciais na linguagem.

- **Lista de palavras (*Word List*):**

Esta ferramenta conta todas as palavras do *corpus*, apresentando-as em uma lista ordenada. Isso permite que se encontrem rapidamente as palavras mais frequentes em um *corpus*.

- **Lista de palavras-chave (*Keyword List*):**

Esta ferramenta mostra as palavras que são extraordinariamente frequentes (ou pouco frequentes) no *corpus* em comparação com as palavras de um *corpus* de referência. Isso permite a identificação das palavras características no *corpus*.

As ocorrências e coocorrências no *corpus* da pesquisa foram anotadas quantitativamente considerando:

- As categorias decorrentes das representações sobre os falantes e sobre as misturas que produzem.
- As palavras ou expressões resultantes da mistura.
- O comportamento do vocábulo mistura.

O objetivo de tais análises é o de confirmar, ou não, as hipóteses propostas nesse trabalho, quais sejam:

- Se os discursos dos imigrantes brasileiros de Framingham revelam representações estigmatizantes e/ou estereotipadas sobre as misturas linguísticas.
- Quais são os fatores extralinguísticos que interferem nessas representações.
- Verificar se existe nessas representações uma dicotomia entre *certo* vs. *errado* fazendo referência padrão de norma culta e pureza da língua de uma gramática prescritiva.

Palavras-chave (tabela abaixo) relacionadas com as questões acima (fatores linguísticos e sociolinguísticos) foram salvas em arquivos do tipo *txt*. e inseridas no local de preferência da ferramenta *lista de palavras*. Fragmentos de palavras foram inseridos isoladamente, seguidas de asterisco (*mist** e *aprend**, por exemplo). O passo seguinte foi pesquisar as ocorrências e coocorrências através do *concordance*.

3.5.2.2 As Categorias

Através da utilização do recurso “*word list*” (frequência crescente de ocorrência de palavras) foi possível verificar quantitativamente a frequência de palavras que categorizam os sujeitos e sua relação com as misturas de línguas. As ocorrências dos vocábulos *errado*, *certo*, *roça*, *Valadares*, e *mineiro*, por exemplo, foram significativas para a verificação de nossas hipóteses sobre representações.

3.5.2.3 As Ocorrências

#Word Types (frequência de tipos de palavras): 10

#Word Tokens (frequência de ocorrência de palavras): 255

#Search Hits: 0

1	83	mistura
2	48	errado
3	36	roça
4	29	Valadares
5	21	minas

6	19	certo
7	12	mineiro
8	4	feio
9	2	roceiro
10	1	pobre

As ocorrências dos itens lexicais descritos abaixo também foram encontradas através da utilização do recurso “Word list” (lista de palavras), com o objetivo de detectarmos os vocábulos ou expressões mais recorrentes no discurso dos nossos entrevistados. Assim, foi possível mensurar essas ocorrências no momento das entrevistas, em que ambos, entrevistador e entrevistado, estão inseridos em um contexto com certo grau de formalidade e tensão. Esse grau varia, de acordo com o decorrer do evento, quando procuramos modular essa tensão através de comentários corriqueiros ou de uma postura mais descontraída criando um clima mais favorável à entrevista.

Em 35 itens listados, com frequência de ocorrência de 121, o verbo *parquear* (estacionar) foi o vocábulo mais frequente. Tanto esse item, quanto o que virá em segundo lugar em termos de frequência fazem parte da mesma categoria semântica numa relação hiperonímica com veículos (ou automóveis). Moura (Veículos), que é como os falantes da mistura se referem ao *Department of Motor Vehicles* (Departamento de trânsito), foi a segunda mais expressiva em termos de ocorrências. A carteira de motorista é um documento importante para o imigrante, pois não somente viabiliza a sua mobilidade em sua rotina diária em termos de deslocamento (por trabalharem em vários locais num mesmo dia) e chances de trabalho, como também é utilizada para identificação.

Bisado, que significa muito ocupado, apresenta também uma ocorrência alta, confirmando os dados da primeira pesquisa de 2001. Embora não tenhamos utilizado todo o *corpus* que reunimos para esse trabalho, a amostra é significativa. Podemos concluir também que mais de 50% dos itens lexicais apresentados abaixo estão relacionados ao mundo do trabalho: *bisado*, *apontamento*, *vacuum* (aspirador de pó), *aplicação* (inscrição, cadastro para trabalho), *serapá* ou *serapiar* (arrumar), *vequiar*

(passar o aspirador de pó), *bag* (saco do aspirador), *clorox* e *windex* (produtos de limpeza).

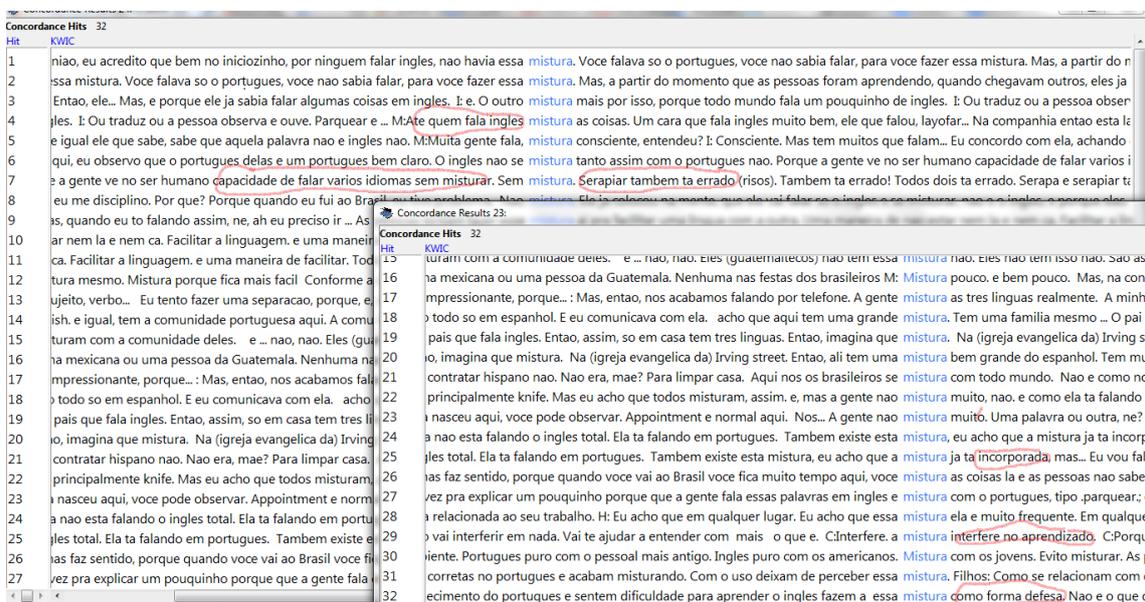
#Word Types: 35

#Word Tokens: 121

#Search Hits: 0

1	14	parquear
2	10	moura
3	9	bisado
4	8	apontamento
5	6	knife
6	6	vacuum
7	5	aplicacao
8	4	aplicar
9	4	serapa
10	4	serapiar
11	4	small
12	4	tapegun
13	4	vequiar
14	3	bag
15	3	vecar
16	3	vecou
17	2	appointment
18	2	bisi
19	2	clorox
20	2	dicantena
21	2	mouraveiculos

- **A MISTURA**



Houve uma ocorrência de 32 palavras relacionadas ao fragmento mist*. Esperávamos encontrar coocorrências significativas, principalmente através de adjetivos, que caracterizassem representações estigmatizantes e/ou estereotipadas relacionadas ao nome *mistura*, como *misturado*, *misturar* etc. Apenas uma coocorrência (*errado*) com tais características foi encontrada, ainda antecedida de uma forma da mistura, *serapiar*.

Utilizamos a palavra *mistura* em grande parte das perguntas da entrevista, dessa forma, os respondentes tiveram oportunidade o bastante para revelar se havia algum tipo de preconceito através de representações estigmatizantes ou estereotipadas.

Com relação aos questionários, a resposta a essa pergunta também nos surpreendeu, pois obtivemos percentagens muito próximas entre respostas positivas e negativas sobre as misturas (10,36%, 11% e 11,39, respectivamente). Vale ressaltar a declarada indiferença sobre o fenômeno, cuja percentagem atinge um valor considerável de 4,14%.

3.5.2.4 As Coocorrências

Para análise dos dados abaixo, partimos do conceito de “prosódia semântica” que Maria Cecília Lopes (2001, p. 751) interpreta como “o efeito de que se espalha” no discurso, quando um item lexical coocorre com outros antes ou depois dele, revelando ma associação semântica sistemática desses itens. Para Partington (apud LOPES)⁵⁶, a prosódia semântica é “a difusão de um colorido conotacional além das fronteiras de uma única palavra”, ou seja, “a conotação não se encontra em um item apenas, mas também em sua associação com outros encontrados ao seu redor (colocações)” (ibidem).

- **MINAS E O “MINEIRO”**

The image shows a screenshot of a concordance search interface. The main window displays a list of concordance hits for the word 'Minas'. The interface includes a menu bar with options like 'Concordance', 'Concordance Plot', 'File View', 'Clusters/N-Grams', 'Collocates', 'Word List', and 'Keyword List'. Below the menu, there is a table with columns for 'Hit' and 'KWIC'. The text in the table is partially visible, showing sentences where 'Minas' is used, such as 'Aqui em Framingham, as pessoas eram mais de Minas mesmo ... mais de Minas. 80% e de Minas. Os outros 20%, dos outros estados. A maior parte e de Valadares, Tarumirim ... Framingham, as pessoas eram mais de Minas mesmo ... mais de Minas. 80% e de Minas. Os outros 20%, dos outros estados. A maior parte e de Valadares, Tarumirim ... Foi a cidade pequena, né. São retraídos... voce vai pegar aqui muita gente de Minas aqui. E e um povo mais retraído. Claro que tem aqueles que conhecem, né? ... Porque existe aqui com visto, tem escolaridade melhor, né? ... Porque la de Minas, que predominou, veio mais ... muita gente da zona rural. Chegaram muitos analfabetos naquela e do Amapa, eu sou de Goias, ali de Sao Paulo, outro de Minas, outro do Rio. Entao o portugues nosso ele e um ... um melting pot. Ou seja, a pessoa nao vai falar a gente vai aprendendo tambem aqui. Sei la da onde em Minas. Eles falam cada coisa ... (Falam) sonseira. Serapear, breiquear... Surrar... Outro dia eu escutei surr...

Below the main window, there is a smaller window titled 'Concordance Results 9:' which shows a zoomed-in view of the concordance hits, highlighting the word 'Minas' in blue. The text in this window is: 's, entendeu? E esse pessoal era... Aqui em Framingham, as pessoas eram mais de Minas mes... al era... Aqui em Framingham, as pessoas eram mais de Minas mesmo ... mais de Minas. 80%... Framingham, as pessoas eram mais de Minas mesmo ... mais de Minas. 80% e de Minas. Os... vido tambem a ... a origem, ne. Sao retraídos... voce vai pegar aqui muita gente de Minas aqui... mbem. A maior parte vem com visto, tem escolaridade melhor, né? ... Porque la de Minas, que... rtugues. Do Brasil ... eu sou de Goias, ali de Sao Paulo, outro de Minas, outr... m outro vocabulario que a gente vai aprendendo tambem aqui. Sei la da onde em Minas. Eles...

⁵⁶ Idem.

Concordance Hits		File
Hit	KWIC	
1	ele fez alguma coisa, ah porque ele e mineiro entende, ah ele fez, ah, porque e, so	corpus 1 sem formatação.txt 0 1
2	, porque e, so podia ser mesmo, ele e mineiro mesmo.. Entao existe isso, as pessoas de o	corpus 1 sem formatação.txt 0 2
3	cidadao americano ja ha muito tempo. Ele e mineiro , la de ... la da roca, quando ele veio	corpus 1 sem formatação.txt 0 3
4	, quando eu cheguei do Sul ... eu casei com mineiro . Entao, esta ai a explicacao. (Risos) Ent	corpus 1 sem formatação.txt 0 4
5	ai a explicacao. (Risos) Entao, eu conheco muito mineiro . C!Mas, eu tenho o meu costume de	corpus 1 sem formatação.txt 0 5
6	eles vao com o cintao, o sapatao, chapau. Mineiro e gente boa. Nao e briguento. O pessoal	corpus 1 sem formatação.txt 0 6
7), Um pouquinho. Um bocado ... Um .bocadin. do mineiro . Como diz o mineiro, tuquantua (tudo quan	corpus 1 sem formatação.txt 0 7
8	bocado ... Um .bocadin. do mineiro. Como diz o mineiro , tuquantua (tudo quanto ha), e um outro vo	corpus 1 sem formatação.txt 0 8

Tomamos como exemplo o adjetivo *mineiro*, que faz parte das categorias recorrentes nas representações expressas sobre a mistura. Através da ferramenta *concordance*, foi possível localizar esse vocábulo e suas coocorrências que revelam um padrão lexical. O adjetivo foi associado nos discursos a “bocadin” (bocadinho), “tuquantuá” (tudo quanto há), “cintão”, “sapatão” (aparência), “da roça” (local de origem) e “gente boa” (caráter). Tais categorias contribuem para sedimentar representações estereotipadas (negativas ou positivas) sobre o mineiro, não apenas como indivíduo, mas também como grupo.

- VALADARES

The screenshot shows the AntConc interface with the 'Concordance Hits' window open. The search term is 'VALADARES'. The results list 12 hits. The first hit is highlighted, showing a snippet of text: 'Minas mesmo ... mais de Minas. 80% e de Minas. Os outros 20%, dos outros estados. A maior parte e de Valadares, Tarumirim ... Foi a cidade pequena que mais n... gente ... chama Tarumirim. Pelo tamanho da cidade, e gente demais da conta. E a outra e Governador Valadares. Governador Valadares e a campea. Tarumirim ... Pelo tamanho da cidade, e gente demais da conta. E a outra e Governador Valadares. Governador Valadares e a campea. Tarumirim... e uma cidade pequen uena e que vem muita gente. Mas e assim, gente, que vem acontecendo. Nos viemos um pouquinho de Valadares, daqui a pouco Goiania tomou conta, dai a pou gente sao pessoas que estavam em Belo Horizonte, mas, que conhecem alguem ou que tem familia ... em Valadares ou Ipatinga, ou Tarumirim... E existe aquele prc ... sao pessoas que nao tem muita formacao escolar, pessoas que saíram la da roca, saíram do interior de Valadares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inhapim, ... tem muita formacao escolar, pessoas que saíram la da roca, saíram do interior de Valadares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inhapim, de Caratinga. Sao pes gracado, nao devia, porque o tanto de gente que tem aqui e que manda dinheiro para aquele lugar, igual Valadares. Porque Valadares ja esta assim agora. Entao, c porque o tanto de gente que tem aqui e que manda dinheiro para aquele lugar, igual Valadares. Porque Valadares ja esta assim agora. Entao, daqui a pouco Taru estou falando, sao girias deles, da terra deles, entende? Entao, cada um vem com um ... Acho que ela e de Valadares ou de Ipatinga. Ela e de Valadares sim, porque erra deles, entende? Entao, cada um vem com um ... Acho que ela e de Valadares ou de Ipatinga. Ela e de Valadares sim, porque ela e da mesma cidade da ... Meu

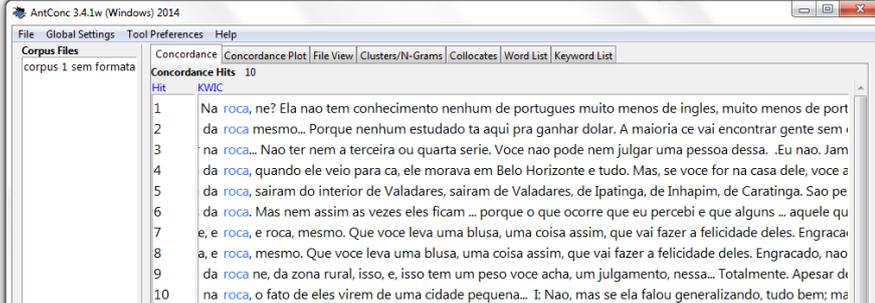
- TARUMIRIM

The screenshot shows the AntConc interface with the 'Concordance Hits' window open. The search term is 'TARUMIRIM'. The results list 7 hits. The first hit is highlighted, showing a snippet of text: 'mo ... mais de Minas. 80% e de Minas. Os outros 20%, dos outros estados. A maior parte e de Valadares, Tarumirim ... Foi a cidade pequena que mais mandou ger ados. A maior parte e de Valadares, Tarumirim ... Foi a cidade pequena que mais mandou gente ... chama Tarumirim. Pelo tamanho da cidade, e gente demais da o a cidade, e gente demais da conta. E a outra e Governador Valadares. Governador Valadares e a campea. Tarumirim... e uma cidade pequena e que vem muita gen oiania tomou conta, dai a pouco chegou... Ah, e, sao todas as cidades em voltas ne, eu conheco gente de Tarumirim, gente de Ipatinga ... Mas, ai, eu acredito que s ivam em Belo Horizonte, mas, que conhecem alguem ou que tem familia ... em Valadares ou Ipatinga, ou Tarumirim... E existe aquele prototipo: Ah ele fez alguma dinheiro para aquele lugar, igual Valadares. Porque Valadares ja esta assim agora. Entao, daqui a pouco Tarumirim vai ficar assim. Igual Ipatinga. Nao, eu acho q bater na pia ... Mas, ele tinha ariado a pia. Ela e la daquelas bandas ai, deve ser de Valadares. Nao e de Tarumirim nao. O bobo... ah bobo... Voce da risada. Voce pensa ate que e... e ...quase

Também não se confirmou a hipótese sobre representações estigmatizantes relacionadas aos locais de origem *Valadares* e *Tarumirim*. Apesar de nossas suspeitas através das observações de campo e das respostas dos respondentes, apenas um deles mencionou as palavras *interior de Valadares*, *Valadares*, *roça* e *formação escolar*. Portanto, não podemos afirmar que as localizações geográficas *Valadares* possam ser um fator que interfira na produção de representações sobre a mistura. Um *corpus* maior e mais representativo talvez traga uma resposta diferente.

- A “ROÇA”

1 e tem aqueles que conhecem, ne? ... Porque existe aquela pessoa, ne? ... que foi criada no sitio, ne. Na roça, ne? Ela nao tem conhecimento nenhum de portugues muito menos de in
2 gles errado mesmo. Do interior porque a maioria das pessoas que ta aqui e beeeem do interior! Bem da roça mesmo... Porque nenhum estudado ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce
3 ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem estudo mesmo. E a questao de morar na roça... Nao ter nem a terceira ou quarta serie. Voce nao pode nem julgar uma p
4 so... Ele esta aqui ha muitos anos, ele e cidadao americano ja ha muito tempo. Ele e mineiro, la de ... la da roça, quando ele veio para ca, ele morava em Belo Horizonte e tudo. Mas, se v
5 que nao tem muito estudo, sao pessoas que nao tem muita formacao escolar, pessoas que saíram la da roça, saíram do interior de Valadares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inh
6 ares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inhapim, de Caratinga. Sao pessoas do interior, sao pessoas da roça. Mas nem assim as vezes eles ficam ... porque o que ocorre que eu percebi
7 que ce ta tendo contato. Mas nao no dia a dia. Nem la... Eles sao muito pobres, e gente muito humilde, e roça, e roça, mesmo. Que voce leva uma blusa, uma coisa assim, que vai fazer
8 ta tendo contato. Mas nao no dia a dia. Nem la... Eles sao muito pobres, e gente muito humilde, e roça, e roça, mesmo. Que voce leva uma blusa, uma coisa assim, que vai fazer a felicid
9 uco Tarumirim vai ficar assim. Igual Ipatinga. Nao, eu acho que e geral. Ah, o fato das pessoas virem da roça ne, da zona rural, isso, e, isso tem um peso voce acha, um julgamento, ne
10 o tem um peso voce acha, um julgamento, nessa... Totalmente. Apesar de muitos nao estarem mais ali na roça, o fato de eles virem de uma cidade pequena... I: Nao, mas se ela falou ge



Hit	KWIC
1	Na roça, ne? Ela nao tem conhecimento nenhum de portugues muito menos de ingles, muito menos de port
2	da roça mesmo... Porque nenhum estudado ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem
3	na roça... Nao ter nem a terceira ou quarta serie. Voce nao pode nem julgar uma pessoa dessa. .Eu nao. Jam
4	da roça, quando ele veio para ca, ele morava em Belo Horizonte e tudo. Mas, se voce for na casa dele, voce a
5	da roça, saíram do interior de Valadares, saíram de Valadares, de Ipatinga, de Inhapim, de Caratinga. Sao pe
6	da roça. Mas nem assim as vezes eles ficam ... porque o que ocorre que eu percebi e que alguns ... aquele qu
7	e, e roça, e roça, mesmo. Que voce leva uma blusa, uma coisa assim, que vai fazer a felicidade deles. Engraca
8	a, e roça, mesmo. Que voce leva uma blusa, uma coisa assim, que vai fazer a felicidade deles. Engracado, nao
9	da roça ne, da zona rural, isso, e, isso tem um peso voce acha, um julgamento, nessa... Totalmente. Apesar di
10	na roça, o fato de eles virem de uma cidade pequena... I: Nao, mas se ela falou generalizando, tudo bem; ma

O item lexical “roça” é associado aqui à lugar de pobreza, à origem geográfica de pessoas com baixo nível educacional e aos mineiros (de Inhapim, de Caratinga ou do “interior” de Valadares). Tais categorias também contribuem para a estigmatização, não apenas do imigrante como indivíduo ou grupo, mas também do tipo de mistura linguística que ele produz. Utilizando os conceitos do exemplo anterior, consideramos haver nesse conjunto coocorrências unidas pelas associações feitas tanto por itens que antecedem, quanto pelos que sucedem a palavra *roça*, o que esquematizamos no Quadro 5.

Podemos observar, no quadro seguinte que esquematiza as associações semânticas produzidas, que as conotações negativas que categorizam a palavra são reforçadas pelos vocábulos “mesmo” (pronome demonstrativo de reforço), “não” (advérbio de negação), “bem” (advérbio de intensidade), “nenhum” (pronome indefinido), “sem” (advérbio de condição), “incompleto” (adjetivo), “mas” e “apesar” (conjunções).

bem	roça	mesmo
sítio	roça	não “conhecem” o português
bem	roça	(mesmo)
Nenhum “estudado” estaria naquela situação de imigração		
Gente sem estudo mesmo	roça	nem
mineiro	roça	Belo Horizonte
Pouca escolar formação	roça	Interior de Valadares
Inhapim, Caratinga, interior	roça	Mas, nem assim, eles...
pobre, gente muito humilde	roça	Roça mesmo
Generalização, origem das pessoas	roça	Zona rural (tem um peso)
Apesar de muitos não viverem mais na	roça	Vêm de cidade pequena

Quadro 5: A "roça"

- **NÍVEL EDUCACIONAL**

Concordance Results 4: [window title]

Concordance Hits 8

Hit	KWIC
1	porque a maioria das pessoas que ta aqui e beeeem do interior! Bem da roca mesmo... Porque nenhum estudado ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem estudo m
2	roca mesmo... Porque nenhum estudado ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem estudo mesmo. E a questao de morar na roca... Nao ter nem a terceira ou quarta se
3	as, eu acho que 90% dos brasileiros que estao aqui e igual eu, nao tem muita formacao escolar, nao teve estudo , nao teve muitas oportuñidades no Brasil e tiveram que vir para ca. Se voc
4	s ai, voce vai ver que 90%, 95% dos brasileiros que estao aqui sao peao, sao pessoas que nao tem muito estudo , sao pessoas que nao tem muita formacao escolar, pessoas que saíram la d
5	pegar. Eu acho que vai muito por raciocinio. Da minha experiencia, eu acho assim, uma pessoa que nao estudou nada de ingles, nao tem nocao de nada, e aprendeu ouvindo, ela vai achar
6	rendeu ouvindo, ela vai achar, realmente, que essa palavra, ela e em ingles. Eu tenho. Mas a pessoa que estudou , quando ele fala, ele sabe que ta falando errado. (Nível de escolaridade) A
7	mundo, nao. M: e. Pode pensar que e ingles mesmo. I: Que chegou e continuou, e nao quis saber de estudar nada alem do basico; o que ele ouvir ele vai achar que ta falando ingles. De
8	aguncado. C: Ai, vai mudando um pouco o conceito. Porque as meninas que eu trabalho la e, quando eu estudei tambem, tinha muito hispano. Mas, eu trabalhei com um americano que el

AntConc 3.4.1w (Windows) 2014

File Global Settings Tool Preferences Help

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List

Corpus Files

corpus 1 sem formata

Concordance Hits 8

Hit	KWIC
1	...eem do interior! Bem da roca mesmo... Porque nenhum estudado ta aqui pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem estudo mesmo. E a questao de i
2	...i pra ganhar dolar. A maioria ce vai encontrar gente sem estudo mesmo. E a questao de morar na roca... Nao ter nem a terceira ou quarta serie. Voce nao pode ne
3	...qui e igual eu, nao tem muita formacao escolar, nao teve estudo , nao teve muitas oportunidades no Brasil e tiveram que vir para ca. Se voce olhar vem, nas suas
4	...que estao aqui sao peao, sao pessoas que nao tem muito estudo , sao pessoas que nao tem muita formacao escolar, pessoas que saíram la da roca, saíram do inter
5	...a minha experiencia, eu acho assim, uma pessoa que nao estudou nada de ingles, nao tem nocao de nada, e aprendeu ouvindo, ela vai achar, realmente, que essa p
6	...ssa palavra, ela e em ingles. Eu tenho. Mas a pessoa que estudou , quando ele fala, ele sabe que ta falando errado. (Nível de escolaridade) Acaba tendo um pouc
7	...o mesmo. I: Que chegou e continuou, e nao quis saber de estudar nada alem do basico; o que ele ouvir ele vai achar que ta falando ingles. De nao falar. Nao falar.
8	...eito. Porque as meninas que eu trabalho la e, quando eu estudei tambem, tinha muito hispano. Mas, eu trabalhei com um americano que ele nao gostava de cont

Search Term Words Case Regex Advanced Search Window Size 125

Start Stop Sort

Kwic Sort Level 1 1R Level 2 2R Level 3 3R

Total No. 1

Files Processed

Clone Results

As ocorrências relacionadas a estudo (escolaridade), mostradas na tabela acima, fazem referência a local de origem (roça), nível socioeconômico e capacidade em discernir se está falando “certo” ou não.

• A IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO: VERBO APRENDER

AntConc 3.4.1w (Windows) 2014

File Global Settings Tool Preferences Help

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List

Corpus Files

corpus 1 sem formata

Concordance Hits 15

Hit	KWIC
11	...e aprendiam primeiro o espanhol. O italiano, nem se fala. Que ele educa o filho dele primeiro no idioma de
12	...e aprende a falar ingles, voce e parte dos Estados Unidos. S: Nao. Os vizinho aqui sao pessoas, na America
13	...e aprender . Tem que ter o tempo. Com o tempo... Porque voce ja... Para voce que esta aqui ha muito temp
14	...o aprender o correto. So por isso. S: Muito pouco. S: Nao. Os vizinho aqui sao pessoas, na America, eles s
15	...o aprendendo tambem aqui. Sei la da onde em Minas. Eles falam cada coisa... (Falam) senreira. Serapear,
16	...o aprendendo ingles so das coisas que e necessario para ela, que e winde, clorox... Entende? So do que est
17	...o aprendendo porque para ela aquilo ali e o que ela vai usar no servico dela. Entao, varia da sua profissao.
18	...o aprender coisa que esta relacionada ao seu trabalho. H: Eu acho que em qualquer lugar. Eu acho que ess
19	...o aprendizado . C: Porque as pessoas acabam... e mais voce educando o seu ouvido para voce aprender. E, e
20	...o aprender . E, aqui, voce desvia um pouco a sua atencao, porque se voce aprende a falar a palavra errada, p
21	...o aprende a falar a palavra errada, para voce reeducar... Ou voce aprende certo. Quando voce aprende erra
22	...o aprende certo. Quando voce aprende errado, ate voce se reeducar a falar certo, demora um pouco, enten
23	...o aprende errado, ate voce se reeducar a falar certo, demora um pouco, entende o que eu estou querendo
24	...o aprendia frases novas que eu nao sabia de onde vinha. Expressoes novas, de onde vem esse negocio ai?
25	...o aprendessem por imitacao. e como usar linguagens diferentes de acordo com o ambiente. Portugues pui
26	...o aprendizagem do portugues. Geralmente usam palavras que nao conhecem a traduca na frase em ingle
27	...o aprenderam outra lingua depois de adulta. ha a dificuldade de expressao. e o que procuro fazer, controlar
28	...o aprender o ingles fazem a essa mistura como forma defesa. Nao e o que querem, mas e o que sabem. O

Search Term Words Case Regex Advanced Search Window Size 125

Start Stop Sort

Kwic Sort Level 1 1R Level 2 2R Level 3 3R

Total No. 1

Files Processed

Clone Results

A importância do aprendizado da língua inglesa ou do português está relacionada às normas de correção. As ocorrências de “falar certo”, “falar correto”, “educar o ouvido”, “se reeducar” são algumas das maneiras de manifestar a insatisfação com a própria língua. Lembremos, por exemplo, que um dos informantes atribui o fato de não aprender o espanhol a sua origem geográfica e social, por falar a “língua da roça, o roçariano”.

- **ESTIGMA E PRESTÍGIO**

Errado

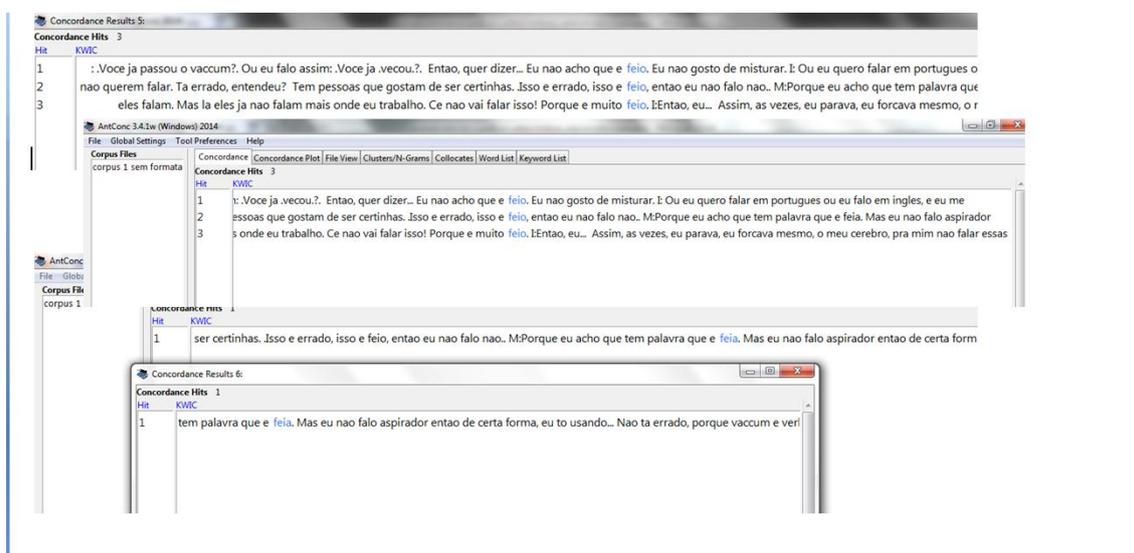
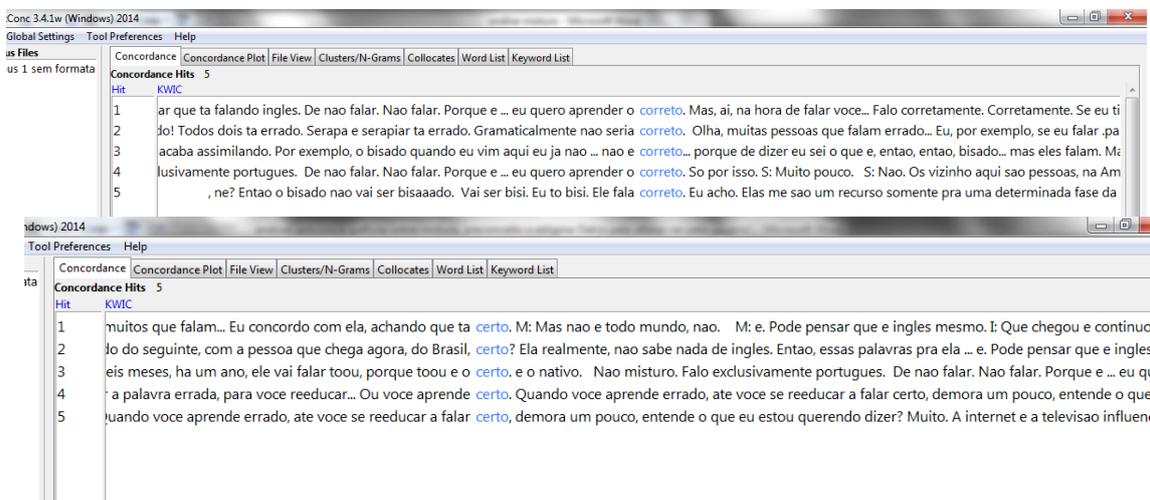
The screenshot shows the AntConc 3.4.1w (Windows) 2014 interface. The main window displays concordance results for the word "errado" in a corpus named "corpus 1 sem formata". The results are listed in a table with columns for Hit and KWIC. The text is as follows:

Hit	KWIC
1	Olha, voce vai parquear seu carro... A pessoa ja aprendia errado porque o outro sabia que estacionar era park. Entao, ele... Mas, e porque ele ja sabia falar algumas
2	voce ja tracou o perfil dela. Tambem, mas do portugues errado mesmo. Do interior porque a maioria das pessoas que ta aqui e beeeem do interior! Bem da roca
3	oa que estudou, quando ele fala, ele sabe que ta falando errado. (Nivel de escolaridade) Acaba tendo um pouco. Acaba tendo sim um pouco e, depois, vai acabar
4	idiomas sem misturar. Sem mistura. Serapiar tambem ta errado (risos). Tambem ta errado! Todos dois ta errado. Serapa e serapiar ta errado. Gramaticalmente na

Below the table, there is a section for "Concordance Results 11:" and "Concordance Hits 18" with a KWIC view of the text. The text is partially obscured but matches the KWIC column in the table above.

This screenshot is identical to the one above, showing the same concordance results for the word "errado" in the same corpus. It displays the same table of hits and KWIC snippets, as well as the concordance results section below.

Correto e certo



A apresentação do número de ocorrências dos vocábulos *errado*, *feio*, *certo* e *correto* tem como objetivo demonstrar se há ou não representações estigmatizantes sobre as misturas. Foram 17 ocorrências da palavra *errado* somadas às dez ocorrências dos vocábulos *certo* e *correto* e quatro de *feio*. *Errado* obteve o segundo maior número de ocorrências, depois de *mistura* (32), num total de 117 ocorrências. Podemos inferir que através dessas representações, os falantes de nossa pesquisa estão se referindo ao padrão linguístico da norma culta e ao conceito de língua pura, confirmando nossas hipóteses.

CONCLUSÃO

As representações sobre as misturas de línguas faladas pelos imigrantes de Framingham foram discutidas neste trabalho sob a perspectiva da sociolinguística. A análise dos dados nos mostrou que estereótipos embutidos nas representações expressas pelos informantes não são fruto de observações individuais. São, antes de tudo, uma construção coletiva de vários elementos que, somados, formam um conjunto de ideias que acabam por ter valor de verdade. De fato, observamos, nos discursos dos falantes, representações que demonstram atitudes positivas e/ou negativas da parte desses informantes. Pelos depoimentos colhidos, fica patente que, por trás dessas representações, age o conceito de norma de uma gramática prescritiva e de língua pura. Normas de correção, em nome de uma língua portuguesa única e de um inglês perfeito, são o que orienta quase a totalidade dos discursos. A justificativa é de que essas misturas, que caracterizam um português “errado”, estão relacionadas a fatores extralinguísticos como origem, baixos níveis de escolaridade, socioeconômico e de proficiência na língua inglesa, embora tenhamos observado algumas contradições nos próprios discursos, às vezes, na mesma resposta. Como exemplificamos no contínuo de monitoração estilística, os entrevistados que têm, ao mesmo tempo, os menores níveis de escolaridade e de proficiência no inglês (informação dada pelos próprios informantes) são os que fazem menos uso da mistura.

Vale ressaltar mais uma vez que, em Framingham, há uma presença maciça de imigrantes brasileiros, principalmente advindos da região de Governador Valadares, em Minas Gerais. Devido à predominância dessa população no local, os traços culturais e linguísticos característicos desse grupo, hábitos e sotaque, se sobressaem em relação aos dos imigrantes oriundos de outras regiões do Brasil. Assim, as diferentes variantes linguísticas do português brasileiro entram em contato entre si em terreno americano e entram em contato ao mesmo tempo com a variedade do inglês falado em Framingham. Outras imigrações, como a hispânica, por exemplo, sendo a segunda maior depois da brasileira, fazem parte desse contexto multilíngue, como foi demonstrado em alguns trechos do trabalho.

A mistura das variantes do português brasileiro com a do inglês americano é reconhecida por todos os informantes, tanto que a nomeiam (categorização), fazem inferências sobre a razão do uso, locais onde é mais usada etc. Categorizações sobre a mistura, mais do que o nome “mistura” propriamente, nos dão a medida sobre o tipo de representações que a ela se relacionam. Os entrevistados não apresentaram atitudes negativas ao categorizarem a mistura como “dialeto”, “gíria”, “invenção”, “linguagem do país”, “mistura”, “melting pot”, “português”, “uma nova linguagem” e “variação”. Observamos também que as respostas do questionário sociolinguístico em relação à *opinião sobre a mistura*, “boa” (36%) e “nem boa nem ruim” (39%); “não tenho opinião sobre o assunto” e “ruim” (14 e 11%, respectivamente), indicam um baixo índice de rejeição sobre o fenômeno. Entretanto, ao se identificarem com as normas de correção da gramática prescritiva e com a concepção de língua pura, os informantes revelam comportamentos linguísticos de caráter estereotipados, vindo à tona conceitos como “certo” e “errado”, “feio” etc. Quanto ao local de origem, não encontramos coocorrências que confirmassem a relação entre a localização Valadares e mistura de línguas ou a conceitos estigmatizantes. Entretanto, a zona rural, representada pela palavra *roça*, foi relacionada à pobreza, ao baixo nível educacional e ao “interior de Valadares”, o que mostra que tais categorias também contribuem para a estigmatização, não apenas do imigrante como indivíduo e como grupo, mas também do tipo de mistura linguística que ele produz.

Língua e identidade são indissociáveis e mantêm entre si uma relação dialética, ou seja, os fatores que interferem em uma acabam por afetar a outra. No mundo globalizado, em que as mobilidades “reais” e virtuais estão cada vez mais intensas, há cada vez mais misturas de línguas, mesmo para aqueles que não se deslocam concretamente. A tradução, nesse contexto, é o *inbetweenness*, é a instabilidade, em que se localiza a própria mistura de línguas. O imigrante viaja, sai do seu lugar de origem para viver em outro lugar ou outros lugares. Essa mobilidade o coloca diante de mundos e línguas diferentes do lugar que deixou. O contato com outra(s) línguas(s) e a construção de outra(s) identidade(s) como imigrante, cujo local de destino não significa necessariamente o ponto final de chegada (ou partida), traz um estranhamento. É a condição de quem não fica passivo, pois há antes de tudo a necessidade de

sobrevivência, há sonhos seus e dos que ficaram para realizar. Há o inglês que ele não conhece. Há um português que ele não reconhece.

Nessa negociação de novos espaços e novas identidades, os sujeitos de nossa pesquisa constroem suas representações de mundo através da língua (ou variações de língua), ela própria em construção.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Daniela Aparecida; MUNZLINGER, André; HACK, Josias Ricardo. A norma linguística e os programas de entretenimento da televisão aberta brasileira. *Temática*, Paraíba, PPGC/UFPB, ano IX, n. 8, p. 01-20, ago. 2013. ISSN 1807-8931. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2013/Agosto/norma_linguistica_televisao.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2014.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40354/1/01d17t03.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da gramática do português. *Revista da ABRALIN*, Belém, v. eletrônico, n. especial, 1ª parte, p. 291-332, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-1o-parte/o-discurso-da-gramatica-do-portugues.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella. *Sotaque mineiro: é ilegal é imoral ou engorda*. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=627:sotaqui_mioiiao:_i_iligal,_imoaal_ou_iogoiaia?&catid=1:post-artigos&Itemid=61>. Acesso em: 16 maio 2014.

_____. Pedagogia: Educação e Língua Materna. In: *Curso de Pedagogia para Professores em Exercício no Início de Escolarização*. Governo do Acre-Fundação Universidade de Brasília. [S.l.: s.n.], 2001.

_____. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 264 p., 16x23cm. ISBN 978-85-88456-33-4.

BOZTEPE, Erman. Issues in code-switching: competing theories and models. Teachers College, Columbia University Working Papers. *TESOL & Applied Linguistics*, v. 3, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://journals.tc-library.org/ojs/index.php/tesol/article/view/32/37>>. Acesso em: 16 maio 2014.

CALVET, Louis-Jean Language wars and linguistic politics. Translated by Michel Petheram. Oxford [England] ; New York : Oxford University Press, 1998.

CADIOT, P. As Misturas de Língua. In: VERMES, G. (Org.). *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p. ISBN 978-85-61482-25-1. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 16 maio 2014.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. 176 p., 12x18cm. ISBN: 978-85-88456-05-1.

CAMPOS, Emerson César de; ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. As redes sociais na configuração da migração internacional para os Estados Unidos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34, 2010, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2010. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=370%3Aanais-do-encontro-sts-frs-e-mrs-&catid=51%3A34o-encontro&Itemid=350>. Acesso em: 16 maio 2014.

CLYNE, Michael. *Dynamics of Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 58 p., 18 cm. ISBN 85-7110-855-2.

DURAN, Marília Claret Geraes. Representações sociais: uma instigante leitura com Moscovici, Jodelet, Marková e Jovchelovitch. *E d u c a ç ã o & Linguagem*, São Paulo, v. 15, n. 25, p. 228-243, jan.-jun. 2012. ISSN Impresso: 1415-9902. ISSN Eletrônico: 2176-1043. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3354/3075>>. Acesso em: 16 maio 2014.

ESPINDOLA, Maria Lúcia Evangelista. *O portinglês falado por imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. 2001. 57 f. Monografia (bacharelado) –Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia, 2001. Disponível em: <<http://portinglesdosimigrantes.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 maio 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 3, p. 37-61.

FERNANDES, D. Residents taking sides over immigration-status vote: bubbling tension. *Boston Globe*. Boston, maio 2013. Disponível em: <<http://www.bostonglobe.com/metro/regionals/west/2013/05/11/framingham-residents-taking-sides-over-town-meeting-immigration-status-vote/UCeSrd8RYZF0fQ6lYCPHgK/story.html>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

FERREIRA, Alice Maria Araújo. Um possível *ethos* do traduzir no “entre-lugar” do imigrante/emigrante. *Caderno de resumos do XI Congresso Internacional da ABRAPT e V Congresso Internacional de Tradutores*. UFSC, Florianópolis, de 23 a 26 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://abrapt.wordpress.com/2013/04/29/simposio-conflitos-e-desafios-do-entre-lugar-da-traducao-e-doa-tradutora-na-contemporaneidade/>>. Acesso em: 16 maio 2014.

FERRARA, L; TAYLOR, E. Language mixing in bilingual English/ASL discourse. Paper presented at the University of Melbourne Linguistics and Applied Linguistic Post Graduate Conference, University of Melbourne, November, 2008. p. 20-21.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/721715/Language_mixing_in_American_Sign_Language_English_bilingual_discourse>.

FERREIRA, Alice Maria; ROSSI, Ana Helena. Antropofagia, mestiçagem e estranhamento: tradução em (dis)curso. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 31, p. 35-55, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2013v1n31p35/24999>>. Acesso em: 16 maio 2014.

FIORIN, José Luiz. Língua, identidades e fronteiras. *Diversitas*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/diversitas/article/viewFile/58381/61382>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

FREITAS, Lucia Gonçalves de. Imigrantes brasileiros nos EUA: língua e identidade. In: ENCONTRO NACIONAL DO GELCO, 2., 2003, Goiânia. *Textos...* Brasília: UnB, 2003, p. 1235-1245. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/luciafreitasbr/Textos/imigbrasneualingeind.htm>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

FUSCO, Wilson. A formação de comunidades-filhas no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 55-63, jul./set. 2005. ISSN 0102-8839. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v19n03/v19n03_05.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2014.

GOROVITZ, Sabine. A tradução como contato de línguas. *Traduzires*, v. 1, n. 2, p. 74-85, dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8052/6122>>. Acesso em: 16 maio 2014.

GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982. 370 p.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello; Dilys Karen Rees. *Revista UFG*, Goiânia, v. 5, p. 163-176, dez. 2008. Disponível em: <

http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2008/traducao.html>. Acesso em: 16 maio 2014.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc>. Acesso em: 16 maio 2014.

HEATH, Jeffrey G. Language Contact and Language Change. *Annual review of anthropology*, v. 13, p. 367-384, 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2155674>>. Acesso em: 16 maio 2014.

HEYE, J. Considerações sobre bilingüismo e bilingüidade: revisão de uma questão. *Palavra*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 30-38, 2003.

JIMENEZ-BELLVER, Jorge. *Un pie aquí y otro allá: Translation, Globalization, and Hybridization in the New World (B) Order*. 2010. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts Amherst. Comparative Literature Translation Studies, Amherst, 2010.

Disponível em: <<http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1505&context=theses>>. Acesso em: 16 maio 2014.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44. Disponível em: <<http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

JOUËT-PASTRÉ, Clémence. Tramando em língua portuguesa: fragmentos e continuidades. *Platô*, v. 1, n. 2, p. 6-19, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/781082-Plato-Volume-1-N-2-Coloquio-da-Praia-V1-1/>>. Acesso em: 16 maio 2014.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008, 392 p. ISBN 978-85-88456-85-

3. Disponível em: < <http://www.parabolaeditorial.com.br/padroes3-18.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

LOPES, Maria Cecília. Tradução, padrões e nuances: um estudo de Linguística de Corpus sobre diferentes prosódias semânticas na língua fonte e na língua alvo. *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 11, n. 3, p. 747-772, 2011. ISSN 1984-6398. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982011000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 16 maio 2014.

LUCCHESI, Dante (Org.). *O português afro-brasileiro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0596-6. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/p5/pdf/lucchesi-9788523208752.pdf>> Acesso em: 16 maio 2014.

LUCCHESI, Dante; SILVANA Araújo. A teoria da variação linguística [em linha]. In: *Vertentes do português popular do Estado da Bahia*, 2010. Disponível em:

<<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 16 maio 2014.

MACHADO, I. J. R.; REIS, Ellen Saraiva. Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa*, v. 16, p. 153-166, 2007. Disponível em: < <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/36/96>>. Acesso em: 16 maio 2014.

MARGOLIS, Maxine. Solidariedade e clivagem (Crítica). *Novos estudos*, n. 58, p. 245 e 246, novembro de 2000.

MESSA, R. O papel do dialeto no desempenho de alunos na prova de proficiência *Deutsches Sprachdiplom I. Contingentia*, UFRS, v. 3, n. 1, 2008. Disponível em:<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/4157/2198>>. Acesso em: 16 maio 2014.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

MOTA, Kátia Maria Santos. Português brasuca um dialeto emergente. *Polifonia*, v. 13, p. 23-44, 2007. ISSN 0104-687X. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/139.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

MOZZILLO, Isabella. Aspectos da conversação bilíngue reinterpretados a partir do Princípio da Relevância. *Revista da ABRALIN*, v. 2, n. 1, p. 51-85, jul. 2003. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV2N1/artigo2/RV2N1_art2.pdf>. Acesso em: 16 maio 2014.

MOZZILLO, Isabella. O mito da pureza linguística confrontado pelo conceito de code-switching. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, p. 1-8, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/mito_da_pureza_linguistica.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2014.

O'CONNELL, S. Framingham adult ESL program sees decline in Portuguese speakers. *The MetroWest Daily News*, Oct 13, 2013, 12:01 a.m. Disponível em: <<http://www.metrowestdailynews.com/x1155176701/Framingham-adult-ESL-program-sees-decline-in-Portuguese-speakers>>. Acesso em: 16 maio 2014.

OGLIARI, Marlene Maria. Contato, diglossia e bilinguismo: situações linguísticas gestadas em Prudentópolis, Paraná. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, p. 1075-1082, 2003. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/149.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

OLIVEIRA, Gláucia de et al. A Segunda Geração de Emigrantes Brasileiros Rumo aos Estados Unidos: Problemas e Perspectivas. *Revista Percursos*, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1529/1290>>. Acesso em: 16 maio 2004.

OSTI, Andreia. *Representações de alunos e professores sobre ensino e aprendizagem*. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000477805&opt=1>.

Acesso em: 16 maio 2004.

PORTES, Alejandro; HAO, Lingxin. *E Pluribus Unum: bilingualism and loss of language in the second generation. Sociology of Education*, v. 71, n. 4, p. 269-294, out., 1998. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2673171>. Acesso em: 16 maio 2004.

PORTO, Renata Sobrino. Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. *Revista virtual de estudos da linguagem*, v. 5, n. 9, ago 2007. ISSN 1678-8931. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 16 maio 2004.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 6. ed. Campinas: Mercado, 1996. ISBN 85 85725-24-9. Disponível em: http://zellacoracao.files.wordpress.com/2009/03/porque-nao_ensinar_gramatica_escola.pdf. Acesso em: 16 maio 2004.

PRICE, Joshua M. et al. *Lenguas híbridas, traducción y desafíos poscoloniales. Íkala*, n. 12 (1), p. 61-93, 2007. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/ikala/article/view/2713/2166>. Acesso em: 16 maio 2004.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1988.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2012, v. 6, p. 362-372. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_1/031.pdf. Acesso em: 16 maio 2014.

RUBINSTEIN-AVILA, Eliane. Brazilian Portuguese in Massachusetts's linguistic landscape: a prevalent yet understudied phenomenon. *Hispania*, v. 88, n. 4, p. 873-880, Dec., 2005. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/20063216?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104180231103>>. Acesso em: 24 maio 2013.

SALES, Teresa. *Imigrantes Brasileiros nos EUA – Cidadania e Identidade*. Criciúma: [s.n.], 2001.

SALES, Teresa. ONGs brasileiras em Boston. *Estud. av.*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 75-91, ago. 2006. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 16 maio 2014.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LIBERTO, Heloisa; CARAPETO-CONCEICAO, Robson. *Questões de interculturalidade no ensino da língua alemã como segunda língua DaZ (Deutsch als Zweitsprache): o caso dos "ovinhos de Páscoa" (Ostereier)*. *Pandaemoniumger* [online], n. 16, p. 204-219, 2010. ISSN 1982-8837. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372010000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 16 maio 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133 p. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/2030/2018>>.

SIQUEIRA, Sueli. Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal. In: PADILLA, Beatriz (Org.). *Migrações entre Portugal e América Latina*. *Migrações*, n. 5, p. 19-35, out. 2009. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art1.pdf >. Acesso em: 16 maio 2004.

SIQUEIRA, Sueli; SANTOS, M. A. Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. *Travessia*, v. 1, p. 27-47, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/550077-Travessia-Revista-do-Migrante-numero-70/>>. Acesso em: 16 maio 2004.

SKORCZESKI, Laura. *Ethnic Place Making: Thirty Years of Brazilian Immigration to South Framingham, Massachusetts*. 2009. 214 f. Tese (Doutorado) – Department of

Geography, Portland State University. 2009. Disponível em: <http://www.academia.edu/235060/Ethnic_Place_Making_Thirty_Years_of_Brazilian_Immigration_to_South_Framingham_Massachusetts>. Acesso em: 16 maio 2004.

SOUZA, F. F.; JESUS, L. M. C.; GOMES, N. S. A variação linguística e a norma culta. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 4, n. 10, jul. 2013. ISSN: 2178-1486. Disponível em: <www.sociodialeto.com.br>. Acesso em: 16 maio 2004.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA Jr., Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 113-133. Disponível em: <www.osdemethodology.org.uk/texts/lynnbhabha.pdf>. Acesso em: 16 maio 2004.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). *Kriterion* [online]. 2005, v. 46, n. 112, p. 191-198. ISSN 0100-512X. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200005&script=sci_arttext>

Acesso em: 16 maio 2004.

APÊNDICES

PESQUISA DE CAMPO – INFORMANTES DE 2001

APÊNDICE A – Formulário de Pesquisa

1. Localidade: Cidade de Framingham, Estado de Massachusetts, EUA

1. Sexo:

a) Masculino

b) Feminino

2. Faixa etária:

3. Grau de instrução:

4. Profissão:

5. Nível de inglês:

6. Tempo de permanência nos EUA:

APÊNDICE B – Amostragem Analisada

A amostra é de trinta falantes em conversas espontâneas gravadas, entrevistas e depoimentos. São situações cotidianas, no trabalho, em reuniões familiares, no carro.

A amostragem analisada é constituída do seguinte modo:

a) Informante 01:

-Sexo = masculino

-Faixa Etária = 41 anos

-Grau de Instrução = Superior incompleto

- Profissão = Assistente de gerente de produção
- Nível de inglês = Fluência oral
- Tempo de permanência nos EUA = 13 anos

b) Informante 02:

- Sexo = Feminino
- Faixa Etária = 39 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído
- Profissão = Gerente de serviços de limpeza
- Nível de inglês = Fluência oral
- Tempo de permanência nos EUA = 12 anos

c) Informante 03:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 43 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído (técnico agrícola)
- Profissão = Operador de máquina
- Nível de inglês = Pouca fluência
- Tempo de permanência nos EUA = 9 anos

d) Informante 04:

- Sexo = Feminino
- Faixa Etária = 45
- Grau de Instrução = Superior completo
- Profissão = Proprietária de firma de limpeza
- Nível de inglês = Fluência na fala e na escrita
- Tempo de permanência nos EUA = 15 anos

e) Informante 05:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 48 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído
- Profissão = Operador de máquina

- Nível de inglês = Pouca fluência
- Tempo de permanência nos EUA = 8 anos

f) Informante 06:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 32 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído (técnico agrícola)
- Profissão = Operador de máquina
- Nível de inglês = Pouca fluência
- Tempo de permanência nos EUA = 7 anos

g) Informante 07:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 43 anos
- Grau de Instrução = Médico veterinário
- Profissão = Operador de máquina
- Nível de inglês = Pouca fluência
- Tempo de permanência nos EUA = 7 anos

h) Informante 08:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 29 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído (técnico em contabilidade)
- Profissão = Montador
- Nível de inglês = Depende de outros para se comunicar nesta língua
- Tempo de permanência nos EUA = 5 anos

i) Informante 09:

- Sexo = Masculino
- Faixa Etária = 27 anos
- Grau de Instrução = Nível médio concluído
- Profissão = Montador
- Nível de inglês = Depende de outros para se comunicar nesta língua

-Tempo de permanência nos EUA = 2 anos

j) Informante 10:

-Sexo = Masculino

-Faixa Etária = 53 anos

-Grau de Instrução = Nível médio concluído

-Profissão = Procurando trabalho

-Nível de inglês = Depende de outros para se comunicar nesta língua

-Tempo de permanência nos EUA = 3 meses

k) Informante 10:

-Sexo = Feminino

-Faixa Etária = 35 anos

-Grau de Instrução = Nível médio concluído

-Profissão = Faxineira e ajudante de garçom

-Nível de inglês = Fluente

-Tempo de permanência nos EUA = 8 anos

PESQUISA DE CAMPO - INFORMANTES DE 2013

APÊNDICE C – Tópicos da entrevista (Geral)

1. Como você vê a mistura do português com o inglês?
2. Que nome você daria a essa mistura de línguas?
3. Você acha que houve mudança nessa mistura ao longo do tempo? como?
4. A televisão e o acesso fácil à internet (Skype, facebook, e celular) interferem de que forma?
5. Você acha que essa mistura interfere na aprendizagem do inglês?
6. Você já retornou ao Brasil nesse tempo (decisão de retorno permanente ou a passeio)?

7. Você tem vontade de voltar ao Brasil de forma permanente?
8. Quando você vai ao Brasil, você mistura as línguas?
9. O que sua família e amigos acham disso?
10. Você acha que quem acabou de chegar do Brasil começa a misturar o português com o inglês logo?
11. Por que você acha que isso acontece (para se enturmar, para ficar mais fácil conseguir trabalho)?
12. E com relação a você?
13. E você, fala mais inglês ou português no seu dia a dia?
14. Quais as palavras ou expressões mais comuns?
15. Você mistura mais com palavras ou frases inteiras?
16. Por que você acha que as pessoas misturam?
17. Você acha que quando as pessoas misturam elas se sentem à vontade, elas gostam ou elas se sentem desconfortáveis?
18. Seus filhos falam português em casa ou quando estão no meio de brasileiros (igreja, reuniões, churrasco, festa)?
19. O que eles acham da mistura das línguas?
20. Eles também misturam quando falam português?
21. Você acha importante seus filhos falarem e escreverem em português?
22. Se misturam, é de maneira diferente? Pode me dar um exemplo?
23. Há pessoas que acham que misturar as duas línguas não é bom para o português, você concorda? Por quê?
24. Para você que está aqui há ____ anos e fala bem o inglês, por que acha que ainda mistura?
25. Você acha que é possível controlar esse jeito de falar?

26. Você se considera um imigrante?
27. Você se relaciona (tem amigos) com os americanos?
28. Na sua vizinhança (seus vizinhos), há mais americanos ou brasileiros?
29. Como você se relaciona com o vizinho americano?
30. Quando fala inglês você também mistura?
31. Você acha que algumas pessoas misturam por esporte (de propósito)? Por que você acha que elas fazem isso?
32. O que você acha que pode acontecer se o português não for incentivado?
33. Você acha que é responsabilidade dos pais ou da escola ou os dois juntos?
34. Você investe no Brasil? Se a resposta for positiva, é apenas como investimento, ou com intenção de retorno, ou os dois?
35. Como você acha que a crise americana e a mudança na economia brasileira nos últimos anos têm afetado o desejo de retornar ao país?
36. Você acha que o brasileiro, mesmo o que mora aqui já há alguns anos, sente parte da vida ou da cultura americana de um modo geral?
37. Você acha que isso interfere em sua decisão de retornar ao Brasil?

APÊNDICE D – Questionário sociolinguístico

Universidade de Brasília – Programa de Mestrado em Tradução

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO (Número: _____) – FRAMINGHAM - Maio de 2013

Por favor, responda às perguntas abaixo:

1. Sexo
 - a. Masculino
 - b. Feminino

2. Idade: _____
3. Escolaridade:
 - a. Ensino fundamental completo
 - b. Ensino fundamental incompleto
 - c. Ensino médio completo
 - d. Ensino médio incompleto
 - e. Ensino superior completo
 - f. Ensino superior incompleto
4. Profissão: _____

5. Quanto tempo você está nos Estados Unidos?

6. Sua família o(a) acompanhou? Deixou filhos, esposa(o)?
 - a. Sim
 - b. Não
7. Por qual o motivo você veio para os Estados Unidos?
 - a. Trabalho
 - b. Estudos
 - c. Acompanhar a família
 - d. Outro motivo (qual)
8. Em sua opinião, a mistura do português com o inglês é
 - a. Boa
 - b. Ruim
 - c. Nem boa nem ruim
 - d. Não tenho opinião sobre o assunto
9. Você acha que a mistura do português com o inglês acontece mais
 - a. Em casa
 - b. No trabalho
 - c. Na escola
 - d. Na igreja
 - e. Entre amigos
10. Quando você vai ao Brasil
 - a. Seus amigos e sua família acham que o seu português está diferente
 - b. Eles não percebem nenhuma diferença
 - c. Ainda não voltei ao Brasil
11. Você acredita que, em outras partes dos Estados Unidos, os imigrantes brasileiros também misturam o português com o inglês
 - a. Sim
 - b. Não

- c. Não sim
12. Você acha que assistir aos programas e às novelas da TV brasileira nos Estados Unidos
- a. Ajuda a manter o português
 - b. Não faz diferença
 - c. Assistio pouco a esses programas e essas novelas
 - d. Só assisto ao futebol
 - e. Não assisto à tevê brasileira
13. Em que cidade e estado você morava no Brasil?
-
14. Normalmente você passa as férias no Brasil?
- a. Sim
 - b. Não
 - c. Ainda não voltei ao Brasil
15. Você pensa em retornar ao Brasil?
- a. Sim
 - b. Não
 - c. Talvez
16. Se a resposta for SIM, esse retorno seria:
- a. Definitivo
 - b. Provisório
 - c. Parte no Brasil, parte nos Estados Unidos
17. Você mora
- a. Sozinho (a)
 - b. Com a família
 - c. Divide com amigos
 - d. Religião
18. Em relação à sua religião, você é
- a. Evangélico (a)
 - b. Católico (a)
 - c. Espírita
 - d. Nenhuma das opções acima
 - e. Não quero responder
19. Você tem filhos?
- a. Sim
 - b. Não
20. Se a resposta for sim, quantos filhos (as) você tem?
-
21. Qual a idade deles?
-
22. Eles estudam ou estudaram em escola bilíngue?
- a. Sim

- b. Não
23. Em casa, seus filhos falam com você em
- Português
 - Inglês
 - Misturam as duas línguas
24. A língua mais falada em casa é
- Português
 - Inglês
 - Português misturado com inglês
25. A língua mais falada em seu local de trabalho é
- Português
 - Inglês
 - Português misturado com inglês
 - Outra (qual)
26. A língua mais falada em sua igreja é
- Português
 - Inglês
 - Português misturado com inglês
 - Outra (qual)
27. A língua mais falada em sua escola é
- Português
 - Inglês
 - Português misturado com inglês
 - Outra (qual)
28. A língua mais falada nos encontros ou reunião com amigos é
- Português
 - Inglês
 - Português misturado com inglês
 - Outra (qual)
29. Em relação à língua inglesa
- Fala () muito bem () bem () um pouco () muito pouco
 - Escreve () muito bem () bem () um pouco () muito pouco
 - Fala e escreve () muito bem () bem () um pouco
 - () muito pouco
 - Entendo, mas não falo nem escrevo
 - Entendo mas não falo
30. Onde você costuma se reunir com os amigos?
- Em suas casas
 - Igreja
 - Bar ou clube
 - Nenhuma das opções acima

31. Em seu grupo de amigos, há mais
- Brasileiros
 - Americanos
 - Pessoas de outras nacionalidades
32. Você costuma sair também com americanos ou pessoas de outras nacionalidades?
- Sim
 - Não
 - Quase não saio
33. Você se relaciona com a população americana de Framingham
- Muito
 - Pouco
 - Nenhuma
 - Tenho apenas relação de trabalho
34. A sua profissão nos Estados Unidos é a mesma que você desempenhava no Brasil?
- Sim
 - Qual?
 - Não